

**Universidade Federal de Pelotas**  
**Programa de Pós-graduação em História**



Dissertação

**Louïze Labé:**

Interações, estratégias e o lugar do feminino em *Debate*

**Luiane Soares Motta**

Pelotas, 2014

**Luiane Soares Motta**

**Louïze Labé:**

Interações, estratégias e o lugar do feminino em *Debate*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Inez Klein  
Coorientador: Prof. Arthur Ávila

Pelotas, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

M921l Motta, Luiane Soares

Louíze Labé : interações, estratégias e o lugar do feminino em debate / Luiane Soares Motta ; Ana Inez Klein, orientadora ; Arthur Lima de Ávila, coorientador. — Pelotas, 2014.

133 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Louíze Labé. 2. História e literatura. 3. Feminino. 4. Renascimento. 5. Resistência. I. Klein, Ana Inez, orient. II. Ávila, Arthur Lima de, coorient. III. Título.

CDD : 305.4

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Luiane Soares Motta

Louíze Labé:

Interações, estratégias e o lugar do feminino em *Debate*

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 23/04/2014

Banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Ana Inez Klein (orientadora)

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Colling

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rejane Barreto Jardim

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

*À Odilaine, Salustiano, Cezar e Jo com grande sentimento e humildade.*

## Agradecimentos

Durante a jornada da escrita, são muitos os obstáculos, porque ao mesmo tempo em que somos jogados para um universo interior – nós mesmos, com as nossas reflexões – a realidade fora de nós não pára, e nem queremos isso. Então torna-se um duplo esforço: o cansaço do isolamento e a batalha por ele.

É justamente aí que inicio meus agradecimentos. Nem sempre é fácil para os familiares entenderem essa jornada, mas sem o apoio deles, ela se torna impossível. Então, agradeço muito a compreensão e a colaboração *da minha gente*, em tantos momentos. Agradeço à minha mãe e minha irmã, por suas memórias terem me deixado tanta beleza, motivação, bondade e força, pois foi, muitas vezes, através da lembrança, que conseguiram amenizar à minha rudeza e, mesmo com suas ausências físicas me inspiraram a conhecer, a querer, e foram capazes de me iluminar nos momentos difíceis - oportunizando e influenciando todo o meu estudo, fazendo levantar a cabeça e ir à luta em muitos momentos. Agradeço ao meu pai, que se não fosse por alguns de seus ensinamentos, por vezes, até contradições, essa luta talvez nem teria se realizado desta maneira, nem teria feito tantas proezas e conquistas, que só por sua sabedoria e firmeza, tão necessárias e, por vezes, tão difíceis de assim entender, me ajudaram a crescer. A meu irmão Cezinha e minhas grandes amigas e quase irmãs, Lidiane e Clara, que foram meu muro das lamentações e ombro das motivações.

Ainda, sou infinitamente grata aos outros tantos amigos, principalmente (!), aos que leram meus textos, e ajudaram-me quando fizeram suas críticas e sugestões, e também quando concordaram comigo (enfim!). Não posso simplesmente enumerá-los por temor de esquecer, devido a longura do percurso, a alguns que tiveram tanta presteza em diversos momentos, acadêmicos ou não.

Além dessa gratidão à primeira casa, presto um reconhecimento muito grande aos mestres desta parte jornada: à professora Ana pela sua acolhida tão calorosa, pelos seus saberes e pelos seus estímulos companheiríssimos e à professora Rejane por ter propiciado tanto conhecimento, tantas leituras valiosas e ter sido tão reconfortante em alguns momentos de desespero. Ao professor Aristeu, que batalhou comigo muitas vezes pela bolsa, além de sua boa vontade, sua cumplicidade foi vital. Ao professor Edgar e ao professor Arthur, pelos ensinamentos acompanhados de muito bom humor.

Aos companheiros de bar fica um apreço e um abraço pelos debates infundáveis, dos quais não mudamos opinião nenhuma, mas que aprendemos valiosíssimas lições e tantas outras coisas das quais marcam cada um com um tom: o muito sábio Rodrigo, a refinada Maria Clara, o provocante Felipe, a generosa Geza e a rebelde Marília. Esses momentos de sabedoria, extremamente reveladores das melhores coisas da vida, foram importantes para o sentimento de pertencimento a esse lugar que ocupamos na academia.

A uma força superior, que uns chamam Deus, Jeová, Oxalá e o que mais decidirem nomeá-la, porque, sinceramente, às vezes, penso que só Ela pra me aguentar e acompanhar nas indiadadas que se inventa na vida.

À Universidade Federal de Pelotas por propiciar um trajeto de conhecimento.

E, por último, mas não menos importante, agradeço à FAPERGS, que possibilitou uma jornada menos complicada me dando seu valioso incentivo financeiro.

Espero que, desde já, me perdoem por alguma omissão aqui, pois o tempo e a tarefa de agradecer não são fáceis, ao contrário, é algo delicado, extenso e complexo para meu cérebro um tanto relapso, mas que possam se sentir de alguma forma agradecidos.

*Estou fruindo o que existe. Calada, aérea, no meu grande sonho. Como nada entendo - então adiro à vacilante realidade móvel. O real eu atinjo através do sonho. (Clarice Lispector, 1977)*

## Resumo:

A presente pesquisa trata do universo feminino trazido pela autora Louïze Labé, que viveu durante o século XVI, na cidade francesa de Lyon. A expressão de sua escrita possibilita-nos compreender não só o seu sujeito e sua postura diante da sociedade, como também o seu próprio entorno e os delírios que nele habitaram. Assim, é a partir dessa escrita literária também, que em seu misto entre o exterior do indivíduo e as próprias elucubrações, analisou-se as relações que permeiam o ser/estar no feminino naquele contexto. É num discurso que em nada ambiciona ser a Verdade, que se enxergou elementos que constaram na sua vivência. Ao mesmo tempo, as próprias inverdades dessa sua produção engendra-se com o contexto ao percebermos a relação ambígua entre o ser mulher, ser autora e possuir ambições, por trazerem os interditos ao feminino. Tudo isso, durante um tempo que, mesmo tão distante temporalmente de nosso presente, liga-se muito a ele e apresenta situações que permitem elucidar os moldes nos quais se baseiam o processo *genderificado* que regulam ainda a nossa própria contemporaneidade.

Palavras-chave: Louïze Labé; história e literatura; feminino; Renascimento; resistência.

## Résumé:

Cette recherche porte sur l'univers féminin créé par l'auteur Louïze Labé, qui a vécu au XVI<sup>e</sup> siècle dans la ville française de Lyon. L'expression de son écriture nous permet de comprendre non seulement son sujet et son attitude à l'égard de la société, mais aussi leur propre environnement et les illusions qui l'habiteront. Ainsi, à partir de l'écriture littéraire, dans le mélange de l'expérience de l'individu et de ses élucubrations, que nous avons analysé les relations qui imprègnent l'être / vivre dans le féminin du contexte. Ce n'est pas une écriture qui aspire à "être" la vérité, mais il y a des éléments constants de son expérience. En même temps, des contreverités dans sa production nous permettent d'obtenir la relation ambiguë entre être une femme, être un auteur et avoir des ambitions, à une époque qui, même loin du présent, se lie à des situations actuelles et qui permet d'élucider les moules dans qui sont basés sur le processus *genderificado* qui régit notre contemporanéité.

Mots-clés: Louïze Labé; histoire et littérature; féminin; Renaissance; résistance.

## **Abstract:**

This research is about the feminine universe brought by the author Louïze Labé, who lived during the sixteenth century, in the French city of Lyon. The expression of her writing allows us to understand not only its subject and her attitude to society, as well as their own surroundings and delusions that therein dwell. Thus, it is from the literary writing, which in its mixed with individual experiences and her elucubrations, we analyzed the relationships that permeate the being / living in the gender feminine that context. It is a writing that doesn't aim the Truth, but presents many elements contained in her existence. At the same time, their own untruths are production that enables us to realize the ambiguous relationship between being a woman, being an author and her ambitions in a time that, even as far temporally, binds to our present and shows situations that allow us to elucidate the manner by which are based the process of gender that regulates our own contemporaneity.

Key-words: Louïze Labé; history and literature; feminine; Renaissance; resistance.

## Sumário

|                                                                                                                                                          |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Introdução.....</b>                                                                                                                                   | <b>13</b>  |
| <b>Capítulo 1. “Et toi femme inconnue, oses tu te faire plus grande que moy?”<br/>saberes e lugares da intelectual Louïze Labé.....</b>                  | <b>28</b>  |
| 1.1. A quinhentista.....                                                                                                                                 | 29         |
| a. Fenômenos socioeconômicos: <i>Trocas de Ares e Lugares</i> .....                                                                                      | 30         |
| b. Fenômenos políticos: o reempoderamento da figura secular do rei e os<br>litígios.....                                                                 | 37         |
| c. As dissonâncias de discursos religiosos: a Reforma e Contrarreforma                                                                                   | 42         |
| 1.2 – A lionesa.....                                                                                                                                     | 45         |
| 1.3 – A autora.....                                                                                                                                      | 56         |
| a. A polêmica: a criatura de papel?.....                                                                                                                 | 63         |
| b. Uma criatura no papel.....                                                                                                                            | 73         |
| <b>Capítulo 2. “De mes yeux le pouvoir”: as divagações sobre os limites da razão<br/>às tão ilimitáveis estratégias de resistência na narrativa.....</b> | <b>82</b>  |
| 2.1. Loucura, Amor e (des)razão: os usos dos significantes e dos<br>significados.....                                                                    | 85         |
| 2.2. A Literatura para resistir.....                                                                                                                     | 92         |
| 2.3. O poético para denunciar.....                                                                                                                       | 101        |
| a. A relação “da Outra” com o Mesmo.....                                                                                                                 | 106        |
| b. O encontro das palavras com o feminino: o seu lugar.....                                                                                              | 116        |
| <b>Considerações Finais.....</b>                                                                                                                         | <b>124</b> |
| <b>Fontes Utilizadas.....</b>                                                                                                                            | <b>130</b> |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>                                                                                                                   | <b>131</b> |

## Introdução

*Épouser une sotte est pour n'être point sot.[...]  
Mais une femme habile est un mauvais présage;[...]  
Et que viteraient marquis et beaux esprits,  
Tandis que, sous le nom du mari de madame,  
Je serais comme un saint que pas un ne réclame?  
Non, non, je ne veux point d'un esprit qui soit haut;  
Et femme qui compose en sait plus qu'il ne faut.  
Je prétends que la mienne, en clartés peu sublime,  
Même ne sache pas ce que c'est qu'une rime<sup>1</sup>. (Molière, 1662-3)*

O excerto do autor francês Molière, que viveu no século XVII, serve-se da ironia, em sua comédia teatral, para abordar, a partir da literatura, alguns aspectos que se inspiram na sociedade de sua época. O personagem principal *Arnolphe*, em tal fala, recusa veementemente a possibilidade de esposar uma mulher que se dedique às letras e possua algum talento. Tem ela de ser mais estúpida, para que ele não seja considerado “apenas” um *mari de madame*. O universo literário possibilita alguns desses gracejos. Através dele, escarnece-se, resiste-se, zomba-se de costumes, sem, no entanto, estar sujeito a seu linchamento social, ou outra punição (em algum sentido, é claro). Aliás, o sarcasmo tem dessas coisas: diz sem efetivamente dizer, e só podemos compreendê-lo a partir de outros elementos intra e extratextuais.

Tal situação também pode fazer-se coincidente com outros textos da época e, inclusive, com autores anteriores, como é o caso da escritora cuja obra é objeto deste estudo: Louïze Labé. Labé viveu durante o século XVI, em Lyon, e as relações que a autora percebeu quanto à presença feminina, diz-nos, mesmo quando indiretamente e despropositadamente quanto a esse objetivo, algo de seu tempo, a

---

<sup>1</sup> O respectivo trecho ocorreu por livre tradução de autoria própria (a partir de agora, apontado pelas siglas "T. A." - Tradução de Autoria própria):

*Esposar uma besta é por não ser nem um pouco besta [...]  
Mas uma mulher hábil é um mau presságio;[...]  
E visitariam nobres e belas mentes  
Enquanto que, sob o nome de “marido de madame”,  
Eu seria como um santo a quem ninguém invoca?  
Não, não, eu não quero um pouco de um espírito elevado;  
E a mulher que compõe já sabe mais do que deveria.  
Eu ambiciono que a minha, em luzes pouco sublime,  
Não saiba mesmo o que é uma rima. (Molière, L'École des Femmes)*

partir de suas próprias divagações filosóficas e artísticas. Como no trecho a seguir, onde dá-nos seu testemunho sobre as imposições a seu sexo:

Et outre la reputacion que notre fexe en receura, nous aurons valù au publiq, que les hommes mettront plus de peine & d'eſtude aus ſciences vertueuſes, de peur qu'ils n'ayent honte de voir preceder celles, deſquelles ils ont prétendu eſtre touſiours ſuperieurs quaſi en tout [...] Et pource que les femmes ne ſe montrent volontiers en publiq ſeules, ie vous ay choiſie pour me ſeruir de guide<sup>2</sup>. (Louïze Labé, 1555)

Acima, utilizando um tom provocativo, a autora nos fala tanto de uma possível maior dedicação dos homens, por temerem ser ultrapassados pelas mulheres, o que faria avançar a sociedade, quanto de uma interdição que o corpo sofre onde, ao fim de tal recorte, relata-nos e ironiza a necessidade de estar acompanhada de outra Dama para "expor-se" ao público com tal texto. Tal situação é mesmo reveladora quando escarnece do *prétendre* dos homens. Esse verbo, *prétendu*, por ser o sinônimo de algo que se quer mas não é ou ainda não é, parece-nos que duvida da afirmação de serem *e/les* superiores. Indiretamente, evoca um questionamento das bases dessa autoridade masculina para cercear a elevação da alma feminina na sua busca pelo conhecimento. É, esse cerceamento, na verdade, pelo que sugere a autora anteriormente, um temor, que se fundaria e justificar-se-ia por uma regra cultural arbitrária. Regra, esta, que deseja e impele a dicotomização de seus elementos, inferiorizando uma parte da equação, censurando grupos e, assim, pretendendo seu descumprimento como subversão.

A intrínseca ligação entre as ideias descritas pelos autores de tais textos literários dá-nos indícios de uma compreensão dos séculos anteriores sobre as funções atribuídas e, mesmo, vetadas a alguns atores sociais. Pensar, escrever e contar são ações que se ligam à constituição de si e do mundo, pois a escrita é, ao mesmo tempo, compreender, compreender-se e ser compreendido e, por isso, acreditamos que é através da escrita que estas ações, que expressam o mundo, constroem-se infinita e concomitantemente.

O autor Roberto Souza, teórico da literatura, explica-nos que, de uma forma geral, a produção literária tem sido pensada em três vias<sup>3</sup>. A primeira em termos de

---

<sup>2</sup> T. A.: *E outra, a reputação que nosso sexo receberá, trará uma melhoria à sociedade, pois os homens esforçar-se-ão mais na pena e estudos das ciências virtuosas, para não se envergonharem de se verem ultrapassar por aquelas, as quais eles sempre se pretenderam superiores em tudo [...]* E porque as mulheres não se podem apresentar em público sozinhas eu vos escolhi para me servir de guia. (Louïze Labé. **Euvres**. Ed. Jean de Tournes, Lyon, 1555, *Euvres*) (p.4;7.)

<sup>3</sup> SOUZA, Roberto A. de. **A Teoria da Literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 1995. 5ªed. Ver também: CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul: RJ, 2006; AUERBACH, Erich.

consequência de um contexto socioeconômico, cultural ou político. Dessa perspectiva, tem-se que a produção literária é um reflexo, ainda que "distorcido", da realidade. Tal ótica desfavorece o sujeito. Este, aparentemente, não é capaz de exercer um poder criativo, de produtor e agente, ante o seu objeto. Não que todo o exercício de escrita não guarde em si um ato ideológico, mas uma visão demasiado rígida desse ponto pode resultar num sujeito tipológico e imóvel, meramente condicionado ao seu meio.

Do outro lado, em uma segunda via, estariam ideias que praticamente reavivam termos como inatismo, genialidade e um agente cuja relação com sua obra se dá de forma completamente autônoma. Radicalizando, a sua produção seria fruto de um indivíduo pleno, completamente desconexa de seu meio e pressupondo seu produtor assim desvinculado, suas condições econômicas, políticas, não interessariam e não a comporiam. O resultado dessa ruptura seria, porém, algo incognoscível, posto que até os signos que nela se dispõem teriam de pertencer a uma linguagem igualmente nova. Uma obra cuja pureza de sua originalidade é alegada, liberta de convenções e valores que a antecedem, é igualmente impossível.

Sintetizando as duas visões dicotômicas, temos uma terceira possibilidade, que nos permite pensar na resistência e no poder associado à escrita. Nem plenamente livre, porque necessita se integrar, nem rigidamente condicionada. A escrita é o exercício de uma criatividade balizada por valores morais e um compartilhamento de signos que a torna apreensível a um determinado público.

O indivíduo, ao escrever, é interpelado pelo *habitus*<sup>4</sup> e, igualmente, pela

---

**Mmésis:** A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.

<sup>4</sup> Segundo Bourdieu, *habitus* é disposição que perpassa a relação de aprendizagem do indivíduo sobre si e o mundo. Tal autor esclarece-nos: "Los condicionamientos asociados a una clase particular de condiciones de existencia producen *habitus*, sistemas de *disposiciones* duraderas y transferibles, estructuras estructuradas predispuestas a funcionar como estructuras estructurantes, es decir, como **principios generadores y organizadores de prácticas** y de representaciones que pueden ser **objetivamente adaptadas a su meta** sin suponer **el propósito consciente** de ciertos fines ni el dominio expreso de las operaciones necesarias para alcanzarlos, objetivamente "reguladas" y "regulares" sin ser para nada el producto de la obediencia a determinadas reglas, y, por todo ello, colectivamente orquestadas sin ser el producto de la acción organizadora de un director de orquesta". [grifos meus] De acordo com o sociólogo, tais características existem e persistem nos indivíduos, sem, contudo, serem passíveis de captação de sua proveniência, sem também ciência de sua utilização. Porém, não são simples estruturas perpetuadas para todo sempre, mas, devido às sobrecamadas de *habitus*, podem ocorrer, gradualmente, suas próprias reformulações. A partir de tal conceito, embora abrangente, permite-se perceber o sentido sócio-histórico que permeia a construção das relações e significados, bem como as práticas decorrentes delas. O olhar teórico-metodológico de Bourdieu também nos auxilia, com isso, a compreender a inserção do texto, no lugar de onde ele surge e de algumas práticas contadas nas entrelinhas da escrita.

possibilidade de inovação<sup>5</sup>. Alguns símbolos se manifestam nesse ato, de forma inconsciente, portando uma parte do que rejeita, limitando-o. Mas, podem ser essas fronteiras, dinâmicas e transpassáveis - na elucidação de tal situação - o que permite, assim, voos maiores, principalmente àqueles que não procuram ter seu referente fundamental na realidade. Se alargáveis, essas divisas, oportunizam uma representação, que é também interpretação, da tal realidade, de maneira muito mais rica e mais viva, é claro, do que aqueles que pretendem a ela referir-se, mas, desejando ou não, não excluem as condições que viabilizam sua própria produção.

Desse modo, com o trecho escrito pela autora quinhentista, Louïze Labé, faz-se ver a razão pela qual se torna duplamente gratificante trabalhar com as obras a ela atribuídas. Primeiro, porque há uma qualidade muito grande em tais escritos, nos quais a criticidade e a estética tornam sempre aprazível voltar a tal literata. Segundo, porque em seus textos nos é permitido sentir uma curiosa expectativa de como e o que as mulheres, no Renascimento, queriam ou podiam manifestar. Trabalhar com os textos assinados por Labé, permite-nos, em uma via, tracejar as concepções que estão incutidas nos papéis dos gêneros em um determinado ponto da sociedade (em certa medida, observar como a carga do gênero é percebida e vivenciada), e, ao mesmo tempo, ver, nas suas reivindicações, o lugar da resistência, a proposta de um outro universo possível, ou seja, o campo das possibilidades que ultrapassam os limites concretamente impostos pela sua comunidade.

O conhecimento literário certamente implica, assim, na narrativa de algo da realidade, do passado e do que constitui seu autor, matérias cuja história, até momentos recentes, tomava como sua, enquanto também desprezava àquele como fonte. No entanto, na ficção torna-se possível contar algo do censurado, do recalcado, do invisível.

A pesquisa, que desenvolvi, adentra nessa discussão, mergulhando na análise da compilação de textos da lionesa Labé. Compilação que reúne uma carta, mais diretamente referenciando sua realidade, um debate, no qual se faz presente a

---

<sup>5</sup> Utilizamos do conceito de *habitus* para entender a relação sociológica entre indivíduo e texto. Tal apropriação não imobiliza necessariamente o sujeito, mas, ao mesmo tempo, como já mencionamos, permite-nos não abreviar totalmente a sua constituição enquanto produto histórico. Embora existam disposições impostas, há diversas camadas dessas disposições que se sobrepõem, uma a outra, de maneiras diferentes, a resposta que obteremos sobre esse agente quanto ao meio nunca se dará de maneira absoluta, devido ao seu próprio caráter complexo e variável. Ver: WACQUANT, Loïc. *Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter*. In: **Qualitative Research in Psychology**. Routledge Taylor & Francis Online, 2011. p.85.

carga filosófica da autora, acompanhada de suas alegorias *genderificadas*, e suas construções poéticas, que reavivam o entendimento sobre a resistência, a interdição e o sentimento, no momento em que Labé escreve. A reunião destes diversos tipos de textos é chamada simplesmente de *Euvres*<sup>6</sup>. A coleção, segundo a autora, constituiu-se em momentos diversos<sup>7</sup> e só tomou forma impressa, na totalidade de seus textos, em 1555, após receber a permissão para a publicação no ano anterior (Ver: Figura 1).

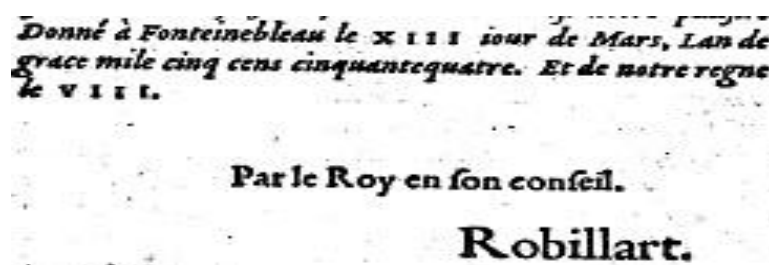


Figura 1 – Trecho da autorização para a publicação da obra – Fonte: Bibliothèque municipale de Lyon Part-Dieu - Louïze Labé. Le priuilegé du roi. In: **Euvres**. Par Ian Tournes, 1555, Lyon.

O encontro com essa obra literária começou provocado por uma inquietação: decorrido mais da metade dos créditos do curso de graduação em História eu ainda me perguntava “onde estavam as mulheres?”

De certa forma, o grupo para o qual Labé reivindica um lugar foi inúmeras vezes desprezado quanto ao saber que produzia e em suas possibilidades de agir. Isso deve-se, em parte, por conta de um poder político cujas instituições carregam elementos misóginos e, em parte, também, devemos admitir, pelo modo como produzimos o conhecimento historiográfico. Devido às imposições ou “moldes” institucionais, quanto ao ocultamento de tais personagens, que nem da forma mais tradicional de historiografia – grandes homens / grandes mulheres - ecoavam sobre

<sup>6</sup> A compilação conta ainda com vinte e cinco textos poéticos que homenageiam a autora, realizado por seus contemporâneos após os textos labetanos.

<sup>7</sup> Sobre a construção dos textos e a decisão de publicá-los: “Quant à moy tant en e fcriuant premierement ces ieune fes que en les reuoyant depuis, ie n’y cherchois autre cho fe qu’un hone fte pa3ems & moyen de fuir oifueté: & n’auois point intencion que perfonne que moy les duft iamais voir. Mais depuis que quelcuns de mes amis ont trouué moyen de les lire fans que i’en fuffe rien, & que (ainfi comme aisément nous croyons ceus qui nous louent) ils m’ont fait à croire que les deuois mettre en lumiere: ie ne les ay osé efconduire, les menaffant ce pendant de leur faire boire la moitié de la honte qui en prouiendroit” Fonte: Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.144..(T.A.: Quanto a mim, escrevo primeiramente essas mocidades para revê-las, e não procurava outra coisa que um honesto passatempo e meio de fugir à ociosidade. Sem intenção de que outras pessoas as devessem ver./ Mas desde que alguns dos meus amigos encontraram uma maneira de lê-las sem que eu suspeitasse de nada, e (como facilmente acreditamos nos que nos elogiam) me fizeram crer que os devia colocar à luz. Eu não ousei escondê-las, ameaçando-os, contudo, de os fazer beber da metade da vergonha que virá).

aquelas, passei a entender mais lucidamente o que me inquietava e até, por vezes, me distanciava da história - enquanto academia, mesmo que as discussões sobre gênero já estivessem, há muito, ocorrendo em certos nichos.

Quando, então, daquela pergunta – e a necessidade concreta de concluir uma disciplina - me dispus a procurar alguns vestígios da presença feminina na História, pois, obviamente, apesar dos silêncios, a sua *inexistência – passividade* - não me parecia provável. Deparei-me, após algum tempo de busca, com esta obra exótica e que era lembrada no momento em que eu a encontrei por ser *erótica*, que datava do século XVI (!) - época renascentista marcada, no âmbito intelectual, por nomes como os de Erasmo, Shakespeare, Da Vinci, Cervantes, Michelangelo, Maquiavel, etc, todos esses nomes, nem necessitaria observar, masculinos. O que encontrei de Labé, na ocasião, foi o pequeno fragmento de um soneto, mas suficiente para gerar uma inquietação, pela paixão desenfreada que exorcizava ao escrever, o que governava o seu sono e o seu corpo, com um espírito que parecia se sentir liberto.

Daquele encontro em diante, o material foi sendo ampliado. Obtive, primeiramente, uma tradução da obra, cuja edição era bilíngue, feita pelo autor brasileiro, Felipe Fortuna, mestre em Literatura Brasileira e, atualmente, diplomata<sup>8</sup>. E, após, passei a desfrutar do grande acervo digitalizado da Biblioteca Nacional da França, sobre itens que diziam respeito a sua vida e a de seus contemporâneos.

O contexto de pesquisa significou, assim, pelas próprias coincidências de alguns arranjos atuais, entender também o percurso da própria história no trato de nosso objeto, pois é necessário esclarecer, que não vejo sentido na história, se ela não servir para entender, criticar, desmembrar, implodir, reconfigurar o atual, porque, é o presente que a constrói, a problematiza, a desconstrói e reconstitui. Tal percepção provém do próprio redirecionamento para uma *história-problema*<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> Posteriormente, Felipe Fortuna relatou-me sobre o percurso realizado para a empreitada que o motivou a traduzir e publicar o livro sobre Louize Labé. Segundo ele, foi uma descoberta ao acaso, que lhe causou o deslumbramento, dali por diante ele sentiu a necessidade de divulgar tal obra feminina e foi atrás disso por sua própria conta. Ainda sobre a tradução, Fortuna afirmou que, apesar de bem recebida pela crítica e por veículos midiáticos, os artigos publicados, que promoveram seu trabalho, não possuíam um grande conhecimento sobre Labé, mesmo um entendimento superficial sobre a autora era raro e que se “ambas as avaliações [do *Jornal do Brasil* e do *Folha de São Paulo*] foram elogiosas ou saudaram o aparecimento do livro, (...) [estavam] pesadamente concentradas no meu estudo introdutório – uma vez que faltava maior informação no Brasil sobre a poeta”. Entrevista virtual ocorrida no dia 01/08/2012.

<sup>9</sup> A noção de história-problema é influenciada pelos escritos de Marc Bloch. Para o autor, em a Apologia da história, a história, enquanto perseguição de origens, já aparece refutada. A mirada do historiador deve primeiro espionar o presente. Daqui sai o problema e por isso o olhar retoma o passado, para compreensão desta inquietação decorrente de certas permanências. Há para ele um

abordada já no início do século XX, julgando que o motor da história, enquanto disciplina, está no presente, assumindo, parece-nos, a adjacente subjetividade do historiador, visto que esta se incide sobre os vestígios para com eles produzir sobre um passado não mais existente em sua totalidade.

Como já admitido anteriormente, a preocupação primeira que norteou esse trabalho foi a questão: onde estão as mulheres na história? Algumas respostas elencavam explicações que as tomavam como seres passivos ou indiferentes ao movimento histórico (mas poderíamos perguntarmo-nos igualmente: que histórico? que movimento? que ações?).

As construções das mais diversas insinuavam-nos os seguintes adjetivos: passivas, desimportantes, omissas, inferiores (amenizados, mas ainda existentes). Entretanto, autores como Georges Duby e Michelle Perrot, que poderíamos dizer precursores na historiografia francesa da história das mulheres<sup>10</sup> (e por isso um dos trabalhos mais conhecidos dentro da historiografia brasileira sobre o tema), trouxeram pontos constrangedores (em um bom sentido) ao debate sobre o fabrico da história. Dentre suas arguições, levantaram-nos questões sobre os arquivos, sobre os silêncios, ou os tipos de silêncios. Mais adiante, devido aos estudos de gênero, outras questões seriam iluminadas no que toca ao processo sócio-histórico de construção da disciplina e a questão da construção das relações de poder anteriores, que polariza uma ou outra identidade e estabelece suas possíveis produções (no que tange a própria formulação epistêmica da disciplina<sup>11</sup>, quando diferencia, por exemplo, o que é importante narrar ou não).

Detenhamo-nos, um momento, no primeiro ponto lembrado por Duby: o arquivo. Um espaço tido como neutro, simples depositário de documentos, portanto, dada a quantidade ínfima de documentos oficiais que referem-se às atividades das mulheres e mesmo produzidas por elas, concluiríamos que, estas, foram demasiadamente desimportantes, posto que pouco se tem sobre elas, certo? Não! O

---

diálogo entre o passado e o presente, e o conhecimento de um, se torna indispensável para a compreensão do outro. Se não se percebe o presente, tampouco importará e sensibilizará o passado. Ver: BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Trad. Lilia Moritz Schwarcz. RJ: Jorge Zahar, 2001.

<sup>10</sup> A figura da mulher, ou das mulheres, é uma aparição mais ou menos recente na historiografia - em torno de quatro ou cinco décadas. Na verdade, enquanto pesquisa de historiadores, se difunde no Brasil na década de 1990, entretanto de outras áreas temos trabalhos históricos que exploram muito bem tais discussões, como por exemplo, os da filósofa Simone de Beauvoir e da escritora Betty Friedan, desde muito antes.

<sup>11</sup> HARDING, Sandra. Is There a Feminist Method? **Feminism and Methodology**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

autor recorda-nos introdutoriamente a questão dos valores que perpassam o ato de armazenar, de censurar e de descartar.

Se todas essas “fases” do processo de arquivar ocorrem, como poderia, então, ser o arquivo um lugar neutro e nele constarem os itens que causam anseios no HOJE? A caça às bruxas pelo “Tribunal da Santa Inquisição” demonstra uma página de tal fenômeno.

Segundo Adelina & Tosi, a perseguição, naquele momento, pode não ter se dado de forma fortuita e mágica, mas ser apreendida como uma consequência da intolerância a um tipo de produção de saber. O conhecimento produzido por um determinado grupo, no caso, parteiras e outras mulheres, não estava conformado às aprendizagens e regulamentações institucionais. Tais saberes repassavam-se, de forma empírica, realizando as práticas medicinais alternativas apreendidas através da cultura oral popular. Contudo, por deterem um saber estranho ao universo misógino da época sobre o corpo feminino, as práticas dessas mulheres eram lidas com obscurantismo – lembrando que dentro da sociedade em questão, as instituições eram (e são<sup>12</sup>) praticamente masculinas, com membros educados, principalmente na esfera religiosa, distantes de qualquer convivência com as mulheres.

Dessa forma, não é de se surpreender que o feminino e as coisas que a esse sexo se conectam, tenham se tornado tão mistificadas<sup>13</sup>. Passarão a ser consideradas um perigo para os valores<sup>14</sup> de então, e os censos, sobre a medicina, também não as iriam incluir como praticantes desse ofício, demonstrando a desclassificação que se sucedeu em relação à atividade daquelas, que não

---

<sup>12</sup> Isso se faz até os dias atuais, nos quais questões do corpo feminino, geralmente, não conseguem mobilizar ou sensibilizar a instituição – como, por exemplo, métodos contraceptivos, o aborto, etc.

<sup>13</sup> Segundo Jacques Dalarun, “sobretudo antes do século XIII, tudo os distancia das mulheres, entrincheirados como estão no universo masculino, dos claustros e dos *scriptoria*, das escolas, depois das faculdades [...]. Separados das mulheres por um celibato solidamente estendido a todos a partir do século XI, os clérigos nada sabem delas” . Mas são eles que tem por função dentro desse mundo hegemonicamente católico, pensar a humanidade, seres que desde muito cedo são afastados das mulheres ( inclusive, de suas mães, que eram tão menores de idade quanto eles, para a lógica atual – 12 anos) e que, num mundo em que devem se reservar delas – a “ameaça” ao celibato – constroem as falas que orientam as ações do mundo cristão ocidental (os sermões, “comentários às Escrituras, vidas de santos, poesia latina” e toda uma literatura que postulam as mulheres como uma inimiga, da qual é necessário manter distância). Ver: DALARUN, Jacques. As normas do controlo. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998. p. 29; p.34.

<sup>14</sup> Inclusive, a regulamentação do saber obstetrício, coincidiu com a primeira caça às bruxas. Isso demonstra bem um conflito por saberes, saberes instituídos, por um lado, masculino e acadêmico, saber popular, marginal e feminino, do outro. Ver: SANTOS, Adelina P. & TOSI, Lucía. Resgatando Métis O que foi feito desse saber. In: **Estudos Feministas**. Ano 94, nº 2; 1994. p. 378.

apareceriam sequer em seus inventários. Suas práticas, assim, possuem poucas fontes que as narram. Suas experiências, muitas vezes, só podem ser lidas a partir do discurso do inquisidor, que ao se sustentar pela forma de extrair tal saber a partir da tortura, proclamam-nas, novamente, misteriosas e demonizadas.

Igualmente, desempenhar a função pública, escrever, expor ideias (se expor), tornava qualquer escrito das mulheres um ato potencialmente subversivo a uma ordem institucional que as tomou como o inimigo interno, o bode expiatório de uma comunidade falsamente solidária a um poder político. Esse “Outro interior” deve ser podado, pois permitir seu adentramento é abrir brechas ao ataque a ordem ditada no discurso religioso. Segundo o que Joan Scott nos permite articular, isso se dá porque a imagem do feminino teria servido à construção da imagem do estrangeiro, do inimigo externo, e vice-versa, os vocábulos, que a ele se conectam, ajudam, portanto, a construir tudo que não serve ao poder dominante<sup>15</sup>, ao mesmo tempo, que constrói os sujeitos. E, dessa forma, podemos também entender que palavras e coisas sempre estão retroalimentando-se e reverberando.

Por isso, proibições, interdições e um lugar secundário, quase mudo, é o que às mulheres caberiam, não só na sociedade, mas no que se preserva dela. Como prova disso, temos as mais variadas referências a obras escritas por mulheres – cito, Clémence de Bourges, homenageada por Louïze Labé, em 1555, e outras contemporâneas a ela, como Sibylle Sceve e sua irmã – cujas produções não chegaram até nós. Eis que tal situação revela uma parte do erro quando se pensa uma “H”istória sem problematizar os moldes pelos quais nos debruçamos e igualmente a necessidade, mesmo com dificuldades, de interpretarmos os “silêncios” e as ausências.

O que frisamos, por conseguinte, é que o texto, no caso das mulheres, é lugar de dupla resistência, no seu contar e no seu realizar e, por isso, nessa conjuntura, é inversamente proporcional ao desejo de determinado tempo e sociedade em conservá-lo.

Quanto ao segundo ponto, que se refere ao processo de formação da disciplina, num estudo voltado à historiografia do século XIX, recordar-nos-ia Bonnie Smith dos cânones disciplinares pelos quais a “ciência” histórica foi sendo, aos

---

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35

poucos, erigida<sup>16</sup>, e nos quais o momento tinha, como ponto culminante dessa história, estabelecer com mais afinco o academicismo na disciplina e, como consequência, seu profissionalismo.

As escolas desse período encaminhavam os seus alunos, meninos, para uma sistemática “qualificação” técnica desde cedo. Já as mulheres recebiam uma educação voltada mais para os afazeres domésticos numa sociedade difusamente vitoriana<sup>17</sup>. Aqueles frequentavam as academias, palestrando, debatendo em seus simpósios o que era a disciplina de história, a sua produção, enquanto, muitas vezes, os trabalhos manuais, de esmiuçar as fontes nos arquivos, eram repassados às esposas, às filhas – sem real preocupação com sua educação – ou aos filhos<sup>18</sup>.

Menos assistidas, as escritoras, ainda assim, perambulavam pelos cantos da disciplina. Contudo, o estilo literário, bem como o tipo de história que desenvolviam, era diferente, mais romanceado, direcionado a viagens, com uma fala sobre e do cotidiano. Esse tipo de escrita foi desvalorizado, devido às intenções das instituições da época que optavam por um discurso “cientificizante” da história, embora se fizesse, aquele estilo de escrever sobre história, bastante popular<sup>19</sup>. Os textos de tais escritoras ficaram à margem de uma história rígida e, geralmente, positivista, que se afirmava enquanto a ciência objetiva, a Verdade. Segundo os historiadores “profissionais”, a boa história deveria evitar ser produzida a partir dos “objetos lugares-comuns (rochas, penas e outros que representavam o material do fetiche) em favor de documentos difíceis de serem obtidos, e evitavam estudar cultura e sociedade”, pois a história não deveria estar “lambuzada com o ruído patriótico, não tinha pernas de pau, borzeguim, lantejoulas, nem adornos”<sup>20</sup>. A figura da história era esta: a *do historiador*. As possibilidades de transitar nos lugares da instituição acadêmica e, mesmo, de escrever, devido a condições socioeconômicas desfavoráveis, lhes apontavam o trabalho doméstico, ou as jogavam em um mercado das letras competitivo e de desigual provento, e, assim, produziam-se o

---

<sup>16</sup> SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Ed. EDUSC: São Paulo, 2003.p. 85.

<sup>17</sup> Embora o termo sugira uma proveniência britânica, Peter Gay denota a classe média europeia pela semelhança entre os gostos, a moralidade, a inclinação ao “recato”, à continência. GAY, Peter. O século de Schnitzler a formação da cultura da classe média: 1815-1914; SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Ed. EDUSC: São Paulo, 2003.P.33.

<sup>18</sup> SMITH, Bonnie. *Id. Ibid.* p.62

<sup>19</sup> Inclusive, tais escritos se assemelhavam com os moldes da história cultural.

<sup>20</sup> Mesmo aqui já pressentimos o processo *genderificante* ocorrendo explicitamente. O desvalorizado conecta-se ao feminino (nas figuras referentes ao cotidiano) e por isso também sustenta sua desvalorização. SMITH, Bonnie. *Id. Ibid.* p. 263.

profissional iluminado da história contraposto as desvalorizadas amadoras.

Como terceiro ponto trazido pelas discussões da história das mulheres e estudos de gênero, haveria, ainda, de se levantar a questão pela qual a ciência tomava sua forma: a pressuposição extensamente difundida do masculino estabelecendo o “normal” - a norma, a regra – era repassada aos diversos domínios que o mundo burguês e sexista articulava. Através do lugar doméstico e subalterno que a mulher na sociedade “progressista” era pensada, também se tratava da esfera pública como o lugar do masculino e lançava-se tais presunções à ciência – que era construída no masculino e no masculinizante (a história que importa é feita por homens e apenas sobre o mundo e atividades que eles ocupam). Comportava, então, uma hierarquização dos valores que derivavam da *genderificação*<sup>21</sup>, desembocando novamente em práticas e cerceamentos concretos. Uma reverberação desses elementos culturalmente atribuídos.

Em termos de produção historiográfica, constatou-se justamente a questão cultural que estabelece o feminino e a Mulher no feminino (na qual se substitui e/ou se ignora a pluralidade), atribui-se determinados valores, ao mesmo tempo em que produz e reproduz identidades. Como recorda Joan Scott, gênero é uma relação de poder primeira, em que um dos termos passa a ser conectado ao que se constrói como concretamente inferior ou moralmente desvalorizado<sup>22</sup>, ao mesmo tempo que cria-se uma ilusão de sincronia entre itens concretos: ventre, fértil, terra, feminino, fecundo, passivo, doméstico, sentimento, loucura<sup>23</sup> e outros substantivos/adjetivos que são criados e significados de forma a se coincidirem.

Impõe-se, contra o feminino, o sexo visto como “normal”: o masculino (o qual detém a propriedade de se “pronunciar” e cuja história é mantida). Aquele “Outro” torna-se a encarnação ou da santidade ou da subversão. Porém, existe um lado positivo nisso, o de que, pelo menos através desses julgamentos, acaba-se por delatar sua presença (como é o caso dos interrogatórios que apresentam certos registros durante determinadas fases da perseguição inquisitorial).

---

<sup>21</sup> O conceito de gênero, utilizado por Scott, estabelece um processo, no qual esta categoria designaria um saber (que é poder) que estabelece significados para as diferenças corporais e que, parece-nos, afirma-se ou ressignifica-se a partir de todo universo cultural e suas práticas. Utilizamos a palavra em sua versão no estrangeirismo para evitar a semelhança entre o uso do termo generificado quando costumeiramente, em algumas regiões, se refere a genérico ao invés de seu significado ligado às discussões de gênero. Ver: SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35.

<sup>22</sup> SCOTT, Joan. *op. Cit.* p.20

<sup>23</sup> SMITH, Bonnie. *op. Cit.* p. 265.

Um enredo que se escreve, no entanto, bastante conturbado: permissões, restrições e inclusões de matizes diversas, que, inclusive algumas vezes, pareceu tornar o poder institucional mais complacente quanto a estes personagens<sup>24</sup> ou mais perverso. Por isso, incide-se na própria disciplina.

Refletindo sobre os “silêncios” da construção de nossa análise encontramos nos elementos similares entre literatura e história uma maneira de narrar sobre esses outros agentes. Os campos epistemológicos que essas disciplinas abarcam, viabilizam um encontro com esse imenso “Outro” interior<sup>25</sup>. Mas cientes de estarmos longe de dizer “A Verdade” sobre o passado, permitimo-nos apenas vasculhar vestígios que são ainda *presentes* e tentar dar significado a estes.

Porém, se os caminhos da análise sobre a ficção literária são possíveis, não deixam de ser complexos, por se tratar de algo que, não tendo acontecido, ainda assim existiu. O que nela se expressa, parece-nos, que, embora, não nos diga objetivamente um discurso da realidade no passado, fala-nos dos contornos dos acontecimentos – os tangidos e seus anseios – que são suas possibilidades e potências, uma forma pela qual outros agentes esboçaram suas formas de resistências<sup>26</sup>.

Dentro dessa percepção, as fontes literárias, como as de Louize Labé, por

---

<sup>24</sup> Os frequentes motins da Idade Média e Moderna são exemplos disso. Os amotinados, frente às diversas crises de cereais e mesmo outros problemas sociais, tinham em suas fileiras uma grande quantidade de mulheres (nas quais, quando por alimentos, a presença daquelas era superior a dos homens). Vistas como ignorantes e irresponsáveis por suas atitudes, já que sua figura remetia à desordem, alegavam ou usufruíam dos valores da época, que outras tantas vezes lhes traziam privações. Os costumes amenizavam efeitos da punição pela sua participação nos movimentos. Evidentemente, não exageremos, eram decapitadas e/ou queimadas igualmente dependendo da região e do agravamento da ação. A participação de mulheres nos movimentos é atribuída ao fato desse grupo ter historicamente acumulado as ditas “funções domésticas”, por serem encarregadas da casa e da família (embora em classes menos abastadas, suas funções tenham sido bem diversas). Contudo, também é possível percebê-las em distintas manifestações, tais como, contra o aumento nos impostos, divergências religiosas e outras mobilizações conectadas ao político. Para saber mais: Ver: FARGE, Arlette. *Agitadoras Notórias*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998; DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna**. SP: Paz e Terra, 1990. Sobre os diversos motins ocorridos nos séculos XVIII e XIX: RUDÉ, George. *O Motim Rural Francês no século XVIII*. In: **A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848**. Trad. Waltenair Dutra. RJ: Campus, 1991.

<sup>25</sup> O “homem nunca está só e não seria o que é sem sua dimensão social”. No entanto, geralmente, houve processos históricos de obliteração do outro (em relação ao Eu, a nação, ao mesmo – homem, beligerante). No caso das mulheres, a estranheza opera dentro de sua própria comunidade, obliterante, o que causa diferenças no processo, mas não o ameniza, não deixando, portanto, de censurá-las, de proibi-las, de coisificá-las. Ver: TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.360.

<sup>26</sup> Salienta-se que há outras formas de resistir e de enfrentamento que não se esgotam na escrita, a qual, aliás, em sua utilização já pressupõe um patamar social em alguma coisa privilegiado, no sentido de poder ter tido acesso à alfabetização.

exemplo, tão vulgares para historiadores profissionais oitocentistas, começariam a contribuir para que se pudesse fazer ler certas experiências. Sandra Pesavento percebe que para os novos moldes historiográficos: "a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo [...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa". Isso significa, através de novos direcionamentos, podermos perceber algo do entorno do agente na literatura e algo da carga de gênero, por conseguinte. Como lidamos com o mundo, como o problematizamos e a que nos sujeitamos são alguns dos apontamentos passíveis de investigação.

Além disso, como mencionamos, a narratividade permeia a história. A receita de sua composição apresenta a realidade temperada com um pouco de invenção -, enquanto que na literatura imbrica-se uma lógica real e criativa sobre o tempo e as experiências compartilhadas e/ou individualizadas. Há, portanto, um conhecimento sobre o passado e tomaremos, por isso, a literatura como uma fonte para corroborar e, ao mesmo tempo, contornar nossas elucidações sobre ele.

Para finalizar, estruturamos este trabalho da seguinte forma: apresentaremos, primeiro uma breve localização dessa agente, que nos interessa "nos" e "por" seus escritos. Ao lidar com a figura da escritora, foi necessário pensar os aspectos que envolvem o ato de escrever, mais especificamente, da pronúncia *feminina*, analisando não só as práticas e as opressões mais violentas que constituem as relações sociais do período medieval até o início da Idade Moderna, mas atentando, igualmente, para aqueles fenômenos que raspam os limites dessa vivência em tal atmosfera renascentista, e que os alargam ou os fazem decrescer, compreendendo os mecanismos mais sutis que se lançam a favor e que combatem essa agente enquanto tal, mas que também a constituem. Por conseguinte, traremos o plano de fundo do cenário de produção da obra labetana, em um enquadramento que se aproxima mais minuciosamente de tal agente, isto é, os diálogos contemporâneos, suas interações, a partir das representações pintadas por ela e seus contemporâneos sobre sua cidade e sobre si mesma, sendo relevante analisar a carga social do lugar de onde fala, para que possamos compreender de que grupos fala e como pôde lançar-se a essa atividade intelectual. Em vista disso, é necessário entender como se constitui enquanto autora, seus círculos, suas influências e sua aceitação. Sendo assim, não conseguiríamos abrir mão de refletirmos sobre a

polêmica suscitada recentemente em torno da questão autoral de *Euvres*. A controvérsia que se cria tanto quanto à autoria, quanto à figura de sua autora, já ocorreu com outros personagens femininos que adquiriram relevância na esfera intelectual – como Trótula, Ninon Lenclos, Lais de Corinto - e justifica, em termos políticos e acadêmicos, a urgência da empreitada. Acadêmico, pois como dito anteriormente, há que se perguntar: quem é essa mulher? Político pois, em outros lugares, perguntam-se como pode ser uma mulher? Nessa circunstância, tentamos discutir, brevemente, a leitura *genderificada* que se faz dessa escritora. Vale lembrar, apesar de toda fragilidade que corre da história quanto ao estatuto de verdade a ela postulado, precauções se deve tomar contra um tipo de negacionismo que mortifica seu conhecimento, do qual o relativismo consequente deve se distanciar. Daí tentarmos apresentar alguns pontos de tal controvérsia que afirmam aqui e ali, categoricamente: “não foi feito por uma mulher.” Olhar que se modifica em certos lugares, mas que mantém algumas nuances mesmo em outros tempos. O discutimos aqui, por ser, esse trabalho, uma construção que se justifica não só por trazer significações peculiares quanto aos anseios e ações do período no que diz respeito às mulheres, mas também por ver, nessa pronúncia, especificamente feminina, uma forma de resistência.

Dessa forma, num segundo momento, apresentaremos o quê essa voz feminina grita. Trataremos então, por suas conjecturas, por suas representações e por sua marginalidade, o que denuncia e o que transgride. A coletânea de sua obra é composta por diferentes tipos de documentos. Na epístola dedicatória tem-se um documento etnológico, que permite refletir sobre condições sócio-culturais da divisão do mundo pela categoria do sexo e condições impostas. As subsequentes construções literárias (que vão desde um texto em prosa sobre o Amor e a Loucura, até sonetos e elegias) encontraremos para pensar como resiste e onde se situa. Tais construções deram-nos oportunidade para pensar a situação das mulheres em Lyon, bem como, com a subjetividade adjacente, os apontamentos sobre os igualmente complexos laços entre realidade, ficção e virtualidade de sua vivência, analisando os embates que se revelam em tal produção. Tais exposições dizem-nos, através de pelo menos quatro tipos de manifestação literária, sobre um lugar não tão bem circunscrito, mas que diz respeito à autora e outras mulheres contemporâneas a ela, seus arredores e suas experiências. Se no item anterior será possível vislumbrar a

presença de uma mulher ultrapassando os limites da esfera privada e se arriscando na esfera pública, advertindo-nos para ter cautela quanto às generalizações vitimizadoras, nesse momento tentaremos refletir sobre as sensibilidades que habitam esses corpos que se encontram no feminino e às regulamentações a eles imputados.

Labé, portanto, será nosso amparo, para ouvir a voz no e pelo feminino. Começando a partir agora com um lugar no tempo e espaço que situou sua existência.

## “Et toi femme inconnue, oses tu te faire plus grande que moy?”<sup>27</sup> **saberes e lugares da intelectual Louïze Labé**

*Estant le tems venu, Mademoiselle, que les severes loix des hommes n'empeschent plus les femmes de s'apliquer aus sciences & disciplines: il me semble que celles qui ont la commodité, doivent employer cette honneste liberté que notre sexe ha autre fois tant desiree*<sup>28</sup>. (Louïze Labé, 1555) [grifos meus]

Louïze Labé<sup>29</sup>, também conhecida por *Belle Cordière*, foi uma escritora que viveu durante o século XVI, na cidade francesa de Lyon. Como chama a atenção, no pequeno trecho acima que pertence a sua epístola, a autora parece ter tido grandes expectativas para ela e suas contemporâneas quanto ao seu tempo e as disponibilidades para o exercício intelectual feminino, otimista frente às desejadas mudanças.

A *Belle Cordière* era descendente de uma família de cordoeiro, o que lhe valeu parte do apelido. Seu pai, Pierre Charlin, adotara o sobrenome da sua segunda esposa, “Labé”, por ser, ela, viúva rica de um cordoeiro mais bem-sucedido<sup>30</sup>, dando continuidade aos negócios do falecido ex-marido junto a nova esposa, cujo primeiro nome resta anônimo. Os negócios da família estão ligados ao comércio e diz-nos algo do lugar social da escritora. Pois lê-se que não se encontrava na mais elevada posição hierárquica, já que não pertencia à aristocracia nobiliárquica por berço. No entanto, sendo uma escritora sinaliza-se que em algum momento, usufruiu de uma condição socioeconômica favorável já que teve acesso ao ensino. Louïze Labé morreu, provavelmente, na década de 1560<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> T.A.: “E tu mulher desconhecida, ousas te fazer maior que eu?”. Fonte: Louize Labé. **Euvres**. Jean de Tournes: Lyon, 1555. p.55.

<sup>28</sup> T. A.: “É chegado o momento, senhorita, em que as severas leis dos homens não impedem mais as mulheres de se aplicarem às ciências e às disciplinas: parece-me que aquelas que possuem a oportunidade, devem empregar esta honesta liberdade que nosso sexo em outro tempo tão desejada”. Fonte: Louize Labé. **Euvres**. Jean de Tournes: Lyon, 1555. p.3.

<sup>29</sup> Encontrar-se-ão referências diferentes quanto ao primeiro nome de Labé feitas por autores de outros períodos: Louise, Louïze, Loyze. Entretanto, optamos pela grafia impressa em seu livro, Louïze Labé, pois acreditamos que esta foi ao menos a grafia escolhida/autorizada pela autora e por acharmos que Louïze é hoje utilizada por ser comumente usado o “s” para representar o fonema /z/ do nome.

<sup>30</sup> Esse tipo de prática era muito comum na época, quando a empresa herdada pela viúva poderia oferecer algum benefício, ou ainda quando aumentava um *status* social. Até porque os sobrenomes eram relativamente recentes e passíveis de erros nos diferentes registros, acostumados que estavam a utilizar como acompanhamento do nome o lugar de origem.

<sup>31</sup> Não é possível assegurar essa data com precisão, entretanto, devido ao relato do historiador da

Reverendo um posicionamento da escrita da história, que fez, muitas vezes, notar determinados grupos<sup>32</sup> e calar outros<sup>33</sup>, e que até o início do século passado, pouco se vislumbrava nela sobre as mulheres<sup>34</sup>, vamos, a partir de agora, apresentar um pouco de sua história e, concomitantemente, a do grupo que essa agente estava a reivindicar voz para, a partir de nossa possibilidade contar e, ainda que sempre fragmentária, começar a conhecer esta mulher, seus lugares de ação e do que é estar no Renascimento.

## 1.1 - A quinhentista

O período em que Louíze se constitui enquanto mulher/escritora foi enaltecido por ser um momento de inovação, chamado, pelos próprios modernos, de Renascimento, em contraposição ao espaço-tempo do qual visavam se distanciar, a Idade Média, ou como era vista a *época das Trevas*.

O desejo de distanciamento construiu mudanças – desejo, este, que se

---

*época* Guillaume Paradin, que faz uma referência à Labé em seu livro lançado em 1573, é possível inferir que Labé, por ser mencionada no pretérito imperfeito (a terminação "oit", é hoje, pela revisão ortográfica francesa, substituída pelo "ait", e se torna repetidamente utilizada nos verbos que se referem a ela), já havia falecido. Além disso, um item de seu testamento indica que estava abatida por uma doença no momento em que o produz, em 1565, mas não será relatado que veio a falecer do que lhe afligia. Vale notar, entretanto, que, se considerarmos a extensão do livro (que consta de quatrocentas e oitenta páginas), o tempo de sua produção e, inclusive, de ganho da permissão para impressão, pode indicar o falecimento alguns anos antes da efetiva publicação de Paradin. Bem como, os atos reivindicatórios do testamento ao fim da década de 1560, postulam que provavelmente morreu nos anos de 1568 ou 1569.

<sup>32</sup> Leon Portilla usa os termos vencedores e perdedores para referenciar-se à história dos povos astecas, maias e incas quando trabalha com os massacres de carne e narrativa que ocorreram na América Latina durante os séculos que se seguiram ao adentramento europeu nesse continente, a partir do século XVI, onde ocorre a tentativa dos invasores-dizimadores de apagar os vestígios de determinadas culturas. Frisa, o termo, a sociedade que está sempre em conflito, e que, por muito tempo, não produziu versões que abarcassem esse embate numa versão mais justa, ou ética, mas, sim, a versão do lado dos que dispunham do poder institucional-político.

<sup>33</sup> Associada ao poder, estava a história associada aos vencedores e à manutenção desse estatuto. Um processo de exclusão realizava-se nela, configurando-se tanto por escolhas feitas pelo ato de narrar – relacionadas aos interesses dos agentes e ao *habitus* de sua sociedade -, quanto por sua associação ao poder para dizer, cujo domínio institucional circunscreve seu trânsito. Isso pode ser apreciado inclusive com Foucault, em: FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento.

<sup>34</sup> Esquecimento, este, que não se fez ao acaso, entrou nos conformes de como era iniciada a ladainha de instituições sociais e políticas relapsas e personalistas, afirmadoras de interesses de uma classe dominante e de seus principais representantes: "o" rei, "o" papa. Aqui, enfatizamos esse grupo, mas há ainda outros tantos estigmatizados: indígenas, negros, homossexuais, pobres, loucos, presidiários etc.

comprova pela provocativa nomenclatura de autodenominar-se “moderno” – mas também houve momentos em que só as imaginou. Descreve-se como suas rupturas, por exemplo, o ressurgimento das relações comerciais, associadas a novas informações, o desenvolvimento de instrumentos que modificam o cotidiano dos indivíduos “modernos”<sup>35</sup>, “heresias” eficazes cada vez mais profícuas em alarmar o clero, invasões que desconstroem conhecimentos e despertam a curiosidade, contudo, mais de perto, essa “distante” sociedade europeia, quanto à maioria de sua população, experimentou diariamente as dificuldades do campo, da belicosidade, da fome, das doenças, como em períodos anteriores, bem como, a opressão de um poder institucional, seja ele em nome do divino ou do secular.

O historiador social da cultura, Arnold Hauser, vai mais longe. Segundo ele, as ideias que norteiam os preceitos intelectuais, relatados geralmente como próprios de um movimento renascentista, rupturas como o naturalismo, antropocentrismo, datam, mesmo, de períodos bem anteriores. A Renascença é apenas a continuidade de ideias e ações medievais. Os elementos práticos que exemplifica são: as atividades comerciais, que nunca cessaram e obtiveram maior progresso após as Cruzadas, estas, realizadas dentro de uma lógica feudal e por uma hegemonia católica medieval; as noções aristocráticas de dever, honra e lealdade, onde o amor cortês e os laços entre poderes locais e suserania são celebrados, ao mesmo tempo que se constata o movimento artístico e intelectual; a preservação e tradução de clássicos (promovida dentro da Igreja), bem como, as universidades e as ideias de proteção às liberdades conquistadas (proteção à propriedade privada), entre outros itens que comprovariam o ponto, portanto, de que o Renascimento não foi tão rebelado. Para Hauser, se existe algum ponto em que podemos olhar para uma ruptura, seria no momento em que emergiu, do conhecimento produzido nas universidades, uma forma mais consciente e consistente de pautar-se na lógica aristotélica<sup>36</sup> e a utilização de métodos, que voltados ao mundo físico (natural), distanciavam-se das interrogações e justificativas ligadas ao idealismo e à transcendentalidade. Enfim, a busca de uma maior cientificidade.

Quanto a essa observação, o historiador Marvin Perry reafirma-a, relatando-

---

<sup>35</sup> O termo já havia sido mencionado por Nicolau Macchiavelli, a diferenciação denotava vontade crescente de ruptura com o modo de operar do medievo.

<sup>36</sup> HAUSER, Arnold. Renascença, Maneirismo, Barroco. In: **História Social da Arte e da Literatura**. Trad. Álvaro Cabral. Ed. Martins Fontes; SP:1998. p. 274.

nos que uma das mudanças entre tais períodos é a quebra nas formas de como se pensa o homem e a natureza. Segundo ele, se no medievo a ordem natural era dependente da sobrenatural, no moderno estas ordens se tornarão autossuficientes. A natureza passará a ser pensada enquanto um sistema matemático que opera sem milagres, numa lógica empirista.

Já Georges Duby<sup>37</sup> diz-nos que foi devido ao novo pensamento econômico e político, que se desamarraram, os indivíduos da época medieval, dos estáticos valores religiosos. E, dessa forma, o rompimento com a divisão social das três ordens - os que rezam, os que guerreiam e os que trabalham - teria ocorrido, promovendo a noção de um indivíduo livre, graças, também, ao aumento da urbanização.

O termo “renascimento”, por isso, é motivo de divergências, tendo sido enxergado tanto enquanto período transitório entre as convenções demarcadas como Idade Média e Moderna, quanto como movimento intelectual. Aliás, o historiador Jacob Buckhardt, é um dos exemplos dos que parecem entender o Renascimento desta forma. Segundo ele: “[dedicando-se] agora à Antiguidade [...] o Renascimento não se teria configurado na elevada e universal necessidade histórica que foi se se pudesse abstrair tão facilmente dessa Antiguidade”<sup>38</sup>. A intrínseca ligação entre o que chamamos de Renascimento e a Antiguidade é, então, apontada por Buckhardt, como o indício primeiro para uma possibilidade de compreensão desse momento. O próprio nome carregaria tal concepção, remetendo, já, ao ressurgir do elevado conhecimento clássico. Nesse sentido, fluiria nele uma característica em comum que o designa: um retorno à luz brilhante da Antiguidade Clássica. A partir disso, sua lógica estaria expressa em um valor que perpassa as produções daqueles sujeitos que se voltaram às concepções do mundo Antigo. Esta noção não parece ser uma maneira totalmente falsa de enxergá-lo já que, por exemplo, é comum, no caso francês, os quadros, as esculturas e as discussões filosóficas estarem associadas às obras greco-romanas, de alguma forma. Em Lyon, inclusive, poetas, com seu “regionalismo” enaltecendo, se esforçaram para destacar em si um vínculo mais íntimo com a cultura clássica, remetendo o início da história

---

37 “Uma das ordens reza noite e dia A outra é a dos trabalhadores A outra mantém e faz justiça”. Ver: DUBY, Georges. *op. Cit.* p.299.

38 BUCKHARDT, Jacob C. 1818 – 1897. **A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 177.

da cidade lionesa à antiga cidade de Ilion, que conhecemos como Tróia, forjando uma aproximação identitária da região com os valores da Antiguidade Clássica.

Seja como for, as discordâncias sobre a preponderância de rupturas ou de continuidades, da consciência de um movimento intelectual ou de uma periodização, ocorrem justamente pela amplitude de fenômenos para os quais podemos direcionar nossos olhares quanto ao que diz respeito ao horizonte sociológico da Renascença. Tentando evitar, porém, de abrir mão de pensarmos grupos que, não usufruindo da atmosfera de um elitismo intelectual, participaram e interagiram com esse período, apresentaremos alguns aspectos gerais que integram essa atmosfera, com a expectativa de que nessa apresentação seja possível formular um conhecimento sobre uma realidade mais ampla e os investimentos que se incidem numa demarcação específica de limites dinâmicos, nos quais possamos entender uma conjuntura em que a agente Louïze Labé, com estigmas ou não, possa ter assumido um lugar de visibilidade.

#### **a) Os fenômenos socioeconômicos - trocas de ares e lugares**

Como já lembramos brevemente em outro momento, durante grande parte da história da Europa, a população passou por épocas de fome, devido tanto à má colheita, quanto, obviamente, à concentração de riquezas nas mãos de poucos – especificamente na França, a aristocracia de costumes feudais e ociosa, apoiá-se na monarquia até, pelo menos, a Revolução de 1789.

Porém, entre os fatores econômicos que se alteram, há uma pequena ascensão dos grupos burgueses, que ganham importância por seus financiamentos à realeza, relações comerciais e por pequenas oficinas, enriquecendo a variedade de produtos à disposição do mercado. Essa nova disposição foi reforçada pelos negócios com outros povos e pelas invasões ocorridas desde o século XI, primeiramente, ao Oriente Médio e regiões do Império Bizantino e depois às Américas, produzindo um aumento no poder econômico.

A partir do momento em que esses grupos de burgueses passam a ganhar importância econômica, algumas medidas interessam-lhes, e seu apoio à realeza leva-os a promover a mudança tanto no panorama político que gera a centralização

administrativa do Estado, quanto nas medidas que ambicionavam - especificamente, a uniformização administrativa, monetária e legislativa, o que contribui para reempoderar a figura real e, ao mesmo tempo, aumentar o *status* social de seu próprio grupo.

Além disso, bem anterior, durante o império carolíngio, ter-se-á a fundação de escolas com o objetivo de ostentar uma imagem de elevação cultural. A partir disso, ter-se-á o recomeço da construção de um saber institucionalizado nas universidades - estas surgem com iniciativas tanto por parte do poder secular, quanto por parte do poder eclesiástico.

Desses saberes institucionalizados, os “empreendedorismos” comerciais passarão a colocar à prova suas produções. Entre eles, o lançar-se ao “*mar Oceano*”, que foi aos poucos se tornando menos arriscado, pelas tecnologias reapropriadas de outros povos ou desenvolvidas.

Ainda assim, tais mares abertos não deixaram de criar um receio tamanho, que estagnava alguns de seus *aventureiros*. A mobilização de pessoas desse universo europeu para conquistas e invasões, ocorridas em tais fenômenos, sinaliza a necessidade de ascensão socioeconômica dos mais atrevidos e as dificuldades de certas camadas dentro desse período.

Mas é esse momento que contribui, em parte, para uma mudança cultural na relação homem-mundo-Deus. O denominado “Renascimento cultural”, geralmente definido enquanto “consequência” do período de reabertura do comércio e de novas descobertas, foi, na verdade, concomitantemente produtor dessas relações.

Uma modificação na forma como se encara a natureza, nas relações locais e nos próprios indivíduos, foi necessária para que houvesse estímulos ao desenvolvimento econômico. O contato ocorrido nas guerras “santas”, que levou àqueles senhores feudais e seus filhos, sem heranças, a contatar e interagir, muitas vezes de modo nada pacífico, com outras culturas e com novas mercadorias, tornaram o Mediterrâneo - além do contato por terras - um pólo desses entrecruzamentos comerciais e culturais, disseminando especiarias, sedas e, inclusive, itens de informação que as novas monarquias, opulentas, almejavam, na ritualização de seu poder, bem como, implodindo a crença da teologia católica.

No caso da cidade de Lyon esses eventos que proporcionam tamanho trânsito, é confirmado na relação social que a economia da informação e marítima

proporciona. Sua dedicação ao comércio e a manufatura da impressão proporciona certos contatos culturais. Por exemplo, há enorme influência dos comerciantes venezianos e florentinos sobre a cidade lionesa, bem como, o investimento que ocorreu nas navegações fez elevar alguns ofícios como o de cordoeiro. O pai e o marido de Labé, que apresentavam uma condição de vida favorável, encontravam-se envolvidos na comercialização de material para os transportes fluviais e marítimos. Além disso, os humanistas italianos tiveram grande influência na cidade lionesa. Um destes italianos é Petrarca, cuja tradução foi propiciada durante o século XVI, aos intelectuais dessa cidade. Tornou-se, rapidamente, um dos poetas mais admirados na região e seu estilo se difunde no renascimento cultural lionês. Inclusive, o estilo do poeta, pode ser percebido nos sonetos labetanos. Ademais, a língua italiana era também muito utilizada como instrumento para afirmar o *status* intelectual que os escritores mais célebres deveriam ter. E, no caso lionês, um item de fácil contato e apropriação por ter existido essa migração e proximidade com os territórios italianos<sup>39</sup>.

Dessa forma, na maioria das regiões, a difusão de culturas, que inclui o classicismo, enebria os ares, que eram, em alguns momentos, inacessíveis, e em outros vetados pela "Santa Igreja Católica". Ares que, anteriormente, apenas esporadicamente, eram renovados, pois tinham de se conformar aos humores dos administradores daquela instituição, que podiam permitir avanços e regressos em termos de conhecimento e liberdade de pensamento<sup>40</sup>.

A historiadora Janaína Amado, em "Navegar é Preciso", retrata outros aspectos que são consequências do europeu que se lança aos mares, o qual ao se aventurar nessas navegações, além de pôr em dúvida preceitos religiosos, acabou contribuindo para findar com algumas crenças e superstições. Como consequência, segundo ela, isso também ajudou a atrair indivíduos cujo *status* socioeconômico era menos favorável e se tornaram persuadíveis para doarem-se a essas realizações, na ambição de ascender.

---

<sup>39</sup> Peter Burke percebe as migrações ocorridas como forçadas e chama de diáspora genovesa e François Rigolot acrescenta que houve outras proveniências: "descendentes de famílias toscanas, venezianas, napolitanas", demonstrando o grande trânsito italiano pelo reino francês. Ver: BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Trad. Plínio Dentezien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003; RIGOLOT, François. **Poésie et Renaissance**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

<sup>40</sup> Não devemos generalizar, porém, essas administrações papais. Algumas vezes, concederam transformações e apaziguaram os ânimos para com os dissidentes, conforme fosse o alinhamento de tal autoridade.

Os estímulos recebidos para o ato “aventureiro” (para os quais, os Estados, deveriam estar de alguma forma estabilizados, assumindo conjuntamente a empreitada<sup>41</sup>), vieram tanto dos ambicionados entrepostos comerciais e dos contatos com o Oriente, cujo “mediador” até o momento era basicamente italiano<sup>42</sup>, quanto das cores das histórias sobre as recém ou pouco conhecidas terras<sup>43</sup> – para portugueses, franceses, espanhóis, entre outros. Essas pintavam um retrato que destoavam dos cinzentos conflitos rotineiros<sup>44</sup> e dos improdutivos solos europeus<sup>45</sup>, assim influenciaram seus aventureiros e legitimaram, através da semente de um poder nacional, a intenção de chegar, naquelas terras, e dominar seus nativos<sup>46</sup> teria de ser assegurada por um outro discurso de superioridade que envolvia a noção de civilização europeia. Tais conquistas ofereceram ainda uma válvula de escape para os problemas da fome, da violência e da peste.

Na literatura do período estão presentes relatos de um brilho comercial e político tratando de riquezas em abundância, pelas quais os súditos haveriam de morrer, mas que ao fim, mal as compartilhariam. O período renascentista, se por um lado, gera a movimentação de metais preciosos para uns, para outros gerará a “inflação” que acompanharia todo esse “desenvolvimento”, afetando justamente a população menos abastada (o que desemboca em conflitos que vão além da luta pelo pão, como dissensões religiosas e, por isso, em alguma medida, políticas).

---

<sup>41</sup> Um dos fatores demonstra ter sido esta estabilização das Monarquias, visto que a ordem de suas formações coincide com o início dos empreendimentos marítimos nos oceanos: a portuguesa, depois espanhola, para em seguida inglesa, francesa e holandesa.

<sup>42</sup> Cujas elites burguesas e nobres das cidades italianas foram precursoras na prática do mecenato. Prática que outros grupos burgueses das Novas Monarquias imitarão, na tentativa de se equiparar ao poder nobiliárquico.

<sup>43</sup> Como estamos tratando do “Renascimento Europeu” quando falamos recém-conhecidas, obviamente, estamos nos referindo ao conhecimento que aqueles tinham da geografia de então.

<sup>44</sup> Um deles são as guerras ocorridas pelas mesmas cidades italianas que detinham o monopólio das transações. Perdendo, ficavam com poucos entrepostos comerciais, migrando, por conta de guerras, ou, ainda, disputando belicamente por outros interesses.

<sup>45</sup> Portugal sofria com a baixa produção e grande população, embora não seria suficiente, posteriormente, para ocupar um território de proporções como as do Brasil. Já a França estava envolvida em diversos conflitos, necessitando resolver seus problemas: uma população que sofria com os problemas climáticos para a plantação, quanto com guerras para consolidar-se enquanto monarquia, e conseguir realizar tais empreendimentos. Ver mais: AMADO Janaína & GARCIA Ledonias F. **Navegar é Preciso**: Grandes descobrimentos marítimos europeus. São Paulo: Atual, 1989.

<sup>46</sup> Isso pode ser observado, ao lermos as narrações dos exploradores europeus quanto aos desconhecidos grupos humanos que na América habitavam. Inclusive, há nessas narrativas uma ausência de autocritica quanto à postura violenta e usurpadora dos recursos dos nativos, guiados apenas pelos direitos e legitimidade dos poderes concedidos pelos distantes reinos. Como relata um membro do povo mexicano à época da colonização da América: “[Os espanhóis...] tudo pegaram, de tudo se apossaram, tudo foi tomado como se fosse seu, de tudo apropriaram-se como se fosse deles”. Pelo seu direito advindo da famosa palavra “descoberta”.

Assim, se a riqueza chegou aos mercadores e às opulentas “novas” monarquias, a maioria da população não percebeu tais invasões da mesma forma.

Esta condição, por exemplo, obrigou parte da população europeia a migrar em busca de melhores condições, como nos narra o historiador Lucien Febvre sobre a família de poucas posses: um homem europeu nômade, cuja esposa passaria a ser abrigada por parentes ou vizinhos, e suas crianças se dispersariam, ficando a própria sorte<sup>47</sup> – embora, em alguns casos, como nos recorda Natalie Z. Davis<sup>48</sup>, através do personagem Martin Guerre (espírito desajustado ao seu meio), houve quem tenha feito por voluntariedade a migração. No caso de Guerre, ele viveu seu nomadismo como soldado, por opção. Porém, não devemos esquecer que Bertrande, Sanxi<sup>49</sup> e demais parentes tiveram suas condições desequilibradas por essa decisão (tomada como estúpida, um desafio às normas medievais de viver em comunidade)<sup>50</sup>.

De qualquer forma, tais aventuras (internas e externas à Europa) significaram o deslocamento de informações através de relatos escritos ou contados por terras antigas e além-mar. Os relatos sobre tais andanças criavam, também, uma expectativa de melhores condições de vida, como já mencionamos, de cultura e de ascensão social – cujas esperanças nos relatos e nos discursos oficiais não devem ser sempre confundidas com as reais possibilidades encontradas pelos súditos de menores posses.

O interesse mercantil, a busca por uma elevação de seu *status* social e mesmo a justificativa religiosa de levar aos povos Deus e “civilização”, através de doutrinas “humanistas cristãs”, serviram para explorar e renovarem-se costumes através de antigas práticas<sup>51</sup>. Mas, apenas uma Verdade, pautaria tais atos, ao mesmo tempo, que tais atos assegurariam-na: que o Deus do homem branco era quem garantia a civilidade, embutindo suas elucubrações em outros povos, em

---

<sup>47</sup> FEBVRE, Lucien. O homem do século 16. In: MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo, Ed. Moderna, 1986. p. 23-26.

<sup>48</sup> DAVIS, Natalie Z. **O Retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987. p. 37-52.

<sup>49</sup> Que corresponderiam a esposa e filho de Martin Guerre.

<sup>50</sup> *Ibid.* p. 50.

<sup>51</sup> Utilizadas pelas colonizações, difundiu-se a ideia de superioridade racial baseada na religiosidade: “Assim, os não cristãos seriam todos não-civilizados, portanto inferiores, e os mestiços impuros frutos do pecado. (...) A razão europeia, a única verdadeira (e capaz de explicar uma única realidade possível), assim como o Deus europeu, o único verdadeiro”. Ver: LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Conquista da América Vista Pelos Índios: Relatos Astecas, Maias e Incas**. RJ: Ed. Vozes. 1984.

outros tipos de Cruzadas, agora contra os “selvagens inocentes”<sup>52</sup>. Mesmo assim, o período das descobertas ultramar serviu para balançar, além da política e da economia, explicações religiosas quanto à perspectiva de cosmos/mundo<sup>53</sup>.

A vida que levavam os “selvagens”<sup>54</sup>, relatada com admiração por alguns dos invasores, não poderia ser fruto da ira do Deus cristão - já mais paternal, é verdade. Vivendo eles no pecado, desconhecendo a liturgia católica e, mais ainda, estando a demonstrar uma existência mais ou menos harmônica, em terras tão longínquas da propagação daquela Verdade teocêntrica (de modo que nem pertencia a seus discursos), questionavam, só por suas práticas, outros tantos mitos bíblicos. Por fim, constata-se difusamente: a Terra era redonda e não era o centro do universo!

Tais perspectivas mexeram não só com as condições socioeconômicas de vários grupos, mas vieram a consolidar a nova conjuntura política, entrelaçada tanto pelos movimentos humanistas e reformadores, quanto pelos interesses de grupos burgueses, passando a assegurar, por fim, a autoridade do monarca.

## **b) Fenômenos políticos: o reempoderamento da figura secular do rei e os litígios territoriais**

A corrida por ambiciosas conquistas comerciais necessitou, em parte, de uma centralização. Portanto, o fragmentado poder feudal, como podemos prever, teve de se enfraquecer, para que a maioria dos reinos viessem a ser consolidados, na mão dos reis-suseranos. Tal poder foi sendo minado internamente pelas revoltas, guerras e fome, mas também, pelas já mencionadas transumâncias e urbanização. Como consequência, os antigos poderosos vassalos passam, igualmente, a recorrer ao

---

<sup>52</sup> A princípio, percebidos dessa forma conforme a resistência que faziam à dominação europeia. Houve, ainda, um grande processo de aculturação, cuja via foi quase de mão única quanto aos povos nativos, ver: LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Conquista da América Vista Pelos Índios: Relatos Astecas, Maias e Incas**. RJ: Ed. Vozes.1984. Para exemplificar, trazemos um relato que consta nesse mesmo livro e que é tristemente constrangedor, retratando esse momento enaltecido pelos invasores europeus, do apogeu da sua Alta Burguesia mercantil, porém visto pelo Outro: “Não podemos estar tranquilos, e certamente não cremos ainda, não o tomamos por verdade (ainda quando) *vos ofendemos*. Aqui estão, senhores, *os que governam, os que conduzem, que têm a seu cargo o mundo inteiro*”. [grifos meus] Demonstrando a incompreensão sobre o jugo que determina a exploração de homens sobre outros homens.

<sup>53</sup> A simplicidade dos povos pré-colombianos surpreendia os pontos de vista de alguns exploradores, mesmo os que vinham para consolidar o processo de colonização, como os prelados católicos, cuja sua instituição investira também nesses empreendimentos. Olhavam com indignação para toda destruição realizada por seu próprio povo, do que haviam chamado de “paraíso terrestre”. Sobre estes relatos literários, ver: SAHAGÚN, Frei Bernadino de. **História geral das coisas da Nova Espanha**, 1555; LAS CASAS, Bartolomé de. **O Paraíso destruído**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

<sup>54</sup> Como sugerem os relatos de Bartolomé de Las Casas, Cristóvão Colombo e até o próprio Hernan Cortez.

poder do monarca para conseguirem manter seus interesses e amenizar os conflitos em suas terras, ou abafá-los. Segundo Marcos Lopes, a legitimação far-se-á a partir dessas concessões frente às reivindicações de servos e nobres<sup>55</sup> que, ao mesmo tempo que os enfraquece, no descontentamento com o poder local, passam a reatribuir o poder de decisão e mediação ao "maior" suserano das vastas terras do reino.

Este último, ainda segundo Marcos Lopes, também dependeria da afirmação da Igreja, que vai sofrendo um compartilhamento do poder do "sagrado" império católico, onde pela metade do século XVI, já não será mais hegemônico.

Quanto à França, conseguiria consolidar seu Estado, mais tardiamente, durante o século XVI, buscando expandir-se e afirmar-se. É efetivado o seu território, a partir da casa de Valois, mas, obviamente, o processo de afirmação da Monarquia Nacional vinha sendo construído desde Carlos VIII (1470-1498).

A França do século XVI era essencialmente rural. Vivia um período de conturbação religiosa, ao mesmo tempo em que sua monarquia estava desenvolvendo os espaços de trânsito e de fronteiras dos seus territórios. Paris, no entanto, já era um centro de informação política, possuindo, no início do século XVII, embaixadas para além de países europeus<sup>56</sup>. Lyon, cidade da escritora Labé, estava a concorrer, juntamente com a capital administrativa, no que toca à produção de itens de informação, contribuindo para o avanço das letras, e do aspecto manufatureiro e financeiro do país, que garantia a aparência de riqueza cultural e econômica a tal Estado.

A revalorização da posição do soberano se dava, também, pela formação de exércitos permanentes, que no caso francês, vinha ocorrendo desde o reinado de Carlos VIII, com seus mercenários suíços, contribuindo para a sustentação de sua posição. Isso funcionava da seguinte maneira: mantinham-se os conflitos externos, com seus saques e interesses expansionistas, e, internamente, os pagamentos das tropas advinham da população em forma de impostos, em troca da "defesa" e organização do território. A belicosidade foi permanente, visando manter a unidade territorial, cujos feudos se integrariam a ela. São declaradas, ainda, guerras contra

---

<sup>55</sup> LOPES, Marcos A. **Absolutismo: Política e sociedade na Europa Moderna.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

<sup>56</sup> BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot.** Trad. Plínio Dentezien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 65

idades italianas, pelos entrepostos comerciais, e também disputas pessoais dos monarcas contra feudos alemães e contra o império sacro, leia-se, domínio político, de Carlos V (que representa a Espanha e a maioria da cristandade).

Ainda, no que toca ao caso francês, alguns instrumentos de organização do poder foram vitais para a centralização ocorrida: a chancelaria, que concentrava funções da justiça, a burocracia, um sistema de Conselhos, secretarias e parlamentos em províncias, que asseguraria uma noção de diálogo e de negociação do sistema monárquico para com os membros mais importantes da sociedade.

Assim, as disputas por reinos asseguravam uma identificação dos súditos ao monarca, devido à insegurança de uma invasão iminente, submetendo, ainda, os guerreiros, meio vassalos, meio súditos, às novas ordens de expansão, na qual a figura do rei retoma seu poder simbólico de autoridade máxima, ainda que, por vezes, divida esse cenário com a Igreja.

As novas descobertas colaboram, em diversos aspectos, no processo de consolidação das monarquias. Elas reafirmam os laços internos, tanto por serem válvula de escape aos conflitos internos e gerarem riquezas, quanto por indicarem que é pelo reconhecimento de seu reino enquanto soberano que estão a conquistar outros territórios.

Os simbólicos títulos que os navegadores buscavam, era para se fazer ver dentro de sua sociedade, como podemos perceber no trecho a seguir, no qual Colombo informa sobre suas “descobertas” e requer o direito que adquiriu dentro da lógica administrada pela sociedade europeia: “[...]me concederam grandes mercês e me enobreceram para que daí por diante me intitulasse ‘Dom’ e fosse Almirante-mor do Mar Oceano, Vice-Rei e *Governador perpétuo de todas as ilhas e terra firme que descobrisse e conquistasse*, e que doravante se descobrissem e conquistassem no Mar Oceano<sup>57</sup>”. Ainda, frisa-se que o contrato sobre as tais posses se dá em uma única via, pois é notório que nunca houve uma intenção de negociação para com os povos invadidos ou “descobertos”, pois os europeus estavam regidos apenas pelo direito de *possuir*, fornecido não por seus “feitos”, mas pelas monarquias do velho continente. Delas advém o único reconhecimento que lhes interessa: o de sua própria civilização, e não daqueles que pertenciam ao local onde acabaram, estes,

---

<sup>57</sup> COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América: As quatro viagens e o Testamento**. Porto Alegre: L&PM, 1998 ;p 30.

por tornarem-se os estrangeiros, os “Outros”. As novas descobertas são, então, a própria consolidação dessas monarquias.

É, então, por desejo de legitimação que ocorre, também, o suporte secular ao conhecimento. O reinado de François I mostra seu incentivo ao conhecimento, no caso, por exemplo, da fundação, em Paris, do Collège des Lecteurs Royaux, mesmo diante da oposição “da Faculdade de Teologia”<sup>58</sup>. Os herdeiros dessa dinastia darão, de alguma forma, encaminhamentos parecidos: seu neto, Henrique III, será fundador de academias, uma delas dedicada aos estudos das ideias de Platão. Na principal cidade de instalação da Corte, havia, ainda, centros de informação culta que iam desde as embaixadas até Academias de Ciências, observatórios e grandes bibliotecas<sup>59</sup>, muitos deles abertos ao público, que insinuavam o papel benevolente de seus governantes “concessores”.

O poder político apresentou-nos também figuras de mulheres de grande relevância, que estiveram diretamente relacionadas com a administração do Estado, ainda que a sua vinculação seja, por vezes, mais divina ou mística do que feminina: Diane de Poitiers (1499-1559), cuja forte influência sobre o rei da França, Henrique II, ganhará feições de adultério; Isabel I, rainha de Castela e Leão, (1451-1504) – seu destaque político se sobressai ao poder de seu marido; e a rainha Elizabeth I, da Inglaterra, (1533-1603), cuja glória será atestada pela manutenção de uma figura casta e virginal. Esses exemplos nos sugerem algumas alterações nas acepções gerais sobre a política e podem igualmente nos fazer inferir sobre a própria função das Cortes e cortesãs, interpretadas tanto como cultas, como cultivadas para um público intelectual masculino.

Uma hipótese muito difundida é de que a figura da cortesã está envolta de um aspecto sensual que se assemelha à interpretação histórica sobre as hetairas gregas, e que seriam elas, mulheres superficialmente educadas, se assim se pode pensar, para entretenimento dos demais membros da Corte<sup>60</sup>. Entretanto, segundo o historiador oitocentista Nicolas Cochart, o reino de François I encorajou pesquisas e fundou colégios, o que foi fundamental para a difusão do ensino na França o que, conseqüentemente, acarretou modificações na educação das mulheres:

---

<sup>58</sup> BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Trad. Plínio Dentezien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 41

<sup>59</sup> *Id. Ibid.* p. 65.

<sup>60</sup> Entretanto, muitos dos intelectuais que o fazem com o intuito muito prático de “obter” poder, não são pensados dentro dos mesmos moldes que a figura intelectual feminina.

Les femmes participèrent à cette heureuse amélioration: leur éducation fut plus soignée, plus étendue, plus libérale; on ne se contenta pas de leur enseigner les arts d'agrément, on les initia de bonne heure dans les mystères des sciences : les progrès qu'elles y firent prouvent que le penchant à la frivolité, dont on les accuse, est plutôt l'effet des institutions que celui de leur caractère<sup>61</sup>.

O que o relato dos registros de Cochard demonstra de mais importante é que houve melhorias, que oportunizaram as mulheres infiltrarem-se no mundo das letras.

O acesso pronunciado por Cochard revela o viés formal da educação que mulheres de bom nascimento teriam podido desfrutar. Mas havia outras vias pelas quais as mulheres poderiam ter acesso à educação letrada, as quais veremos mais adiante, o que faz com que esse número possa ser maior. Segundo o que Maria Fallabrino conclui sobre a presença feminina nas Cortes é que :

As cortes valorizavam o elemento feminino [...] permitindo às damas uma maior participação social. O refinado mundo cortesão parece ter oferecido um entorno favorável para as mulheres interessadas nas letras e nas artes, aqui, elas tiveram maior liberdade e oportunidade para desempenhar outros papéis além dos de esposa e de mãe<sup>62</sup>.

Conforme Fallabrino, pela construção do poderio dos novos Estados, as damas de maior *status*, devido à proximidade dos monarcas assumiram aquela aura clássica do desejo deles de se legitimarem. Dessa forma, o contexto parece não indicar, necessariamente, o caráter dependente e inferior dessas cortesãs, mas, sim, a sede que Labé, no início deste capítulo, expressou<sup>63</sup>. Parece-nos que a primeira leitura indica outro ponto: o fruto de uma epistemologia vacilante do olhar do historiador sobre esse passado.

A presença feminina no discurso da historiografia deve ser lembrada conjuntamente do ponto em que ainda era o discurso monárquico pautado em concepções cristãs ou católicas, o que asseguraria à Igreja fundamental papel político por algum tempo. Proclamavam-se os monarcas como eleitos do divino<sup>64</sup>.

---

<sup>61</sup> BREGHOT DE LUT, C. Notice sur Labé. Par Perrin *et al.* **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 23-24 (T.A.: "As mulheres participaram dessa feliz melhoria: sua educação foi mais cuidadosa, mais extensa, mais liberal; não se contentam nos ensinamentos das artes do agrado, iniciam-se de boa hora nos mistérios das ciências: o progresso que fazem mostram que a tendência à frivolidade, da qual se acusa-as, é mais o efeito das intuições que de seu caráter).

<sup>62</sup> FALLABRINO, Maria V. P. **Esposas da Burguesia: Representações Femininas Nas Repúblicas Italianas do Século XV**. Acessado dia 06 de maio de 2009. Disponível em: [http://www.utp.br/historia/revista\\_historia/numero\\_2/pdf/3\\_maria\\_veronica.pdf](http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_2/pdf/3_maria_veronica.pdf)

<sup>63</sup> Ver nota 27. P. 20

<sup>64</sup> Embora o discurso do escritor italiano Dante Alighieri, do século XIV, estivesse adiantado quanto às suas proposições de uma monarquia cujo critério de exercício do poder real deveria ser ocupado pelos que tivessem maior mérito, a *virtus* e não um poder alegado apenas pelo transcendental (*Monarquia*, livro de 1314). Entretanto, quando Dante escreve isso, encontrava-se condenado ao

Outras vezes, porém, utilizando também da fé da cristandade, se vincularam a novos discursos, mesmo que fosse apenas por vantajosa circunstância (como François I, rei francês que guerreará contra Carlos V, se servindo da aliança com outros grupos descontentes luteranos da Alemanha). Para compreender estas circunstâncias, consideramos importante tratar das divergências político-religiosas do século XVI: as chamadas reformas protestantes.

### **c) As dissonâncias de discursos religiosos: a Reforma e Contrarreforma:**

De modo geral, embora se saiba da hegemonia e poder da instituição católica durante praticamente um milênio, seus dogmas sempre suscitaram questionamentos e reinterpretações, inclusive, em seu próprio seio, o que no século XVI terá o seu ápice.

A própria Igreja Católica possuía espaços "concedidos" a ordens e congregações que podiam destoar em alguma coisa umas das outras. Porém, quando se apresentavam demasiadamente divergentes, como o ascetismo do século XII, que feria direta ou indiretamente preceitos católicos mais seculares, resultavam em conflitos com o Alto Clero e tais ordens eram, igualmente, perseguidas. A solução, dependendo da administração secular e da gravidade das propostas, era drástica: condenados à morte pela Inquisição (como no caso de Jan Hus, que denunciava as indulgências e era contrário à extensa autoridade do Papa, queimado vivo um século antes de Lutero). As diferentes interpretações geravam a repressão da Igreja a qualquer ruído, pois podiam significar uma desmitificação da Verdade e as consequências podiam resultar em prejuízos devastadores para a sua riqueza.

Assim, as religiões e as heresias medievais acabavam sendo abafadas pela fumaça das fogueiras. A mensagem era clara: todo aquele que se dispusesse a enfrentar as contradições entre pregação e prática da Igreja, entre outros saberes institucionalizados, deveria ser lembrado de que corria grandes riscos. Porém, a briga por interpretar as Escrituras não cessava, apesar de todos os instrumentos silenciadores, culminando, no século XVI, em uma nada pacífica divisão do mundo

cristão, gerada não só por reformulação dos dogmas religiosos e suas interpretações, mas também por representarem ambições políticas e econômicas de outros grupos. Aos novos Estados podia convir, por exemplo, se distanciarem do jugo da Igreja<sup>65</sup>, já que mais fortalecidos, expandiriam, assim, sua autonomia - se Lutero em nenhum instante teve, em si, mais que o ímpeto pessoal de Salvação<sup>66</sup>, o momento, entretanto, não poderia ser mais propício para que mudanças no quesito religioso-político ocorressem e o ajudassem em sua defesa.

Além disso, o descontentamento da população era evidente, já que a lista de contradições e restrições saltava aos olhos<sup>67</sup>. E sem, provavelmente, esperar, os simples tratados luteranos geraram resultados de uma modificação de grande alcance, inclusive pelo aspecto social.

Se o caráter da Reforma a princípio não visa à quebra da hegemonia católica – ou seja, se não pretende mudanças profundas nessa sociedade –, se os questionamentos lançados por Lutero quanto às indulgências teriam sido tão ou melhor argumentados por pessoas anteriores a ele (e de seu mesmo estrato favorável), ou ainda, se dentro desses mesmos argumentos havia permanência de alguns eventuais vícios de interpretação, servirão, contudo, para motivar transformações políticas e sociais, nas quais o religioso pode ter sido apenas o véu<sup>68</sup>.

Teremos dois reformadores que influenciariam mais fortemente a França: as ideias de Martin Lutero e de Jean Calvin<sup>69</sup>. Como dissemos, o rei François I se aproximará dos reformadores alemães para combater as forças de Carlos V, o que possibilita o adentramento dos adeptos na França. Quanto ao calvinismo, possuiu uma grande influência em Lyon, cujas perseguições católicas e os saques

---

<sup>65</sup> O jugo da Igreja já estava compartilhado com o Estado, mas a Reforma será uma chance libertadora para muitos principados, visto a necessidade de terminar com as atribuições defendidas pela Igreja e apoio desta a certos reinos favoritos.

<sup>66</sup> FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. Lisboa: Ed. Asa, 1994. p. 59-97; 145-201.

<sup>67</sup> Um dos itens que era questionado dizia respeito à usura. Tal condenação católica a essa prática também concorrerá para que alguns burgueses se voltem a uma versão da Escritura que tenha mais a ver com suas questões e ações pessoais.

<sup>68</sup> Natalie Davis cita que "as classes populares protestavam não só contra os dogmas e o clero corrupto, mas também, contra a pobreza e a injustiça, e procuravam na Bíblia não apenas a salvação pela fé, mas a igualdade original entre os homens". Ver: DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna**. SP: Paz e Terra, 1990. p.12

<sup>69</sup> Bem como, alguns difusores da interpretação anabatista, mas de forma muito própria em cada região.

protestantes geraram, a partir da segunda metade do século XVI, uma grande crise lionesa<sup>70</sup>.

Por um certo panorama, no entanto, a Reforma a um só tempo quebrou a hegemonia cultural da Igreja Católica e repercutiu em atitudes que transformaram um pouco da realidade social – questionando desigualdades e aumentando os índices de alfabetização.

Porém, é também verdade que, quando os Tribunais da Inquisição passam a serem ainda mais intolerantes, com suas restrições e tentativa de restabelecer alguns ritos, intimidam as discussões filosóficas, de um modo geral, e a liberdade, tão entoada, volta a decrescer, assim como do lado protestante, acabam acontecendo enrijecimentos. Porém, as incertezas semeadas tornaram impossível, minando por fora e por dentro, retornar, a Igreja - ou outra instituição cristã -, ao mesmo domínio “imperial” que possuía anteriormente.

Dessa forma, com suas continuidades estruturais, mas, também, repleto do aleatório, do pessoal e dos questionamentos, o século XVI, como parte da periodização do Renascimento, possuiu uma variedade de fenômenos entrecruzando-o. Não foi uma simples soma de elementos que, sendo singelamente traçados aqui, desembocaram num resultado consensual. O pensamento está envolto de valores e discussões morais que se constata e se constroem concomitantemente e que são parte de apropriações, criações e impulsos. A propriedade comum está, talvez, na propagação que haverá dessas novas e velhas concepções de mundo, além-mar e interiorizadas por muitos indivíduos, mesmo aqueles que podiam se encontrar distantes do círculo cultural da Corte. Isso não quer dizer que o renascentismo, com discursos humanistas e sua busca por cientificidade não tenha tocado a população de alguma forma, através, por exemplo, de uma lógica empirista baseada no conhecimento que se pautaria na observação da natureza. Igualmente, mesmo o mais desatento costume popular pode ter colaborado com reformulações intelectuais<sup>71</sup>, que influenciará também o conhecimento produzido nas academias da época<sup>72</sup>, unindo-se para o rompimento

---

<sup>70</sup> Podemos perceber a crise lionesa, inclusive na queda de publicações, que ocorre a partir dos anos 1560 até o início do século seguinte.

<sup>71</sup> Quando Ginzburg apresenta-nos Menocchio, aparecem apropriações de suas leituras que demonstram um conhecimento de algumas obras da época.

<sup>72</sup> Ver: SANTOS, Adelina P. & TOSI, Lucía. Resgatando Métis O que foi feito desse saber. In: **Estudos**

ou redução dos laços com o teocentrismo.

Porém, tão importante quanto as concepções difundidas pelo período, foi o fato, por exemplo, de a Reforma ter alterado índices de alfabetização dentre os seguidores da doutrina protestante que pertenciam às camadas populares, e sua preocupação com a transcrição da Escritura Sagrada para as línguas vulgares, justamente permitindo que os leigos pudessem compreender e, mesmo, compartilhar de suas interpretações.

Por fim, isso significa dizer que, de forma inebriada ou conflituosa, a participação e elucidação do Renascimento é complexa. Sendo improvável a possibilidade de enumerar os aspectos do Renascimento enquanto movimento intelectual e captar suas “origens”, é válido compreender que reverberou seja no campesinato, na aristocracia, na burguesia, entre outros grupos, eventos e informações trabalhadas pelo período, movendo-se entre eles, e produzindo homens e *mulheres* renascentistas<sup>73</sup>. E assim, em relação às mulheres, ser renascentista foi igualmente contraditório, como para outras “minorias”.

No caso da renascentista e intelectual, Louïze Labé, a complexidade de fenômenos e de conjunturas contraditórias, dos poderes institucionais, por exemplo, devem ser pensados com outros elementos que perpassam sua vivência concreta, mais próximos de sua microesfera, que pode ter sido, mesmo, peculiar, e, em outros momentos, ter compartilhado dessas estruturas, portanto, conflitante. A especificidade de uma cidade como Lyon, nesse momento, pode auxiliar-nos com o entendimento do que a escrita da autora traz de próprio, revelador e mesmo de contínuo para com as relações entre ela, enquanto mulher e sua sociedade. Portanto, pontuaremos agora alguns elementos que perpassam a peculiar vida da mulher lionesa.

## 1.2 - A Lionesa

Ser lionesa, durante o século XVI, significava estar em um dos centros urbanos mais desenvolvidos da França. Lyon contava com uma característica

---

**Feministas.** Ano 94, nº 2; 1994.

<sup>73</sup> Quanto à pergunta “houve Renascimento para mulheres?”, já respondemos, antecipadamente, que sim. Excluí-las desse processo seria engrossar as fileiras dos que menosprezam suas capacidades de agência.

comercial, que remontava ao domínio do Império Romano, por beneficiar-se de uma localização geográfica favorável ao tráfego fluvial.

A cidade é cortada por dois rios que atravessam a França e correm nas direções norte-sul e nordeste-sul - Saône e Rhône, respectivamente (Ver figura 2) - desembocando juntos no Mar Mediterrâneo, espaço marítimo reconhecido pelas importantes transações comerciais que dele dependem.



Figura 2: Mapa dos rios Saône e Rhône – Fonte: <http://ge.ch/noms-geographiques/>

A característica de ligar-se a estas rotas comerciais nos faz pensar sobre a situação socioeconômica de uma família de pequenos burgueses dedicados à atividade de cordoeiros, pela qual nossa autora é conhecida, *Belle Cordière*.

Já observamos anteriormente que as invasões ocorridas elevaram alguns grupos burgueses até a condição política que adquirem na administração para regulações que os interessassem. De certa forma, isso deve ter atingido o pequeno burguês que se dedica ao mercado e que possui relação direta com a construção dos meios de navegação. Isso explicaria uma condição socioeconômica privilegiada que Louïze Labé parece apresentar. Segundo as deduções que aponta M. Nicolas-François Cochard<sup>74</sup> o patrimônio familiar parece ser satisfatório para aquele momento, vejamos:

Elle eut pour père Pierre Charlin ou Charlieu, dit Labé, marchand cordier. Le nom de sa mère est inconnu<sup>75</sup>. Le genre de commerce qu'avoit embrassé

<sup>74</sup> O autor era historiador e membro da academia lionesa no século XIX.

<sup>75</sup> Segundo o autor: "Un acte de 1524 m'apprend que Charlieu étoit veuf d'Étiennette Deschamps, ou

Pierre Charlin [...] plusieurs familles des plus distinguées exerçoient ce genre de négoce.

Deux actes de reconnaissance, consentis en 1533 et 1535 par Pierre Charlin ou Charlieu, dit Labé, en faveur de l'abbaye de St. Pierre, nous apprennent que ce particulier étoit propriétaire d'une grande maison dans la rue de l'Arbre-Sec et d'une terre de huit bicherées<sup>76</sup>, dans laquelle il avoit fait construire une maison, située au territoire de la Gella, sur la côte de la Déserte ou de St. Vincent; terre qui a ensuite fait partie de l'enclos des religieuses carmélites<sup>77</sup>.

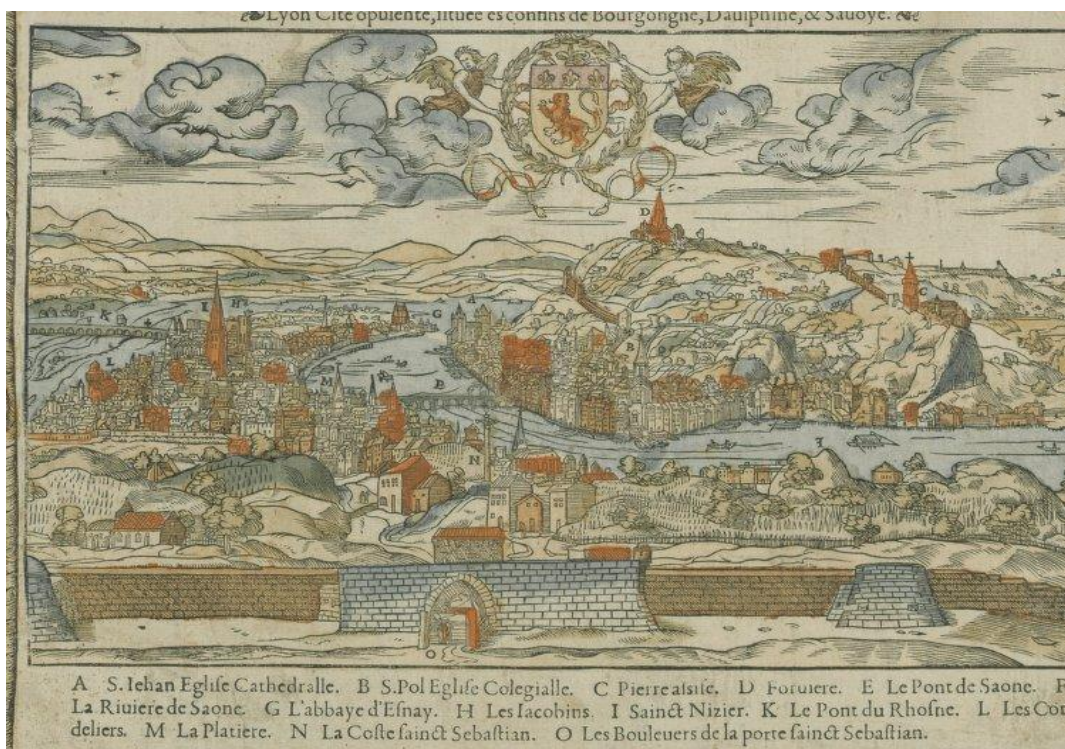


Figura 3 – Documento cartográfico sobre Lyon – Fonte: Bibliothèque Nationale de France – Nicolas le Febvre, Paris, 1555

Compagnon, qu'il en avoit eu trois fils, Barthélemy, François et Matthieu. Ainsi Louise n'est née que postérieurement et d'un second mariage". Já que na data da obra 1555 que "Je n'avois vù encore seize Hivers, Lors que j'entray en ces ennuis divers: Et jà voici le treizième Esté", contando, possivelmente, 29 anos da data da escrita. Entretanto, não é possível precisar adequadamente, visto que, como salientei, a própria permissão do rei indica a data de 1554. Ver Fonte/Bibliografia: M. Cochard. Notice sur Louise Labé. Par Perrin et al. **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 28

<sup>76</sup> Um "bicherées" lionês equivale a 12 ares e 97 cent. Já um are, equivale a 100 m<sup>2</sup>.

<sup>77</sup> M. Cochard também conseguiu alguns registros cartoriais que demonstram que grupos que trabalhavam com o mesmo tipo de atividade moravam próximos, onde ele aponta a família Cuchermois: "Estienne et Hugonin de Cuchermois, famille qui a fourni plusieurs conseillers de ville à Lyon, étoient aussi *marchands cordiers* ; ils possédoient dans la rue de l'Arbre-Sec une maison et un jardin joignant la maison de Pierre Charlieu"[grifos meus]. Ver: M. Cochard. Notice sur Louise Labé. Par Perrin et al. **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 29 (T.A: Ela teve por pai Pierre Charlin ou Charlieu, chamado Labé, comerciante cordoeiro. O nome de sua mãe é desconhecido. O gênero de comércio que adotou Pierre Charlin [...] muitas famílias das mais distintas exerciam este gênero de negócio. / Dois atos de reconhecimento, realizados em 1533 e 1535 por Pierre Charlin ou Charlieu, dito Labé, em favor da Abadia de St. Pierre, nos fazem perceber que este particular foi proprietário de uma grande casa na Rue de l'Arbre-Sec, e de uma terra de oito bicherées, na qual fez uma casa, localizada no território de Gella, na costa de Déserte ou de St. Vincent; terra que, em seguida, passou a fazer parte das terras dos religiosos carmelitas).



No documento, são apontados os inúmeros bens que Louïze possuía, sem, no entanto, ser possível compreender se herdados de seu pai, fato pouco recorrente à época, ou de seu marido. Porém, parece-nos claro que, mesmo não pertencendo à Corte, a família de Labé se encontrava num lugar social mais abastado que a grande maioria da população francesa, possuindo terras - ainda sinônimo de riqueza.

As relações comerciais desenvolvidas nas principais rotas de negócios, favorece outro aspecto importante para a vida cultural dos que habitam em Lyon. Segundo o historiador Peter Burke, há uma coincidência entre as rotas de comércio e de papel, que ocorre, justamente, pela difusão da informação tecnológica em tais pontos, em um momento de grande expansão e concorrência comercial, e, assim, para desenvolver métodos que os tornem cada vez mais velozes em suas corridas. Por sua vez, as mercadorias não só de consumo básico, mas também cultural usufruíam de tal fluxo. Burke reflete ainda:

[...] a própria publicação de livros era um negócio que atraía o interesse de negociantes que já ajudavam a financiar impressores no século XV. Ainda mais importante, pelo menos da perspectiva do presente estudo, era o fato de que a impressão encorajava a comercialização de todos os tipos de conhecimento. Uma consequência óbvia, mas significativa, da invenção da imprensa foi envolver os empreendedores de maneira mais direta no processo de difusão do conhecimento, “o negócio do Iluminismo”. Os impressores às vezes recomendavam novas edições de textos clássicos, traduções e obras de referência<sup>81</sup>.

Ou seja, os lucros decorrentes do comércio passaram a ser reutilizados e ampliaram o ciclo da moeda, sendo empregados na impressão. Dessa forma, a informação tanto tecnológica quanto filosófica, acabou por se tornar objeto da produção manufatureira e comercial.

Por ser Lyon um importante ponto de encontro dessas transações, atraiu alguns desses investimentos, tornando-se um pólo para sua comercialização. Tais reflexões colaboram para pensarmos na imagem que se incide sobre Lyon como uma cidade que produz e fomenta a indústria das Letras. Prova disso é que se calcula<sup>82</sup> que há, no século XVI, um número de 158 impressores ou tipógrafos nessa

---

uma pensão anual e perpétua de um *asnée* [carga que um burro pode carregar] vinho e um *mesure* de trigo, bom, puro e comercializável, medido no referido lugar; naquela pensão coloca o celeiro e a casa que declarou no lugar Parcieu en Dombes e quer que seja pago aos Srs funcionários por cada ano, a cada festa inverno de St. Martin, começando na próxima festa de St. Martin [...] mas proíbe e restringe a tais herdeiros e sucessores após nomeados e todos outros, não impedir o dito Fortin e os ditos acima, de seu poder e posse real e atual da referida casa e do celeiro.).

<sup>81</sup> *Id. Ibid.* p. 145.

<sup>82</sup> O nosso cálculo foi realizado a partir de uma pequena biografia dos habitantes de Lyon, publicada em 1839, por M. Bregnot du Lut e Pericaud. Ver: BREGNOT DE LUT & PERICAUD. *Biographie lyonnaise catalogue des lyonnais dignes de mémoire*. Lyon, 1839.

cidade, cuja população variava de 35 a 50 mil habitantes. Se formos levar em conta que o registro dessas atividades nem sempre foi realizado, e que há outras funções não contabilizadas nessa contagem, temos uma ideia sobre um número significativo dos que se entregam à atividade livreira de Lyon, em um século, e mais ainda, em um país, pouco manufatureiro e alfabetizado.

O que nos faz igualmente constatar que o mercado é bastante profícuo e que movimenta todo um ciclo de fabricantes, desde o aspecto extrínseco a tal mercadoria, quanto intrínsecos a ela – os que escrevem os textos - estimulando, ao mesmo tempo, seus habitantes a iniciarem-se nas letras. O editor Jean de Tournes, impressor de Labé, é um dos expoentes dessa indústria livreira, e não hesita em publicar obras que apresentem alguma relevância para a elite letrada lionesa e convidar ilustres personagens a publicar seus pensamentos ou fazer traduções. O autor François Rigolot dá-nos uma ideia sobre os principais personagens que publicam com esse editor, constatando a importância e seriedade de seu trabalho, bem como, os itens de consumo literário que ajudam a pensar o que é comercializável para tais investimentos:

[...] parvenu à l'apogée de son habileté, déploie une grande activité et publie les plus *élégants ouvrages*: qu'on en juge par la mise en page des **Emblèmes** d'Alciat; de **L'Amour des Amours**, de l'**Art poétique** et du **Dialogue de l'ortographe** de Jacques Peletier du Mans (...). Des ouvrages d'auteurs féminins de l'aristocratie sortaient des mêmes presses: les **Rymes** de la Lyonnaise Pernette du Guillet, en 1545; les **Marguerites de la Marguerite des princesses** de la reine de Navarre, soeur du roi, en 1547; enfin, les **Evvres de Lovize Labé Lionnoize** (Cartier II, p. 381). L'atelier tournésien publiait aussi des écrits "féministes" d'auteurs masculins, comme les vers encomiastiques sur les "nouvelles" déesses **Junon**, **Pallas** et **Vênus** de François Haberten en 1545 et 1547<sup>83</sup>. [grifos meus, apenas em itálico]

Percebe-se nisso um pouco do material consumido que vai à prensa, falando sobre história, gramática, filosofia e poesia. Isso revela o interesse variado e, igualmente, um consumo relevante de obras. O fragmento acima demonstra também que o editor e impressor Jean de Tournes é reconhecido e respeitado por ser, por

---

<sup>83</sup> RIGOLOTT, François. **Poésie et Renaissance**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 120. (T.A.: atingido o auge de sua habilidade, implanta uma elevada atividade e publica as mais elegantes obras: julgando pelo conjunto de traços em **Emblèmes** d'Alciat; de **L'Amour des Amours**, de l'**Art poétique** et du **Dialogue de l'ortographe** de Jacques Peletier du Mans [...]. De obras de autoras femininas da aristocracia que escolheram as mesmas prensas: as **Rymes** da lionesa Pernette du Guillet, em 1545; as **Marguerites de la Marguerite des princesses** da rainha de Navarre, irmã do rei, em 1547; enfim, as **Evvres de Lovize Labé Lionnoize** (Cartier II, p. 381). A oficina "tournesiana" também publicou escritos "feministas" de autores masculinos, tais como versos muito elogiado sobre as "novas" divindades **Junon**, **Pallas** e **Vênus** de François Haberten em 1545 e 1547).

exemplo, o editor escolhido pela rainha Marguerite. E que, além disso, publicou obras de mulheres, além de trabalhos de homens que se posicionavam mais favoravelmente em relação às reivindicações daquelas<sup>84</sup>. Sobre essas possibilidades de publicação, Labé faz algumas menções sugestivas em sua epístola, o que indica alguma liberdade e circulação de obras, tanto por um apoio masculino (que, algumas vezes, realizavam um elogio às escritoras, exercendo um caráter publicitário, além de demonstrarem uma posição favorável a esse adentramento<sup>85</sup>), quanto pela influência de poderes políticos de certas mulheres<sup>86</sup>.

Aliás, é interessante reconhecer que algo de uma identidade lionesa, transparece pois por autores, que percebemos, fizeram de seu nome autoral uma ênfase a sua característica de lioneses, visto que adicionam o termo - lionês (a) - a sua obra reivindicando esse caráter intelectual para si mesmos e para o lugar de onde publicam, difundindo os laços com o título de sua localidade. Tal ação também advém de uma rivalidade com Paris, ambicionando a proximidade e atenção da Corte francesa (chegando até concorrer com Paris para sediar a casa real). A proeminência política frente à realeza parece evidenciar-se por um soneto que, na homenagem a Labé, demonstraria além de referências à localização, um jogo de palavras que pode indicar admiração e/ou intimidade com a Corte devido às colocações que existem sobre os adornos que seu jardim possuiria<sup>87</sup>:

---

<sup>84</sup> Ou seja, apesar de, num primeiro momento, termos olhado para Labé como um caso extraordinário de ousadia, sozinha na empreitada de invadir a esfera pública e intelectual - e isto nos causa certo constrangimento pela própria questão da prática historiográfica e também institucionais -, não foi a primeira a obter para seus manuscritos a permissão de imprimi-los, podendo indicar outras autoras do círculo lionês que o fizeram: Claudine Scève, Sibille Scève (parentes de Maurice Sceve), Marie de Pierre-Vive, Claude Peronne, Jeanne Galliard, Jeanne Flore, Pernette du Guillet, entre outras. Fonte: François de la Croix-du-Maine. **Le premier volume de bibliothèque du sieur La Croix-du-Maine**. Par Abel l'Angelier: Paris, 1584.

<sup>85</sup> Sobre essa questão publicitária dos elogios presentes nos livros, Peter Burke discorre que: "[...] como observou mais de um escritor da época, inclusive o autor de um tratado sobre o assunto publicado em Veneza em 1590, as dedicatórias eram às vezes comercializadas". Ver: BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Trad. Plínio Dentzien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p.148

<sup>86</sup> Como se dá a ver pela declaração feita na obra da escritora aqui estudada, que dedica-a a Clemence de Bourges, cuja família possui expressividade política, servindo de defesa a essa publicação. Cito: [...] *ie vous ay choisie pour me servir de guide, vous dedicant ce petit euvre*[...] (T.A.: [...] eu vos escolhi para me servir de guia, vos dedicando esta pequena obra [...].)

<sup>87</sup> "Un peu *plus haut* que la plaine / Où le Rosne impétueux / Embrasse la Sône humaine / De ses grands bras tortueux. / [...] A l'entrée on voyoit d'herbes / Et de Thin verflorissant, / Les Lis et *Croissans* superbes / De notre Prince puissant ". O autor é desconhecido, mas está inserido nos elogios a Labé e sua obra, publicado em 1555. Ver: Louize Labé. **Evvres**. 1555, p. 156-157. (T.A.: Um pouco acima da planície onde o Rhone impetuoso abraça Saône humana com seus braços tortuosos. [...] À entrada nós víamos ervas e o fino verde florescendo, os lírios e *croissans* soberbos a nosso poderoso príncipe.)

Du tresnoble roy de france  
Le croissant neuve acroissance  
De jour en jour reprendra,  
Jusques a tant que ses cornes  
Jointes sans aucunes bornes  
En un plein rond il rendra<sup>88</sup>.

Segundo Ruolz o duplo “croissan-“ faz menção à casa de Valois<sup>89</sup> por ser o símbolo desta. Além disso, menciona o crescimento que ocorre na França de seus dias, agindo de forma elogiosa. O mesmo poema feito por um contemporâneo da autora, faz menção a uma batalha lutada por Labé. Talvez, seja possível refletir se a alcunha que recebe posteriormente de *Capitaine Loys*, não se deva a isso, cujo caráter militar relaciona-se ao alinhamento com a política de François I e Henri II.

No testamento de Louïze Labé *Lionnoize* aparece também esse contato, no qual se nota poucas reverências quando se destina a parte que cabe ao Rei:

[...]ladite testatrice, pour charité, pitié, aumosne, a donné et légué aux pauvres la somme de 1000 livres de fonds, avec les dons au proufit de cinq pour cent ou aultre proufit *qu'il plaira au Roy donner à cause de ladite somme, et icelle prendra sur le crédit de plus grand somme qu'elle a au grand party du Roy*, [...] <sup>90</sup>.

O aspecto intrigante sobre sua proximidade com a Corte ocorre, também, quanto à dedicatória de sua obra, que é oferecida à Clémence de Bourges. Essa jovem é filha de uma família politicamente poderosa, seu pai fora o chefe das finanças do Piemonte. A família era conhecida por prover artistas da época e tendo algumas poetisas em sua própria casa, possuindo contatos com autores renomados (dadas as homenagens feitas a ela, tanto no livro de Labé, quanto em outros trabalhos)<sup>91</sup>. Sabemos que tal mulher é próxima ao círculo da Corte, pois sua

---

<sup>88</sup>Fonte: Louise Labé **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: “ Ao nobre rei da França/ O crescente novo crescimento/ Dia a dia repetidamente/ Até quando tanto suas cornetas/ Juntas sem nenhum limite/ Numa volta plena ele retornará.

<sup>89</sup>Estes reis estão ligados à Casa de Valois, cujo monarca Henri II tem o seu reinado representado pela figura de dois *croissans*. Tal imagem é lembrada no poema que presta homenagem a Labé. Sob esse aspecto, destacamos o fato dos jardins da propriedade de Louïze estarem adornados por essa figura, o que poderia confirmar certo alinhamento com a política, bem como o otimismo encontrado na epístola da autora, por isto simbolizar, talvez, uma reverência a esses governantes. Ver: Par Perrin et al. Notes. **Euvres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824.p. 216.

<sup>90</sup> Fonte: **Testament de Louise Labé**. M. Cochard. Impressor: J. M. Barret, Lyon, 1825. (T.A.: [...] a dita testante, por caridade, por misericórdia, por esmola, deu e legou aos pobres e deixou a soma de mil *livres* [moedas] nos fundos, com as doações lucrará cinco por cento ou lucro que agradar ao Rei dar a essa soma, e aquela levará como seu o crédito de maior soma que ela tem na grande defesa do rei [...]).

<sup>91</sup>Sua família era poderosa, como já destacamos. Clémence era vista, dado um depoimento de um contemporâneo, como de moral e virtude incontestável. Filha de *Claude de Bourges* e *Françoise de Mornay*, tinha sido prometida a *Jean Dupeyrat*, mas ao que parece ele morreu cedo (em um combate contra os protestantes) e ela morreu em seguida, em 21 de setembro de 1557, com 16

presença é mencionada na festa da apresentação do rei Henri II e Catarina de Médicis, junto a outros membros “ilustres” de Lyon, que organizam tal banquete. Labé não era, portanto, uma mulher de condição e poder *humilde*, assim como sua cidade também não era.

Tais situações devem-se, em parte, ao dinamismo econômico e cultural apresentado anteriormente, acrescido pela feição cosmopolita que a cidade possuía. Por situar-se numa posição geográfica favorável, há aquela circularidade, já mencionada, de comerciantes, principalmente, italianos. Estes, devido a proximidade de suas cidades-Estado, e pela migração motivada pelas guerras internas nas cidades, onde expulsam os opositores, passam a habitá-la, investindo, por sua vez, em Lyon, o que lhes assegura benefícios como os de possuir concessões reais para realizar suas feiras e proteger seus burgueses<sup>92</sup>. Esse caráter cosmopolita é possível de ser constatado pelo interesse pela impressão de dicionários em outros idiomas<sup>93</sup> que surgem na cidade e que traduzem as línguas vernáculas para além dos países da Europa Ocidental. Esse interesse de/por outras nacionalidades seria demonstrado na própria obra de Louïze Labé. Nela encontraremos poemas escritos em grego e italiano, menções a mitos de outros de regiões e, em seu testamento, além da presença de donos de oficinas e notáveis, vislumbramos atividades sendo preenchidas por indivíduos provenientes de outras regiões<sup>94</sup>, ilustrando tal fluxo.

---

anos. RUOLZ, M. **Recherches**: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746). Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França. p. 24-25.

<sup>92</sup> Como apresentado anteriormente, os comerciantes começam a adquirir maior *status* na sociedade francesa, bem como, os banqueiros que passam a sustentar a nova instituição. Segundo estudiosos da economia lionesa, as *ordonnances* impostas àquela vila demonstram justamente certa quantidade de benefícios e mesmo preocupações com tantos estrangeiros mercadores que recebiam. Uma destas *ordonnance* de 1561 indica-nos o trânsito e a preocupação com o bem-estar deles na cidade, além disso “*vagabons & personnes sans adveu ou traffiq*” que importunarem a vila, estarão sob pena de *penduz & estranglez* (enforcamento e estrangulamento). Demonstra a proteção aos que tem permissão de trânsito ou comércio e exceções concedidas a eles nesta vila. A cidade ainda ganhou a permissão para realizar cerca de quatro feiras anuais, recebendo milhares de visitantes durante esse período. Fonte: **Ordonnance faite et publiée de par le Roy**, Lyon, 1561.

<sup>93</sup> RIGOLLOT, François. **Poésie et Renaissance**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 74

<sup>94</sup> Segue o trecho: “Thomas Fortin [florentino][...] ladite testatrice estant au lit malade, le samedi 28 jour d'apvril 1565; presents: Bernardo Rappoty, Antoine Pansy, *Florentin* ; Martin Prevost, apothicaire; Me Claude Alamani, *maistre* ès arts; Germain Vacque, cordonnier, Pierre Maliquet, cousturier; Claude Panissera, *Piedmontois*, tous demeurant à Lyon, tesmoins appelez et requis, laquelle testatrice, ensemble lesdits Rappoty, Pansy, Alamani, Panissera et Prevost ont signé, et non lesdits Maliquet et Vacque, ne sçachant signer, deuement requis, suivant l'ordonnance”. [grifos meus]. Importante salientar também que a maioria dos que testemunham conseguem assinar seu nome, o que pode indicar alfabetização. Além de possuir um mestre das artes, que é indício do mecenato. Fonte: **Testament de Louise Labé**. M. Cochard. Impressor: J. M. Barret, Lyon, 1825.

Tal migração leva consigo, também, para Lyon, a Reforma, acompanhada, infelizmente, da violência que ocorre entre os adversários. Porém, a versão que se consolida na cidade, enquanto “opositora” à Igreja Católica, parece ser, em alguns aspectos que tocam ao feminino, tão hierárquica quanto a do poder que outrora foi tão hegemônico, o da doutrina católica. A versão que advém da leitura de Lutero mescladas às ideias de Calvino, geram os chamados huguenotes<sup>95</sup>, para estes se a mulher deve ser tratada como pecadora tanto quanto o homem, ainda assim, sua condição humana, e por isso espiritual, se resume a uma posição de maior fraqueza e mais suscetível ao pecado. Há também, devido aos conflitos, um estancamento da produção intelectual e da opulência em Lyon.

Contudo, a produção de Labé escapa, por alguns anos antes, dos embates sangrentos, que incluíam religião e outros anseios sociais<sup>96</sup>.

O protestantismo, se chega alegando alguma diferença de perspectiva quanto a mulher e influenciando a vida urbana de Lyon, não parece, entretanto, que inspirou mudança na fé da escritora Louíze::

[...] eslit la sepulture de son corps en l'eglise de N.-D. de Confort, et où decedera ailleurs, veult estre enterrée en la paroisse du lieu où elle decedera, et veult estre *enterrée sans pompe ni superstitions*, à sçavoir de nuict, à la lanterne, accompagnée de quatre prestres, outre les porteurs de son corps, et ordonne estre dites, en l'église du lieu où elle decedera, une grande messe à diacre et soubdsdiacre, et cent petites messes continuellement jusque à huit jours aprez son decez, et veult que semblable service soit fait l'an revolu de son decez [...].<sup>97</sup>

#### O trecho do testamento relata-nos os desejos pós-morte legados a igreja de

---

(T.A.: “Thomas Fortin [florentino] [...] a dita testante estando à cama enferma, no sábado, dia 28 de abril de 1565. Estavam presentes: Bernardo Rappoty, Antoine Pansy, florentino; Martin Prevost, boticário; Me. Claude Alamani, mestre em Artes; Germain Vacque, sapateiro; Pierre Maliquet, costureiro; Claude Panissera, piemontês, todos residentes em Lyon, testemunhas chamadas e exigidas, daquela testante, juntamente com os ditos Rappoty, Pansy, Alamani, Panissera e Prevost serão assinados, e não os ditos Maliquet e Vacque que não sabem assinar, *deuement* requisitar, seguindo a ordem”).

<sup>95</sup> Embora Mary Potter defenda que há a ideia de que Deus não diferenciava homens e mulheres, na interpretação de Calvino, recorda, a mesma autora, que em muitas passagens, de acordo com *cognitio hominis*, a mulher é naturalmente inferior. POTTER, Mary. Gender equality and gender hierarchy in Calvin's Theology. In: **Signs**. Ed. Universidade de Chicago: Summer, 1986. Vol. 11, n 4. P. 725-739. Disponível em: [www.stor.org](http://www.stor.org).

<sup>96</sup> DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna: oito ensaios**. Trad. da Mariza Côrrea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>97</sup> Fonte: **Testament de Louise Labé**. M. Cochard. Impressor: J. M. Barret, Lyon, 1825. (T.A.: “[...] escolhe o enterro de seu corpo na igreja de N.-D. de Confort, e se morrer em outro lugar, quer ser enterrada na paróquia do lugar onde morrer, e quer que seja enterrada sem pompa ou superstições, a saber à noite, ao castiçal, acompanhada por quatro padres, além dos que carregam o seu corpo, e as ordens é para que a dita, na igreja onde ela será velada, haja uma grande missa com o diácono e subdiácono, e uma centena de pequenas missas continuamente em até oito dias após seu enterro e quer que semelhante serviço seja feito no ano que for o de seu enterro”).

Nossa Senhora do Conforto, o que obviamente indica suas convicções católicas. Além do que, nos elementos que dispõem sobre esses rituais, discrimina que haja discrição nos ritos fúnebres e exige, através do pagamento de algum valor à Igreja, orações e cuidados com seu túmulo, revelando uma postura menos supersticiosa e ostentatória, parecendo não deixar herdeiros diretos que o possam fazer. A postura apresentada também manifesta um duplo estatuto que caracteriza a época renascentista: enquanto intelectual quer entender o mundo sem evocar Deus em seus textos, mas o indivíduo no seu cotidiano, para além do ideal, continua a celebrar ritos religiosos<sup>98</sup>.

A dupla condição que parece advir pela leitura do testamento, posterior à publicação dos escritos, onde, nestes, Deus e Igreja não são elementos recorrentes, pode ter ocorrido também devido aos momentos diferentes em que Lyon viveu os processos históricos da Reforma e Contrarreforma, e assim parece possível ter afetado a alteração dos discursos que demonstram a posição ambígua do indivíduo renascentista. Mas a influência desses processos, permeiam representações coletivas e se lançam sobre a figura da mulher, por consequência, sobre Labé, enquanto escritora, e seriam reproduzidos em falas que a mencionam.

Temos, por exemplo, a ligação com a instituição católica que é lembrada por Calvino em um tom pejorativo. Tal reformador sugere um comportamento depreciativo de Labé junto a um membro da Igreja. O julgamento consta num manifesto contra as práticas católicas da ordenança de Lyon, dirigida ao clérigo local (Gabriel de Saconnay). Calvino acusa tal clérigo de se reunir com a *Bellam Corderiam*, a qual chama de *plebeia meretrix* e deterem práticas condenáveis por inverterem papéis<sup>99</sup>. Porém, além de não ser muito claro se se remete a práticas

---

<sup>98</sup> Aliás em muitos outros pedaços de seu testamento é possível ver que a testante deseja que sejam entregues os bens somente com a condição do matrimônio ser cumprida ou, apoiando-as, herdando-os como dote. Ainda, em alguns momentos, exige dos herdeiros homens que tenham descendentes, caso contrário, os bens passariam à Igreja.

<sup>99</sup> Na acusação de Calvino perguntamo-nos se a chama de prostituta pelo hábito de "transubstanciar-se" em homem, item pelo qual condena Sarconnay e a Igreja (igualmente, o de transubstanciar o pão em corpo), ou pelo que aponta serem diversões, as quais não podemos dizer se sexuais ou se itens por ele ridicularizados. Sabe-se que Calvino prega sobre a condição de submissão feminina, além disso, podemos entender que a palavra em um determinado contexto, ainda mais com intenção de depreciar, nem sempre refere-se a um aspecto literal. Aliás, os traços utilizados por grupos que possuem uma identidade mais ou menos definida, podem ser reutilizados para associar a atos realizados em outros contextos. Como a palavra "criminoso", por exemplo, que em nossa sociedade, tem servido para associar qualquer tipo de depredação, a uma ação que é digna de repressão legítima pelos agentes da "ordem", ou seja, tanto para um ato criminal-penal quanto para um ato político. Ver: "Petits traitez de M. Jean Caluin, les les uns reuuz et corrigez sur le latin, les

sexuais, ou se é ao fato de adquirir um papel considerado masculino, de se divertir, tal discurso foi utilizado, posteriormente, fora de uma crítica sobre o papel religioso, e reproduzido, mantendo o tom acusatório que mantém o vínculo da figura transgressora de Labé, enquanto escritora, a uma conduta que, em certas situações, serviu para diminuir seu valor intelectual.

Contudo, num quadro geral, ser lionesa possibilitou uma atmosfera um pouco mais dinâmica para Louïze, visto que é só durante o último quarto daquele século que os conflitos religiosos e seus massacres “sagrados” se farão sentir mais fortemente. A produtiva indústria manufatureira de informações e, portanto, um dinamismo que vai além da produção intelectual, terão, parece-nos, sua parte na constituição de um clima favorável (mas, obviamente, nem tanto) a uma produção intelectual feminina. Demonstra-nos, com isso, como nos indica também Louïze (*“parece-me que aquelas que têm acessibilidade”* devem escrever), ser um ambiente bastante oportuno, ao menos nos anos 1550, de ainda opulência, para sua aparição.

O aspecto cosmopolita, a partir de tal circunstância, decorrente do rodízio de transeuntes e os novos habitantes naquela cidade, foi também um fator relevante na diferença de valores atribuídos à função da mulher e à atividade de escritora, para além, apenas, da classificação econômica. Os agentes inseridos nessa atividade, bem esparsos em um mundo europeu católico<sup>100</sup>, pareceram, em Lyon, existir de forma mais recorrente, transformando o destino cultural inescapável, em caminho desviável. E essa construção é vital para que pensemos a partir de agora no caminho autoral trilhado por Labé.

### 1.3 - A autora

---

autres translatez nouvellement de latin en françois, Genève, Baptiste Pinereul, 1566, in-fol: « Hoc enim suavitatis genere convivas tuos oblectas, dum mulieres virilí habitu ad mensam inducis. Hunc ludum quam ssepetibi proebuit *plebeia meretrix*, quam partim à propria remistate, partim ab opificio mariti Bellam Corderiam vocabant »". Fonte: M. Breghot. Notice sur Labé. Par Perrin *et al.* **Evvres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 41. (T.A.: “Dá a seus convidados [Gabriel Saconnay] para saborearem tal tipo de diversão, enquanto mulheres em trajes masculinos, trazem-no à mesa [o pão que é corpo]. Esse jogo mostrou frequentemente com o que a plebeia prostituta ganhou um encanto especial, e por parte do ofício do marido a chamam de Bela Cordoeira”.)

<sup>100</sup>Embora devamos estar conscientes que, de maneira geral, o número esparsos que nos apresentam, hoje, os arquivos, é consequência de inúmeros filtros temporais e sociais pelos quais passaram em seu processo de preservação.

Alguns fatores foram responsáveis, ou colaboradores, para uma modificação no desempenho dos papéis de gênero (pelo menos em algum sentido): as mencionadas mudanças socioeconômicas, políticas e culturais. Nestas, agrega-se a ação específica de alguns monarcas ao desejarem que a Corte aproxime-se da instrução, para garantirem, a partir de novas lógicas, a legitimação de seu poder, no caso do absolutismo francês, que se afirmava não só pelo apoio religioso, mas se por ações de benevolência, virtude e temor, as damas beneficiariam-se do estímulo e sob o prisma do humanismo, a ampliação da discussão sob a temática da liberdade, atingiria a própria imagem controversa da mulher (que por vezes era pecadora, noutras imaculada, por vezes tentação, noutras seduzível).

Dentro das reapropriações das perspectivas trazidas por muitos humanistas, há a revisão ou a recusa de noções agostinianas<sup>101</sup>, que dispunham o Homem num lugar ordinário, incapaz de chegar à perfeição. Para muitos renascentistas, passara a ser possível ver os indivíduos aproximarem-se de Deus, através do compromisso com a *virtus*. Liberdade e tantos outros conceitos (igualdade, ética, Estado) terão um sentido ampliado nos escritos de autores que se enxergam capazes de alcançar a glória através do mérito e controlar seus atos. Em alguns casos, como na proposição do escritor Leonardo Bruni<sup>102</sup>, essa liberdade culminaria, inclusive, num debate sobre a participação e igualdade política, assim como, a educação dos cidadãos – o que, embora com reveses, tangenciou as temáticas do que deveria ser apresentado na educação letrada das mulheres<sup>103</sup>.

As prerrogativas desse tipo de formulação do conhecimento causa um interesse/aproximação do que é pertinente às feições humanas e às coisas “mundanas”. Nisso, a própria ideia de transformação social concreta, ligada ao

---

<sup>101</sup> Tais ideias, porém, serão reapropriadas pelo movimento da Reforma religiosa, onde alguns pontos serão os grandes motes de Martinho Lutero, apartando-se, entretanto, quanto à interpretação delas na questão da vida prática. O que representa, em algum sentido, um decréscimo frente a algumas liberdades.

<sup>102</sup> Leonardo Bruni (1369-1444) foi um humanista italiano que se tornou cidadão florentino, embora nascido em Toscana. Seus escritos de história e traduções ecoam sobre o modelo de república e discorrem, especificamente, sobre a república florentina.

<sup>103</sup> Segundo Bruni, as mulheres seriam tomadas como loucas se utilizam das habilidades que a arte da retórica proporcionava, com seus gestos e vozes em tons enfáticos – em outras palavras, a falácia de que é “feio” para uma mulher, é “estranho”, servindo para restringir trajetórias. Assim, esse conteúdo não deveria ser colocado na educação letrada que poderiam receber, pois, inclusive, expressaria ele, “não frequentavam o fórum”. Ver: PIRES, Francisco. Leonardo Bruni: história e retórica. **Modernidades Tucideanas**. São Paulo: Edusp-Fapesp, 2007; SKINNER, Quentin. A Renascença Florentina. In: **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. SP: Companhia das Letras; 1996; p. 93.

humanismo cívico, reflete justamente uma consciência intelectual mais conectada às coisas práticas (que já podiam ser encontradas, segundo Quentin Skinner, em propostas escolásticas anteriores – de “é necessário preservar”<sup>104</sup> - e nos “pré-humanistas” – “é necessário conhecer”)<sup>105</sup>. Tais ideias tenderam a difundirem-se pela cristandade. O que revelaria, então, um interesse cada vez mais metódico pelo que é do mundo e da humanidade.

Em tal difusão há, também, uma condensação de valores éticos cristãos com discussões sobre princípios de igualdade e de tolerância, sobrevivendo questões que debatem a assimetria do “eu” europeu (homem, branco, católico) *versus* os “Outros”, ou pelo menos, os Outros considerados como pertencentes ao seu modelo civilizacional<sup>106</sup>, ainda que inferiores - era pensável, por exemplo, que em alguns círculos se discutisse a questão das mulheres<sup>107</sup>, dos indígenas<sup>108</sup>, e, inclusive, embora não sem ânimos exaltados, a “diversidade” religiosa cristã. Dessa forma, não é à toa que ocorram amplos debates sobre o estatuto da mulher nessa sociedade e sobre sua capacidade para conhecer.

Esses elementos fazem deduzir uma condição propícia para o adentramento à esfera intelectual, não só por privilégios econômicos e políticos, mas por rachaduras nas normas, parecendo permitir itens variados à educação das

---

<sup>104</sup>Os escribas possuíram um “papel [...] [que](...) consistia pois em traduzir” e, dessa forma, ajudaram a preservar e até disseminar certos saberes, ainda que num ambiente religioso, determinado, e prossegue George Duby indicando as possíveis apropriações e reelaborações “[...] – e claro está, sem se privarem de inventar em suas traduções do latim para a língua romana, para o “romance””. Ver: DUBY, Georges. **As três ordens ou imaginário do feudalismo**. Ed. Estampa: Paris, 1994. p. 291

<sup>105</sup>A filosofia para os escolásticos era importante na constituição dos saberes por si, já, com os “pré-humanistas”, começa a aparecer a noção de difusão do ensino, bem como, os discursos voltam-se à defesa da liberdade e à concretização das ideias, visando a resolução de problemas menos abstratos ou transcendentais. Ver: SKINNER, Quentin. A Renascença Florentina. In: **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. SP: Companhia das Letras; 1996; p. 100. Sobre continuidade e descontinuidade quanto a transição Idade Média e Idade Moderna ver: PERRY, Marvin. A Idade Média e o Mundo Moderno. In: **Civilização Ocidental: Uma História Concisa**. Ed. Martins Fontes: SP: 1999.

<sup>106</sup> Porém, qualquer que fosse situado fora dessas linhas, se encontravam distantes da pauta, posto que não dispunham de uma posição inferior no ideal de “humanidade”, mas fora dele. Os valores católicos serviram de certa forma para *desumanizar* certos grupos, através das guerras em nome da fé. Além disso, se recordarmos de alguns mapas traçados pelo período, diferentes regiões do planeta, que não a europeia, remete-nos a uma estranheza tamanha, pois em suas representações são recorrentes as imagens de monstros e todo tipo de bichos fantasiosos.

<sup>107</sup>O pregador Agrippa que defendia uma nova educação para as mulheres, ainda que usasse de argumentos ofensivos ou simplórios. Há, ainda, Claude Taillemont, François Billon, Antoine Heroet, Jeanne Flore, e a própria Labé.

<sup>108</sup>Bartolomé de Las Casas, por exemplo, divulgará uma perspectiva positiva, em relação aos povos nativos, para seus leitores. É um escritor que teve uma voz representativa para outras discussões da época.

mulheres.

Segundo Maria Schweinberger os eventos iniciados já no medievo resultariam numa ampliação do ensino para as mulheres, de forma que sua educação literária poderia dar-se, a partir dessas alterações, em quatro vias:

1) Por instrução nas escolas, em conventos, para a pequena nobreza e a classe melhor da burguesia. 2) Sendo enviadas às casas de grandes senhoras, onde, sem dúvida, adquiriam algum dote intelectual. 3) Por educação técnica disponível para meninas de classe de artesãos em cidades. 4) Por escola para meninas de classes mais pobres na cidade e no campo.<sup>109</sup>

As alterações realizadas ampliaram quantitativamente o número de mulheres que puderam ter acesso à leitura e, ambicionando produzir, se situam nas projeções feitas pela *Belle Cordière*.

Já, tratando-se do ambiente mais circunscrito, do qual advém Labé, alguns fatores foram ainda mais decisivos para a constituição de sua obra tanto literária quanto crítica, que foi o universo peculiar de sua cidade cosmopolita, que lembrávamos anteriormente. Lyon estava bem desenvolvida e transitavam, nela, famílias italianas que viviam o Renascimento do classicismo nas suas cidades de origem há muito mais tempo e de modos alternativos aos costumes e hábitos franceses - inclusive quanto às mulheres. Isso mexeu e influenciou o renascentismo lionês<sup>110</sup>, havendo uma saliente difusão do conhecimento em alguns meios, principalmente, aliada à elite política e, em alguns casos, apoiada por ela, na ampliação das instituições voltadas para o ensino, entre outros.

As mulheres, vivendo na capital dos livros, ou ainda na capital cultural da França, tiveram influência de/na sua produção. Nesse contexto os escritos de Louíze Labé obtiveram um considerável alcance. Sua obra foi editada seguidamente nos primeiros anos do seu lançamento e amplamente citada, tanto positivamente, quanto depreciativamente. As declarações que se referem a ela e antecedem sua morte são elogiosas, geralmente, falando de sua beleza (característica primeira a classificá-la), castidade, sabedoria<sup>111</sup> e ousadia<sup>112</sup>. Conforme Natalie Davis, a aparição da *Belle*

---

<sup>109</sup> SCHWEINBERGER, Maria L. T. **A mulher no espelho de Cristina** - estudo das representações femininas no final da Idade Média (Séculos XV E XVI). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Niterói/Marechal Cândido Rondon; 2002. P.31.

<sup>110</sup> Tal conjectura se sinaliza na fácil adoção do petrarquismo, que refere-se, evidentemente, aos escritos do poeta e político italiano Petrarca, nascido no século XIV.

<sup>111</sup> "Sa face étoit plus angélique qu'humaine ; mais ce n'étoit rien à la comparaison de son esprit, tant chaste , tant vertueux, tant poétique, tant rare en sçavoir". Fonte: Guillaume Paradin de Cuyseaulx.

*Cordière* era devido ao acesso educacional, que seria parte de uma herança familiar, pois em casa teria aprendido a escrever<sup>113</sup>. Foi educada também, como era de costume, musicalmente, aspecto denunciado, em muitas passagens de seu compêndio, como tendo sido, segundo ela, elemento sobrevalorizado no seu ensino durante muito tempo: “[...] Mais ayat pafsé partie de ma ieuneffe à l’exercice de la Mufique, & ce qui m’a refté de mon entendement”<sup>114</sup>. Como já viemos demonstrando, havendo certa extensão educacional, suas condições sociais, ainda que pertençam à pequena burguesia, estavam acima do comum.

Porém, décadas após sua morte, as falas tornam-se um pouco mais depreciativas, semelhantes a de Calvino, a qual parece ter se tornado imensamente reproduzida. Em tais discursos, o lugar social da autora é modificado por atribuírem a ela uma conduta “negativa”, acusando-a desde travestir-se de homem, possuir amantes, até ter produzido uma obra pobre.

No relato de Calvino presenciamos o julgamento de que nela impera a imoralidade, na referência “[aquela] *plebeia meretrix*”. Além dele, temos a narrativa de Claude de Rubys, que publica, ao fim do livro de Guillaume Paradin, edição de 1573, sobre os privilégios de Lyon, mencionando quem seria esta mulher:

Entre lesquels martyrs furent la vertueuse dame Blandine que Paradin devoit proposer à nos dames de Lyon, pour mirouer & exemplaire de vertu & chasteté, & non ceste impudique Loyse l'Abbé, que chascun sait avoir fai&t profession de courtisanne publique jusques à sa mort<sup>115</sup>.

Refere-se a “Loyse” como uma das maiores cortesãs de seu tempo, sendo a fama de *Belle Cordière*, que nesse momento diz o termo “fama” detratando-a,

---

**Memoires de l'histoire de Lyon.** 1573 p.355-356. (T.A.: Seu rosto era mais angelical que humano, mas não era nada em comparação à sua mente, tão casta, tão virtuosa, quanto poética, tão rara em saber.)

<sup>112</sup> “La beauté et le moins qui soit an ele, / Car le savoer qu'elle à, / E le parler qui soevemant distile, / Si vivemant animé d'un dous stile, / Sont trop plus que cela. / Sus donq, mes vers, louez cette Louise ; / Soiez, *ma plume*, a la louer soumise, / Puisqu'elle a *mérité*, / Maugre le tans fuitif, d'être menée / Dessus le vol de la Famé ampannée / À l'immortalité” [grifos meus]. Ver fonte: Jacques Peletier du Mans. **L'Art Poétique**. 1555.p.108-109. (T. A.: “[...] A beleza [é] o menor que está nela, / Porque o saber que nela há / E o falar que suavemente destila, / Se vivamente animando por um doce estilo / São muito mais que isso / Sobre o que, meus versos que louvam esta Louise / Marca, minha pena, à louva-la submissa / Pois ela possui o mérito, / Malgrado o tempo fugidio, de ser conduzida / sobre o mais alto voo à fama alçado / à imortalidade”).

<sup>113</sup> DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna: oito ensaios**. Trad. da Mariza Côrrea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.69.

<sup>114</sup> Ver fonte: Loouïze Labé. **Euvres**. Jean de Tournes: Lyon, 1555. P. 4. (T.A.: “[...]Mas eu dediquei parte de minha juventude ao exercício da música, e isso tomou meu entendimento [...]).

<sup>115</sup> Fonte: Claude de Rubys. **Privileges des Habitans de Lyon**. Antoine Gryphius, 1573 p. 27. (T.A.: Entre esses mártires estiveram a virtuosa senhora Blandine que Paradin deveria oferecer às nossas senhoras de Lyon como espelho e modelo de virtude e castidade e não aquela impudica Loyse l'Abbé, que todos sabem ter feito profissão pública de cortesã até sua morte).

conhecida por toda a França<sup>116</sup>. E Du Verdier, em 1585, referindo-se ao travestimento de Labé, observa o apelido de *Capitaine Loys* com elementos zombeteiros:

"LOYSE LABE<sup>117</sup> courtisane Lyonnaise (autrement nommee la belle Cordiere pour estre mariee à un bon homme de Cordier.) *piquoit fort bien vn cheual*, à raison dequoy les gentilhommes qui auoyent accez à elle l'appelloyent le *capitaine Loys*, femme au demeurant, de bon & gaillard esprit & de mediocre beauté: *receuoit gracieusement en sa maison seigneurs, gentilhommes & autres personnes de merite avec entretien de deuis & discours, Musique tant à la voix qu'aux instrumens où elle estoit fort duicte, lecture de bons liures latins, & vulgaires Italiens & Espagnols dont son cabinet estoit copieusement garni*, collation d'exquises cõfitures, en fin leur communicoit priuement les pieces plus secretes qu'elle eust, & pour dire en vn mot faisoit part de son corps à ceux qui fonçoient: non toutefois à tous, & nullement à gens mechaniques & de vile condition quelque argent que ceux là luy eussent voulu donner. Elle ayma les sçauans hommes sur tous, les fauorisant de telle sorte que ceux de sa cognoissance auoient la meilleure part en sa bonne grace, & les eust preferé à quelconque grand Seigneur & fait courtoisie à l'vn plustost gratis qu'à l'autre pour grand nombre d'escus: qui est cõtre la coustume de celles de son mestier & qualité. Ce n'est pas pour estre courtisane que ie luy donne place en cete Bibliotheque, mais seulement pour auoir escrit en prose françoise, Debat de Folie & d'Amour, dialogue. Et en vers, III. Elegies, XXIII. Sonnets, dont y en a vn en Italien"[grifos meus]<sup>118</sup>.

<sup>116</sup> Novamente, com a obra citada poderemos indicar que muito antes do ano de 1573 Labé havia falecido, pois, ambas as obras publicadas já tratam da autora utilizando do tempo pretérito. Além disso, quando Rubys escreve já parece ter noção de que o texto de Paradin mencionaria. Distingue, M. Ruolz, que o depoimento de Rubys deve ser desconsiderado, pois além de retratar outras mulheres que escreviam, com as mesmas designações, estaria sendo *mesquinho*, frente às elaborações de Paradin, por ser este historiador mais próximo da Corte. Obviamente, devemos repensar tal postura declarada por Ruolz (autor que faz parte do rol de historiadores do século XVIII, sendo sua noção de prática historiográfica diferente da que compõe os dias atuais), todavia, esse tratamento de Ruolz traz um ponto importante, fazendo-nos refletir, de alguma forma, esse *campus* conflituoso da história, o lado político que sempre existiu por trás da escrita, mesmo nos anos quinhentistas.

<sup>117</sup> É possível, entretanto, notar que a opção deste depoimento, quanto à grafia do nome de Labé, assemelha-se com a de Rubys, resta saber até que ponto há influências dos escritos no mesmo relato.

<sup>118</sup> Barthélémy Honorât. La bibliothèque d'Antoine DuVerdier. 1585, Lyon. Fonte: Gonon, Pierre-Marie. **Documents historiques sur la vie et les moeurs de Louise Labé**, 1844.p. 18-19. (T.A.: Loyse LABE cortesã lionesa ( por vezes, referida como a Bela Cordoeira por ser casada com um bom homem cordoeiro.) corria muito bem em um cavalo, devido ao que os cavalheiros que conheciam-na apelidaram de Capitaine Loys, mulher, contudo, de boa e alegre mente e de mediocre beleza: recebeu graciosamente em sua casa senhores, cavalheiros e outras pessoas de mérito com entretenimento de declamações e oratória, música tanto à voz quanto aos instrumentos, onde ela era muito instruída, leitura de bons livros latinos e vulgares, italianos e espanhóis, em seu gabinete numerosamente cheio, petiscos de requintados doces, e ao término comunicava confidencialmente os trechos mais secretos que possuía, e por dizer uma palavra, fazia parte seu corpo aos que competiam: não, no entanto, a todos, e não a pessoas da arte mecânica [oposta a artes liberais] e de vil condição com algum dinheiro que queria dar a ela. Ela ama os sábios homens sobretudo, a favorecer de tal modo que esses do seu conhecimento tinha a melhor parte de sua boa vontade, a te-los preferido do que a qualquer grande Senhor, fazendo de maior cortesia a um, que a outro por grande número de moeda: que é contra o costume das pessoas de seu negócio e qualidade. Não é por ser cortesã que dou seu lugar nesta Biblioteca, mas unicamente por ter escrito em prosa francesa, Debat de Folie & D'Amour, diálogo. E em versos, III. Elegias, XXIII. Sonetos, nos quais há um em italiano).

Du Verdier fará notar, não sem estranheza, os traços de uma educação peculiar – afinal, montar em cavalos com rapidez causou espanto e foi motivo de zombaria para seus conhecidos – além de outras colocações sobre “o ofício” de Labé. Entretanto, Natalie Z. Davis ressalta que, no século XVII, apareceram mulheres que passam a festejar a figura de Joana D’Arc e a imitar seu caráter disposto, militar, forte. Não nos parece impossível, portanto, que essa figura tenha inspirado interpretações e atitudes em um período pouco anterior ao que foi trabalhado por aquela historiadora<sup>119</sup>. Contudo, esse comportamento impetuoso em uma mulher gera uma comoção nos olhares alheios, um modo de vida diverso da norma, do normal. Algo a ser estigmatizado, pois se trata de perigoso espelho a outras damas<sup>120</sup>.

Os relatos do pesquisador Ruolz atentam também para o possível caráter militar da educação de Labé, através do soneto que consta no *Escriz de Diuers Poëtes, à la Louenge de Louïze Labé Lionnoize* :

Louise ainsi furieuse,  
En laissant les habits mois  
Des femmes, et envieuse  
De bruit, par les Espagnols  
Souvent courut, et grand noise  
A maint assaut leur donna,  
Quand la Jeunesse Françoise  
Perpignan environna :  
Là sa force elle desploye ,  
Là de sa lance elle ployé  
Le plus hardi assaillant,  
Et brave dessus la selle ,  
Ne démontroit rien an elle  
Que d'un Chevalier vaillant <sup>121</sup>[grifos meus]

Conjectura-se que a expressão *Capitaine Loys* deva-se também a isso, dado

---

<sup>119</sup>DAVIS, Natalie Z. A mulher "na política". In: DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991. p.230.

<sup>120</sup>Sabemos que, se por um lado há a figura de Joana D’Arc, legitimada como heróina guerreira, isso não garante, de todo, que a mulher envolvida no campo de batalha não seja condenada. No século XVIII em diante, a figura feminina na guerra é menos problemática, apesar de ainda se constatarem estigmas nela que não reportam necessariamente à imagem brava do soldado, mas sim, à subserviente e hospitaleira cuidadora. Portanto é plausível refletir que nos séculos anteriores sua presença é no mais das vezes depreciada.

<sup>121</sup>Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes: Lyon, 1555. p.155. (T. A.: Louise então furiosa / a deixar as roupas por meses / das mulheres e a soar invejável, / pelos espanhóis / frequentemente correu, e grande sonido / a manter a tormenta doou-se, / quando em francesa mocidade / a encontrar-se em Perpignan: / Lá sua força ela empregou, / Lá sua lança ela baixou / ao atacante mais ousado / e brava em cima de sua sela / não demonstrou nada além /do que um Cavalheiro valente).

o contexto militar da época, que é de quando François I opta por guerrear com Charles V, em 1542, que pode ser inferida pela região mencionada no poema. M. Ruolz chega mesmo a precisar que teria ela participado, por estar acompanhando seu pai, contando, então, com dezesseis anos<sup>122</sup>.

Entretanto, tais aspectos constituídos pela historiografia, sobre a vivência de Labé dão-se através de vestígios e, evidentemente, neles há a impossibilidade de se fixarem verdades absolutas. Construções que, apesar de trabalhadas com cuidado, geram um produto diferente e, por isso, podem e devem ser questionadas. No início de nosso século, uma autora apresentaria novas considerações sobre "a realidade por trás de Labé". Essa autora é Mireille Huchon e, por seus apontamentos, que foram de tal forma intrigantes e polêmicos, nos deteremos em sua tese e, a partir dela, debateremos a questão da autoria.

#### a) A polêmica: a criatura de papel?

Em 2006, uma obra polêmica, em torno de Louïze Labé, trouxe novas especulações sobre o que se pensava esgotado no que tange ao caráter biográfico dessa personagem. Num ensaio intitulado "Louise Labé, une créature de papier", a professora Mireille Huchon, formada em literatura francesa, cujos trabalhos dizem respeito principalmente aos escritores renascentistas Rabelais e Maurice Scève, reacende o debate em torno da lionesa.

A tese principal da professora é a de que, como o nome do livro sugere, Louïze Labé não passaria de uma criação para o *papel*. O argumento inicia-se a partir de uma epígrafe, trecho de uma homenagem atribuída por Huchon a Maurice Scève<sup>123</sup>, em dedicatória à Labé, que se encontra nos *Escriz*: "*ce Chaos subtil ou de Raison la Loy se laberynte*"<sup>124</sup>. [grifo meu] A partir do jogo de palavras, feito pelo poeta, a autora começa a postular que Labé era uma figura enigmática<sup>125</sup>, apresentando o anagrama como pista para o que se encontraria por detrás dessa

---

<sup>122</sup> Ver: RUOLZ, M. **Recherches**: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746). Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França. p. 18-19.

<sup>123</sup> Maurice Scève, Sève ou ainda Seve.

<sup>124</sup> HUCHON, Mireille. **Louise Labé**: Une Créature de Papier. Genève: DROZ, 2006. p. 7. (T.A.: Este caos sutil ou a razão da lei do labirinto).

<sup>125</sup> "Louise Labé est un mystère". *Id. Ibid.* p.7.

figura, um grande e maldoso jogo.

Posteriormente, descobrirá que o *Debat de Folie et d'Amour* foi reimpresso tanto em Paris, em 1578, quanto na Inglaterra, em 1584. A diferenciação que a professora Mireille Huchon pretende ter existido, servirá justamente para mais tarde conectar alguns fios de sua tese: o fato de ter sido republicado apenas um dos textos da obra adviria da grande diferença de qualidade entre o debate (em prosa) e os poemas. Isso insinuaria, através da colocação de que Labé não teria sido acessível (o que não ocorre dessa forma<sup>126</sup>), que a diferença na apreciação do público designa também outra coisa: a obra não foi escrita pela mesma pessoa. Tese, esta, que vai sendo construída no decorrer da apresentação. O ar obscuro toma conta do *Debat*.

A explicação da construção literária de *Euvres* é então atribuída a um grupo de escritores, sob a liderança de Maurice Scève, que surgem como os mestres de uma grande “brincadeira” e teriam, eles, colocado seus trabalhos sob um nome fictício. Assevera, Huchon, ainda, que tal realização ocorrera com tons escarnecedores tanto à Louïze, quanto às mulheres em geral. Prossegue afirmando que se por mais de dois séculos foi o *Debat* mais atrativo aos olhos dos leitores, os séculos XX e XXI irão se deixar seduzir pelas poesias, o que coincide, segundo ela, justamente com o feminismo e a busca por uma identidade que se abastece na participação das escritas femininas<sup>127</sup>.

Talvez uma questão de preferência, talvez não. Mas isso leva a Huchon a conjecturar outros elementos, devido a tal estranheza. Serão tecidas novas observações a partir do seguinte relato:

[...]fin, juste, aisé, brillant et d'un caractère à faire honte au pédantisme que Ronsard et ses semblables introduisirent depuis elle dans notre poésie. Tout ce qu'elle tire de son propre fonds est d'une tendresse à *faire plaisir*: tout ce qu'elle emprunte d'ailleurs reçoit de nouvelles grâces du tour heureux qu'elle lui donne: mais par tout de l'amour et cet amour qui ne respire que feux, que langueur et que jouissance.  
[...]C'était sa manière de se peindre elle même dans tous ses ouvrages où *le coeur* semble toujours avoir beaucoup plus part que l'esprit<sup>128</sup>. [grifos]

<sup>126</sup> Existem pelo menos quatro edições francesas entre os anos de 1555 e 1556, e no ano de 1578 a reedição francesa do debate, com alguns versos, bem como, a inglesa, de 1584 na qual é traduzido somente o texto em prosa.

<sup>127</sup> *Id. Ibid.* p.78.

<sup>128</sup> O original se perdeu num incêndio da Biblioteca de Louvre, em 1871, só restando uma cópia parcial do manuscrito, por isso algumas informações são desconhecidas. (T.A.: enfim, então, simples, brilhante e de um caráter a fazer vergonha ao pedantismo que Ronsard e seus semelhantes introduziram a partir dela na nossa poesia. Tudo o que ela retira de sua própria profundidade é de uma tendência a dar prazer: tudo o que pede, em outros momentos, recebeu de

meus]

O comentário acima, baseado num relato de 1640, permitiu a tal autora considerar que a figura de Labé - ou seria sua obra? - traziam elementos que retratavam-na de uma conduta imoral. Tal crítica, segundo ela, muito sofisticada, esforçara-se para ignorar a libertinagem em Labé, bem como a pureza ao se apropriar dos antigos mais do que do mau gosto da época<sup>129</sup>. Porém, Huchon recobrará, em leituras e apreciações seguintes, a conexão da renascentista Labé e o discurso licencioso, trazendo outro relato, agora setecentista:

Le Père Dominique de Colonia, qui, dans *L'Histoire littéraire de la ville de Lyon de 1730*, considère que le plus joli des ouvrages de Louise Labé est son ingénieux dialogue, estime qu'il y a *quelque vérité dans les témoignages du XVI<sup>e</sup> siècle qui soutiennent que Louise Labé avait gâté ses talents par un libertinage de mœurs, certes plus raffiné* que celui des Phrynées ou de Lais, mais tout aussi *condamnables*<sup>130</sup>. [grifos meus]

A autora ali, ao mesmo tempo em que frisa a engenhosidade presente no diálogo – *Debat*, o qual coincide com a atribuição a Scève, seu objeto de estudo – sustenta que, para o autor do enunciado, há alguma verdade nos testemunhos do século XVI que condenavam a poetisa Louïze Labé. Entretanto, o relato tardio sobre Labé, a partir do jesuíta de Colonia, conquanto mencione que retira suas considerações de testemunhos, condiciona tais enunciados e elabora-os enquanto hipótese:

Un des Auteurs qui l'exaltèrent le plus, fut le célèbre Médecin Jacques Pelletier, grand Mathématicien et grand Poète. Mais il nous faudra bien rabattre de tous ces magnifiques éloges, et surtout de la peinture que Paradin nous a faite de sa vertu, *si* ce qu'en disent Duverdiere et de Rubys se

---

novas graças do engano feliz que ela lhe oferece: mas é tudo para o amor e esse amor não respira mais que fogo, langor e prazer. (...) Era a sua forma de pintar a si mesma em todas as suas obras onde o coração parece hoje ter muito mais parte nisso do que a mente). Ver: COLLETET, Guillaume. Vies des poètes français. In: HUCHON, Mireille. **Louise Labé**: Une creature de papier. Genève: DROZ, 2006. p. 73.

<sup>129</sup> A interpretação de Huchon diz-nos o seguinte: "Pour lui, le style de Louise Labé est pur par rapport au mauvais goût de son temps et elle ait s'appropriées ce qu'elle tire de l'imitation des anciens. A propos du sonnet XIII ("Oh si j'étais em ce beau sein ravie..."), il remarque combien 'ces vers ne passeront pas aupres de ceus qui voudront les examiner sur pied de morale et de religion [...]'. Cette analyse critique très fine des oeuvres de Louise Labé, restée manuscrite, n'a eu qu'une diffusion très limitée [...]". Para então concluir que "Le XX et XXI siècle continueront à expliquer *par la calomnie les propos* désobligeants tenus sur la personnalité et les mœurs de Louise Labé". *Id. Ibid.* p. 75.

<sup>130</sup> *Id. Ibid.* p. 74. (T.A.: O padre Dominique de Colonia, em *L'Histoire littéraire de la ville de Lyon de 1730*, considera que a mais bela das obras de Louise Labé é seu diálogo engenhoso, acredita que há alguma verdade nos testemunhos do século XVI que sustentam que Louise Labé mutilou seus talentos por uma licenciosidade de costumes, certamente mais refinada do que os de Phrynées ou de Lais, mas ainda assim condenável).

trouve véritable [...] <sup>131</sup>.

Assim, o autor realiza um balanço com outros testemunhos que alegam uma conduta diferente <sup>132</sup>. Contudo, parece-nos que Huchon prosseguirá com o posicionamento que opta por conectar a quinhentista ao uso do corpo, como veremos a seguir:

[...] c'est la figure d'un *libertinage éclairé* que l'erudit Bernard de La Monnoye, au XVIII<sup>e</sup> siècle, reconnaît dans cette *femme voluptueuse*, une vraie Ninon de Lenclos: "si sa conduite a pu donner lieu à l'*acusation de libertinage*, elle l'assaisonnait du moins de tout ce que l'*esprit* a plus séduisant, et les *talents* de plus agréable (...) elle auroit rejeté leur hommage: elle méprisoit également la grandeur, la sotise, et l'opulence. On ne mettera point au rang des *Laïs*, mais on pourra la regarder comme la Leontium ou la *Ninon Lenclos* de son siècle" <sup>133</sup>. [grifos meus]

No fragmento acima, percebemos que há uma atenção particularmente dada a uma possível "libertinagem esclarecida" da mulher voluptuosa, embora essa levandade não seja nem tão óbvia, nem tão interessante para se tomar como um impedimento à escrita, mesmo no século XVI. O depoimento do autor, que o discurso "huchoniano" convocou em seu texto, fala das características "indecorosas", sim, mas acrescido da exposição de uma *mente sedutora e talentos agradáveis*. E, ainda, não a equipara à Laïs, mas à Ninon Lenclos, chamada de cortesã, e cuja fama reporta também aos salões setecentistas - tendo sua parte na defesa da cultura e contra a moral religiosa da época. Ou seja, apesar de não negar a possibilidade de Labé ter tido uma conduta "inapropriada" para o século XVI, o autor do século XVIII apresenta uma visão mais favorável sobre os escritos da mesma e menos pautada na moralidade.

Surge, assim, o caso dos retratos de Labé. Nossa contemporânea, Huchon,

---

<sup>131</sup> GONON, Pierre-Marie. **Documents historiques sur la vie et les mœurs de Louise Labé**, 1844.p. 20-21. ( T.A.: Um dos autores que mais a exaltaram, foi o famoso médico Jacques Pelletier, grande matemático e um grande poeta. Mas ele nos faltaria para rebater, com todos esses magníficos elogios, sobretudo do retrato que Paradin nos fez de sua virtude, se o que dizem Duverdier e Rubys for verdade).

<sup>132</sup> Fonte: RUOLZ, M. **Recherches**: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746). Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França. p. 43.

<sup>133</sup> HUCHON, Mireille. **Louise Labé**: Une Créature de Papier. Genève: DROZ, 2006. p.74 (T.A.: [...] é a figura de um libertinagem esclarecida que o estudioso Bernardo de La Monnoye do século XVIII, reconhece nessa mulher voluptuosa, uma verdadeira Ninon de Lenclos [cortesã e mecenas do século XVIII]: "Se a sua conduta pôde dar origem à acusação de libertinagem, ela experientou pelo menos de tudo o que espírito teve de mais atraente, e os talentos dos mais agradáveis [...] ela rejeitou sua homenagem: ela desprezou a grandeza, a tolice e a opulência. Não a iguaemos a Laïs [hetaira que inspirava os poetas clássicos], mas a enxergamos como a Leontium [discípula de Epicuro a qual também impõem uma imagem de cortesã] ou a Ninon L'Enclos de seu século).

fornece-nos a informação de que haveria duas gravuras<sup>134</sup>, uma restaurada e modificada, que pertence à Biblioteca Nacional da França, e outra que pertence à coleção particular de Albertina du Cabinet, em Vienne, igualmente restaurada, visto que, segundo a autora, são facilmente deterioráveis.

Huchon menciona que os retratos foram feitos por Pierre Woeiriot e que a imagem preservada no arquivo francês possuía a seguinte legenda: LOISE LABBE LIONNOISE, datando de 1555 (Ver figura 5). Neste retrato, a imagem alterada torna-se mais esteticamente agradável. O retrato, levanta a autora, poderia ser vinculado ao livro de Labé. Na prática, entretanto, não há sequer uma edição da obra em que exista tal gravura. Porém, atentemos para a legenda. Embora, essa suposição além de não se mostrar lógica, não designe nada sobre a obra ter sido escrita por outra pessoa, também podemos observar algo sobre a diferença de grafia em um deles. A inscrição abaixo da gravura que consta no acervo da Biblioteca Nacional da França (Ver figura 5) está de forma diversa à da escrita nas edições de 1555 e 1556, e isso pode fazer supor, sim, uma rejeição da vinculação do retrato ao livro, e mesmo ser apenas fruto de um equívoco da restauração – até pelo fato de que a palavra *lionnoise* era, geralmente, escrita de forma com “z” naquela época. Mas isso não precisa implicar, de qualquer forma, que essa suposta ligação com a obra impressa derive de uma ação de zombaria.

---

<sup>134</sup> Essas gravuras são, de maneira intrigante, similares a imagem que aparece na edição de 1878, de Olivier de Magny(1529-1561), que poderia ser, então, ou a reprodução da tal musa, ou a rainha no livro retratada.



Figura 5 – Retrato produzido por Pierre Woeirot – Fonte: Catalogue de estampes – BNF; digitalizado de *Une Creature de Papier* (Mireille Huchon, 2006).

Quanto à segunda pintura (Ver figura 6), que segundo Huchon, possui traços mais pesados, mais grotescos<sup>135</sup>, a legenda denota outra coisa: “Qui Lugdunensem depictam Laida cernis / Heu fuge: picta licet sauciat hisce oculis”. Traduz Huchon por: “Tu vois ici peinte la Laïs lyonnayse. Fuis donc, car elle pourrait, même en peinture, te blesser de ces yeux”<sup>136</sup>. Essa legenda, muito provavelmente, ofensiva e, por que não, ressentida, sugeriria, um possível confronto de interesses entre Pierre Woeirot e Louïze, ou, para as suposições de Huchon, entre o artista e impressor.. Para Mireille Huchon, ainda, há a sugestão de que a menção a Laïs e, inclusive, ao mito clássico de Medusa (*fuja, mesmo pintada, pode te ferir pelos olhos*), referiria-se justamente não à descrição de um indivíduo real, mas à própria criação ficcional de

<sup>135</sup>O autor Daniel Martin observa que tal pintor é conhecido por seus traços bastante fortes e ligeiramente grosseiros, comum, portanto, em suas gravuras. Ver: MARTIN, Daniel. Louise Labé est-elle « une créature de papier » ? **RHR (Réforme, Humanisme, Renaissance)** 63, déc. 2006, p. 7-37.

<sup>136</sup>*Id. Ibid.* p. 101-102. Por conveniência preferimos utilizar a tradução feita por Huchon para o francês. (T.A.: Você vê aqui pintada a Laïs lionesa. Foge, portanto, pois ela poderia mesmo em pintura te ferir pelos olhos.)

tal personagem, colocando-se aí, nessa circunstância, o princípio temático do empreendimento de Jean de Tournes, autores e Pierre Woeirot. Contudo, não há vinculação do retrato a obra e se a própria Huchon afirma que é possível que a gravura tivesse sido realizada para esse fim, há traços esteticamente desagradáveis que Mireille Huchon admite, parecendo mais sugestivo que haja desentendimento entre a dona da imagem e o desenhista.



Figura 6: Retrato produzido por Pierre Woeirot - Fonte: Collection Albertina - Vienne; digitalizado de *Une Creature de Papier* (Mireille Huchon, 2006).

A partir disso, Huchon organiza um debate: “Louise Labé, enjeu d'une Querella d'historiens Lyonnais”. Trata-se da apreciação de obras de dois autores, já citados, que escrevem sobre Lyon no século XVI e XVII. Primeiro traz as observações de Guillaume de Paradin sobre as escritoras Louïze Labé e Pernette du Guillet, que, com honras, foram lembradas no discurso, no qual esse autor se refere a elas como de moral incontestável<sup>137</sup>. Em relação a esse relato, observa a ausência de referências a outros escritores contemporâneos<sup>138</sup>. Já, em Claude de Rubys, o

<sup>137</sup> Como já citamos anteriormente. Ver: Guillaume Paradin de Cuyseaulx. **Memoires de l'histoire de Lyon**. 1573 p.355-356.

<sup>138</sup> Aliás, conecta essa fala de Paradin, sobre as duas obras de mulheres contemporâneas a ele, a, novamente, Maurice Scève. HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une Créature de Papier**. Genève:

outro historiador, a autora lembra que esse trata de Labé como uma cortesã desonrada e conhecida por *Belle Cordière*, em toda a França<sup>139</sup>. Faz, então, as seguintes considerações que indicam seus critérios para estabelecer o verdadeiro e o falso nos relatos:

[...]il [Paradin] raconte les événements marquants depuis la créations de la ville, particulièrement attentif *aux faits divers*, aux fêtes qui ponctuent la vie de la cité. Ainsi , pour la première partie du XVIe siècle, il mentionne les tournois et les festivités qui accompagnent les noces princières ou la libération des fils du roi François Ier[...] ou le passage d'une comète en 1528, évident présage religieux [...] autant de *faits divers qui font l'objet* de chapitres complets [...] La vie politique n'occupe qu'un espace *restreint*.<sup>140</sup>

Nessa parte, demonstra a autora, a diversidade dos objetos relatados por Paradin, do que conclui que o mesmo dá pouco espaço à vida política, e, ainda: “[...] dans un langage qui *n'a rien de la sobriété du style de l'historien*, puisqu'il les célèbre comme deux nobles et vertueux esprits, les femmes les plus intelligentes de leur temps”<sup>141</sup>. Ademais, a obra desse historiador seria prefaciada por um soneto de Philibert Bugnyon, falando sobre a sua atividade historiográfica, o que ela interpreta ser uma homenagem um tanto genérica. A fala da obra que não enaltece o próprio Paradin, poderia assim revelar desdém sobre o conteúdo dos escritos de Guillaume, enquanto que, na abertura da obra de Rubys, tal poeta teria feito uma memorável homenagem<sup>142</sup>.

Para Mireille Huchon, Claude de Rubys, que publicará sua obra junto com a

---

DROZ, 2006. p.117.

<sup>139</sup>Claude de Rubys. **Privileges des Habitans de Lyon**. Antoine Gryphius, 1573 p. 27.

<sup>140</sup>Huchon, *Op. cit.* p.115 (T.A.: [...] Ele [Paradin] reconta os eventos marcantes desde a criação da cidade, particularmente atento aos vários fatos, *aos festivos* que ocorrem na vida cidadina. Assim, para a primeira parte do século XVI, ele menciona torneios e festas que acompanham o casamento principesco ou a libertação dos filhos do rei Francisco I[...] ou a passagem de um cometa em 1528, evidente presságio religioso [...] numerosos fatos diversificados são o objeto de capítulos completos [...]. A vida política *não ocupa mais que um espaço restrito*.)

<sup>141</sup>*Id. Ibid.* p.117 (T.A.: [...] em uma linguagem que nada tem a ver com a do estilo sóbrio do historiador, pois que ele celebra-as como duas nobres e virtuosas mentes, as mulheres mais inteligentes de seu tempo).

<sup>142</sup>“La *précellence* manifeste de Claude de Rubys est aussi attesté par Philibert Bugnyon. [...] en la ouverture de l'ouvrage de Guillaume Paradin de 1573, écrit un sonnet très général sur le rôle de l'historien, fournit la même année, en tête des *Privileges* de Claude de Rubys, un sonnet extrêmement *élogieux sur le travail de ce dernier*”. Sublinha-se que a autora postulou a palavra primazia, no lugar da palavra preferência, pois se os dois são historiadores e ele fala da prática do historiador, em um caso, e, no outro, do trabalho , pode ser mais uma questão pessoal, pois ambos historiadores acabaram tendo suas obras impressas conjuntamente. Além disso, representa dois pesos e duas medidas, pois Paradin se faz condenável por ter elogiado duas, das muito poucas, escritoras francesas, mas Rubys torna-se confiável por ter sido elogiado por um outro contemporâneo. Ver: *Id. Ibid.* p.123.(T.A.: A preeminência manifesta em Claude de Rubys é também atestada por Philibert Bugnyon. [...] Na abertura do livro de Guillaume Paradin de 1573, escreveu um soneto muito geral sobre o papel do historiador, forneceu no mesmo ano, abrindo os *Privileges* de Claude de Rubys, um soneto extremamente elogioso sobre o trabalho deste último.)

de Guillaume de Paradin, trata de modo sério a história, em contraposição às futilidades deste: “a souhaité fournir le texte des privilèges accordés par le pouvoir royal à la ville de Lyon et faire un commentaire sur les causes et les effets de ces privilèges. Ces commentaires constituent une *véritable* histoire de Lyon”<sup>143</sup>. Ou seja, o modo como Rubys constrói sua narrativa e a temática escolhida por ele, parecem à Huchon que promove o estatuto de verdade requerido. Por outro lado, ela não se preocupa em averiguar o entorno político e pessoal de tal autor, menos esclarecedor ainda parece ser o que seria a forma correta da linguagem do historiador quinhentista. Mas Huchon retirará dos dois possíveis quereladores a fala verdadeira, baseada na seguinte crítica:

Claude de Rubys reproche tout particulièrement à Guillaume Paradin d'avoir utilisé des mémoires *non authentiques*, donnés par des gens qui, se jouant de sa crédulité, ont pu le berner et être bien aises de se moquer de lui. En tout cas, comme preuve et *seule preuve* de ce [Paradin] *déplorable* travail d'historien, Claude de Rubys donne celle Pernette Du Guillet et de Louise Labé, deux courtisanes, s'insurgeant contre le fait que Guillaume Paradin ait eu *l'impudence* de les qualifier de miroirs de chasteté et parangons de vertu<sup>144</sup>. [grifos meus]

A conclusão sugere que Rubys é melhor historiador que Paradin, e isso é demonstrado por aquele ter comprovado a ingenuidade do julgamento que este faz sobre du Guillet e Labé, enquanto símbolos de virtude e castidade. Os apontamentos feitos por Rubys sobre os possíveis amantes e a vida imprópria dessas *mulheres* ganham força em seu relato. O que não parece muito claro é como a fala de Claude de Rubys sobre alguns elementos morais da vida de Louïze Labé e Pernette du Guillet é considerada como itens que justificam e comprovam a ingenuidade histórica de Guillaume Paradin, e não parece contraditório a Huchon creditar a este uma linguagem imprópria e àquele não. Porém, isso parece-nos apenas enfatizar o que não está muito claro em sua defesa historiográfica de Rubys.

Além disso, a autora abordará o discurso de François de Billon (outro autor

---

<sup>143</sup>*Id. Ibid.* p.119. (T.A.: quis fornecer o texto dos privilégios concedidos pelo poder real na cidade de Lyon e comentar sobre as causas e efeitos desses privilégios. Esses comentários são uma verdadeira história de Lyon.)

<sup>144</sup>*Id. Ibid.* p.121. (T.A.: Claude de Rubys censura tudo, especialmente Guillaume Paradin ter usado memórias que não são autênticas, dadas por pessoas que, jogando com sua credulidade, foram capazes de o enganar e se comprazem em rir dele. / Em qualquer caso, como prova e só prova desse deplorável trabalho de historiador [Paradin], Claude de Rubys dá a Pernette Du Guillet e Louise Labe, duas cortesãs, sua constestação contra o fato de que Guillaume teve o descaramento de as qualificar como espelhos de castidade e modelos de virtude.)

quinhentista) que menciona Labé<sup>145</sup>. Segundo ela, quando o autor assemelha Labé à Cleopatra e aos homens, podendo mesmo falar em um *exercice viril*, que indicaria um sinal do caráter de cortesã, pois o ato de *disfarçar-se* era praticado por mulheres que exerciam essa função. Defini-la enquanto cortesã parece ser uma pedra de toque da tese da autora. Mas seria isso outro indício da "misteriosa" não-confecção da obra? Os testemunhos que acusam Labé de imoral, como o de Calvino (dirigido contra Gabriel Saconnay), já em Genève – bem como a suspeita, que circula no tribunal dessa cidade, de ter ajudado uma prima a tramar contra o marido – acabam

---

<sup>145</sup>François de Billon, em 1555: "[...]grave Sentence du vulgaire: En tous païs toute Guyse, toute femme mal apprise. Mais ils deussent dire ainsi. En tout païs toute Guise, fait voir des hommes la sottise : Laquelle sottise, est si prompte ( à ce propos ) à incontinent dégorger la *trop volontureuse nature ou lubricité de la Royne Cleopatra et de quelque autre*, qu'ils deussent premièrement confesser que le vice d'elle, *est trop plus louable, que les imperfaites vilanyes du Roy Ptolomé*, son mary et son frère, ne méritent silence de bouche. Pour mieux amplifier l'Histoire antique de laquelle Cleopatra, ils s'efforcent souventes fois de l'acoupler a une moderne par l'exemple de quelque pauvre simplette, où plus tost de la belle Cordiere de Lyon, en ses safres (\*) déduits : sans qu'ils aient l'entendement de considérer, que s'il y a chose en sa vie qui puisse estre taxée, les hommes premièrement en sont cause, comme auteurs de tous maux en toutes créatures : ny aussi sans pouvoir compenser en elle, les grâces et gentilles perfections qui y sont, a tout le pis qu'on pourrait estimer de ses autres qualités : lesquelles, pour résolution, si mauvaises sont, des hommes sont procedées : et les autres qui sont louables, des cieus tant seulement. Et par cela, qui désormais voudra blasmer Femmes de sa robbe, regard, que de soi mesme il ne forge un blason, vue que les Clercs disent en cas de Femmes, Hic et Hoec, Homo. Parquoy, comme lubrique ou autrement vicieux que puisse estre a present le Sexe Masculin, celle *Cordiere se pourra bien dire homme* : qu'elle *sait dextrement faire toute honneste exercice viril*, et par especial aux *Armes, voire et aux Lettres*, qui la pourrant toujours relever de toute note que tels Brocardeurs (ci devant assez promenez) par malice envieuse se sauroient efforcer de luy donner : ainsi qu'ils sont a toutes, sans exception, de mil autres sornettes si tresapres, que cela bien souvent les préserve, a faute d'autres meilleurs propos, de s'endormir a table La ou cete pauvre cōdition Femenine est questionnée [...]". [grifos meus] Fonte: François de Billon. . **Le fort inexpugnable de l'honneur du sexe femenin**, 1555. p. 14b-15. (T.A.: [...] falam sentença vulgar: Em cada lugar de toda Guise, toda mulher pouco aprende. Mas eles *deveriam* dizer isso: Em qualquer lugar de toda Guise, vê-se os homens à loucura: aquela loucura, tão prontamente ( a propósito ) de incontrolável exceder-se à tão voluntariosa natureza ou sensualidade da rainha Cleópatra e de qualquer outra, que eles *deveiam* primeiramente confessar o vício para com ela, que é muito mais louvável que as imperfeitas maldades do rei Ptolomeu, seu marido e seu irmão, que não merecem o silêncio da boca. Para compreender melhor a história antiga de Cleópatra, eles se empenham muitas vezes de a acompanhar de uma atual, para dar como exemplo para o pobre simplório, onde inicio com a Bela Cordoeira de Lyon, que em seus saberes deduzir (sem que eles tenham o entendimento de considerar), se há alguma coisa em sua vida que pode ser acusada, os homens são primeira causa, como autores de todos os males em todas as criaturas. Nem assim, sem poder compensar, a ela, as graças e gentis perfeições que tem, ainda possuem o pior que nós poderíamos estimar de suas outras qualidades, as quais, por definição, se maldosas são, pelos homens são conduzidas; e as outras que são louváveis, aos céus tão somente. E por isso, agora querem culpar as mulheres de seu vestido, cuidando que dele não se forje um escudo, para que os clérigos digam sobre as mulheres: *aqui, ali e acolá* [ordenem, falem, julguem]. Por isso, como o indecente, ou de outra forma o vicioso, pode estar presente no sexo masculino, essa cordoeira se poderia bem dizer homem: que sabe agilmente fazer toda honesta atividade *viril* e em especial nas armas, na verdade e nas letras, que poderia sempre mostrar, pra todo exame que tais *Brocardeurs* ( os que antes o suficiente colocavam) por malícia invejosa que apreciaram tentar dar-lhe: assim, que eles tiveram todos, sem exceção, mil outros disparates que lhes passa, que isso bem se preserve, faltando outra melhor maneira do que dizer, esquecem à mesa, lá onde essa pobre condição feminina é questionada.)

por colocar, em Labé, todos os trajes condenáveis da Renascença (travestida, pública, cortesã e bruxa)<sup>146</sup>.

Por essas e outras administrações e organizações da narrativa, Huchon considera que a elaboração de tal obra foi masculina, e não apenas por um autor, mas por vários. Para ela, alguns dos indícios mais concretos apontam para a inexistência de Labé. Contudo, o que nos parece mais relevante nessa leitura é, necessariamente, os moldes do discurso de Huchon. Nele não se relata o porquê de ser-lhe mais plausível um homem atribuir tais textos a uma mulher - que existiu e cuja obra a ela “atribuída” questiona muitos pontos que dizem respeito a uma experiência feminina, que se pretende, em alguns momentos, até pedagógica – do que provir de uma atriz daquela sociedade. O que aparece, na visão de Mireille Huchon, como um paradoxo – cortesã e escritora -, seria plausível para questionar a existência e a autoria na obra de Labé?

## b) Uma criatura no papel...

Parafraseando o título da obra que polemizou sobre a questão da vivência e autoria em *Euvres*, traremos aqui elementos que discutem com os pressupostos da versão apresentada pela professora Mireille Huchon, cujos itens parecem-nos, apesar de polêmicos, igualmente delicados.

Huchon, como já expusemos,, anuncia os contornos de sua obra ao apresentar o primeiro capítulo com o que será o mote de suas investigações: a representação de um mistério que circunda a poetisa, partindo da ideia de que o anagrama presente na parte *Escriz de diuers Poëtes, à la louenge de Louïze Labé Lionnoize* indicaria uma pista para a não-autoria da poetisa: **Loy se Laberynte**<sup>147</sup>.

A conjectura (se não houvesse outras demandas) poderia, por si, ser aceitável. Entretanto, seu método passa a se tornar um pouco insistente quando se esforça, em demasia, para encontrar, dentro de todos os textos, palavras que “ganham” anagramas, parecendo, por isso, um instrumento sensível. Em tal período,

---

<sup>146</sup> *Id. Ibid.* p.128. Ver, também: BREGHOT DE LUT, C. *et al. op. Cit.* p.216.

<sup>147</sup> Como já mencionamos anteriormente, há a possibilidade desses relatos terem se embasado na construção de Claude de Rubys, sendo, daí, reproduzidos.

além de ser um estilo<sup>148</sup> adotado, é inumerável, quando se pensa nas possibilidades desse jogo, com combinações de letras reordenadas em outras palavras.

Em outro momento, Huchon revela outro mistério: um poema dos *Escriz*, contém a palavra “**la baisant**”<sup>149</sup> (*beijo, boca, lábio*). Huchon capta não só o anagrama, mas também uma referência à Plêiade, o que, para ela, soaria como um desprezo, por tratar-se de, no contexto, representar essa relação com o corpo da poetisa de forma erótica. Observação, talvez, perspicaz dos jogos de palavras que as poesias sustentam, mas como supor nisso uma crítica cínica à autora quinhentista?

Indo mais além, como isso pode ser mais do que um jogo publicitário de rima e referência ao entorno poético de Labé? E, ainda, como isso retiraria a sua autoria? As investigações sobre anagramas são, sim, sedutoras, porém podem ser igualmente indutoras de determinados resultados. Obviamente, reconhecemos que nenhuma metodologia consegue se preservar disso, mas se as evidências são, como coloca Albuquerque, uma invenção imposta pela pergunta<sup>150</sup>, deveríamos compreender qual é essa pergunta e se a questão colocada não a situa mais numa incompreensão política ou ética.

O autor Bruno Roger-Vasselin também corrobora para pensarmos sobre esse ponto, pois:

Premier exemple, les retouches de la préface. Pourquoi affirmer que les corrections sous presse de l'épître «A.M.C.D.B.L.», d'une édition (1555) à l'autre (1556) des *EVVRES*, spécialement la correction qui remplace «Car ayant esté tant favorisee des Cieux, que d'avoir l'esprit grand assez pour comprendre...» par «Si j'eusse esté tant favorisee...» (cité p.170-171), devraient se lire forcément comme une mise en cause de Louise Labé, mettant «en doute l'excellence de ses capacités intellectuelles » ? Le clou touchant ces corrections est clairement enfoncé (toujours p.170-171): Elles mettent en doute l'excellence de ses capacités intellectuelles (*car ayant esté tant favorisee* transformé en une hypothétique à subjonctif plus-que-parfait, à valeur d'irréel du passé, *si j'eusse esté*), ce qui laisse entendre, contrairement à la première version, qu'elle n'a pas la capacité de comprendre pour servir d'exemple. Mais une telle hypothèse n'est vraisemblable que si l'on admet que c'est Claude de Taillemont, et non pas Louise, qui aurait, sinon complètement

<sup>148</sup>É comum o uso de epigramas como estratégia de escrita e publicidade (exemplos: *L'Amour des Amours* ou a obra *les Marguerites de la Marguerite des princesses*), além de ser comum os autores apresentarem no início ou no decorrer de seus textos os anagramas de seu nome. Como François de la Croix-duMaine (Du Mans, Si Fidel' A Son Roy.), que apresenta o anagrama no início de seu livro, ou ainda, o anagrama de Louise Labé (*Belle a Soy*).

<sup>149</sup>Fonte: Louise Labé. *Euvres*. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.144.

<sup>150</sup>ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. Prefácio. In: **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007. p. 26.

rédigé, du moins conçu et assumé auctoriallement (même à titre officieux dans le cercle des initiés de la supercherie), le principe et la teneur de cette préface. Si l'on s'en tient au contraire au schéma d'interprétation le plus simple, celui d'une Louise capable de tenir la plume, fût-ce avec une aide qu'elle aurait sollicitée, on jugera que ces retouches relativisent tout bonnement une prétention intellectuelle qui pourrait paraître excessive et qu'elles relèvent de la *capatatio benevolentiae* la plus courante<sup>151</sup>.

Bruno Vasselín parece-nos demonstrar uma das superinterpretações da escritora contemporânea. Para compor a fraude cínica<sup>152</sup>, Mireille Huchon ainda oferece como “prova” o fato de que nos *Escriz* (e devemos enfatizar que se pauta em demasia nesse item da obra feito por terceiros, já que deveria ser uma crítica literária da obra labetana), os poetas escrevem mais sobre os atributos físicos do que sobre o talento intelectual, o que serviria para mostrar o desdém intelectual em relação à Labé. Parece-nos que essa interpretação é completamente plausível no sentido que o discurso sobre o feminino tem sido significado como o lugar da beleza, da vaidade, ligando-o ao corpo e aos valores estéticos sobre ele impostos. Além disso, há que levarmos em conta que os elogios, como coloca Peter Burke, muitas vezes, eram prestações de serviços contratadas pelo editor para assegurar a divulgação do livro<sup>153</sup>.

Contudo, a referência a uma fraude cínica parece ser mais problemática, posto que a obra possui uma reflexão com fundo irônico, sim, mas que não serve à inferiorização das mulheres, muito pelo contrário, apresenta um convite a essas mulheres (e até indignação em relação aos homens<sup>154</sup>) para mostrar a honra e

<sup>151</sup> ROGER-VASSELIN, Bruno. La Parodie chez Louise Labé. In: **Sèizeme Siècle**. 2006, nº2. p.111-130. (T.A: Primeiro exemplo, alterações no prefácio. Por que afirmar que as correções sobre prensa da epístola "AMCDBL" uma edição (1555) a outra (1556), de EVVRES, especialmente a correção que substitui "Por ter sido tão favorecida pelos Céus, para ter a mente grande o suficiente para entender ..." por "Se eu tivesse sido tão favorecida ..." (citado p.170-171) deve ser lido como necessariamente uma acusação de Louise Labé, colocando "em dúvida a excelência de sua capacidade intelectual"? O destaque em relação a essas correções é claramente forçado (sempre p.170-171): / Elas [as alterações] ao colocarem em dúvida a excelência de suas capacidades intelectuais [...] transformado em um hipotético subjuntivo mais-que- perfeito, valor de irrealidade ao passado, se *eu tivesse sido*), sugerem, ao contrário da primeira versão, que não possui a capacidade de compreender *para servir de exemplo*. / Mas uma tal hipótese não é verossímil para que se possa admitir que é Claude de Taillemont, e não Louise, que o teria feito, senão completamente redigido, ao menos projetou e assumiu auctorialmente [...]. Se mantivermo-nos, ao contrário, como apresenta-se no esquema de interpretação mais simples, a de que Louise capaz de segurar a pena, mesmo com ajuda, que ela teria solicitado, poderemos considerar que as alterações simplesmente relativizam uma pretensão intelectual que poderia parecer excessiva e se elas revelam *capatatio benevolentiae* da mais comum.)

<sup>152</sup> "Le cynisme et la moquerie sont patents". (T.A. O cinismo e o escárnio são evidentes). HUCHON, Mireille. **Louise Labé: une créature de papier**. Genève: DROZ, 2006. p. 262.

<sup>153</sup> Sobre a comercialização a já citada referência: BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Trad. Plínio Dentezien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 148.

<sup>154</sup> Fonte: Louise Labé. *Op. Cit.* p. 5.

glória que da escrita poderiam vir. Supondo que tais poemas em homenagem a Labé indiquem má apreciação, por que o restante demonstraria convicções que postulam o convite das mulheres às letras e elevação de si, se feito por eles mesmos? Para ser razoável, parece-me, então, que seria o caso de abrir mão de uma das hipóteses, ou de ambas.

Entretanto, por conta dos pressupostos de escárnio, que ligam Maurice Scève à cabeça da fraude, produtor do debate de Loucura e de Amor, diz-nos que Labé em nada teria tomado parte: os escritos poéticos teriam tido em Oliver de Magny seu principal colaborador, pois há influência petrarquiana. Ainda, para explicar obras como a de Jacques Peletier, que a homenageia posteriormente, afirma que diferenças internas com o grupo fizeram abandonar a empreitada, construindo uma homenagem em sinal de desaprovação<sup>155</sup>.

Quanto aos indícios obtidos pela avaliação dos retratos, perceberá que, pela frase ofensiva e similaridades no traçado, se trata de uma referência a Medusa<sup>156</sup> e por isso o personagem fictício ficaria sugestivo envolvendo a agente. Ressaltamos, todavia, que, se é possível assumir o tom ofensivo na legenda do retrato, há de ser questionada tanto a relação do retrato com a autora, que apesar de possível, não é confirmável, como sua fictícia existência enquanto indivíduo ou, pelo menos, na medida em que não podemos questionar a realidade do passado sem correr o risco de assumir uma postura negacionista, bem como a interpretação que ganha a comparação de uma Medusa clássica, visto a fama dos escritos de Boccaccio, que representa tal mito grego através de uma outra leitura que é a da mulher bela que paralisa o seu admirador.

Diante de todos os elementos trazidos por Mireille Huchon, o que mais provoca a atenção, por fim, é uma postura que assume em sua narrativa: o destaque que dá ao caráter de cortesã.

Como já observado, a autora comparou os discursos de dois historiadores e se deteve detalhadamente nas feições da personagem por eles impostas. Paradin e Rubys mencionam a personagem Labé em seus textos, o que demonstra por si mesmo a proeminência da autora. Entretanto, o ponto crucial que a faz creditar veracidade a um e não a outro, é o tipo de narrativa neles contida. Os elementos

---

<sup>155</sup> HUCHON, Mireille. **Louise Labé**: Une creature de papier. Genève: DROZ, 2006. p. 227.

<sup>156</sup> MARTIN, Daniel. Louise Labé est-elle « une créature de papier » ? **RHR (Réforme, Humanisme, Renaissance)** 63, déc. 2006, p. 7-37

apreciados por Paradin<sup>157</sup> são os eventos sociais de Lyon, já Rubys, segundo Huchon, utilizar-se-ia de uma história mais apropriada. Porém, devemos retomar que os movimentos estratégicos da política da época se davam justamente nos eventos festivos, nos quais o simbólico é exercido através de vestimentas e ritos que servem para enaltecer e legitimar os poderes. Além disso, essa linguagem do historiador é bem discutível, tanto pelo item já mencionado<sup>158</sup>, quanto pelo fato de que tais elementos diversos do cosmos social eram presença nas práticas historiográficas daquele período, com pretensão de dizer o todo sobre tudo. A disciplina e a postura historiográfica que Huchon invoca encontraríamos mais fortemente a partir do século XIX, quando lá está manifesto o interesse por valores que designem cientificidade e academicismo.

Para além disso, a professora faz menções às aparições masculinas no testamento de Louïze<sup>159</sup>. Entretanto, há necessidade de ressaltarmos que os testemunhos das mulheres não possuíam valor legal em muitos casos frente à justiça, além do que, tais presenças remontam a uma condição econômica mais saliente, podendo designar justamente aquele posicionamento social mais abastado, do qual falamos no início de nossa reflexão, ou, até, sua posição enquanto cortesã,

---

<sup>157</sup> Sobre Guillaume Paradin, M. Breghot levanta o seguintes itens: "Cet Ecrivain Ecclésiastique, distingué par sa place et par son mérite, si plein de moeurs lui-même, auroit-il fait cet éloge d'une Personne dont la réputation eût souffert quelque atteinte, lui qui d'ailleurs écrivoit sous les yeux et par les conseils d'un Magistrat, l'un des plus recommandables que nous eussions alors" Ver: M. Breghot. Notice sur Labé. Par Perrin *et al.* **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 36. Porém, nas biografias lionesas, outra obra do autor, traz-nos a informação de que Paradin é um historiador da história eclesiástica, o que torna as coisas um pouco diferentes. Breghot de Lut & Pericaud. **Biographie lyonnaise catalogue des lyonnais dignes de mémoire**. Lyon, 1839. p.215.(T.A: Este escritor eclesiástico, que se distingue por sua posição e por seu mérito, no caso, pleno de moral em si, teria feito esse elogio a uma pessoa cuja reputação tinha sofrido dano, ele que outrora escreveu sob os olhos e pelos conselhos de um magistrado, um dos mais recomendados que tivemos até então")

<sup>158</sup> Afinal, nomeá-las e a seus amantes parece ser uma preocupação muito relacionada a aspectos das relações pessoais. Assim, outra observação a ser feita é que a maior parte dos testemunhos gerados entre os anos 1525-1566 (datas prováveis do nascimento e morte de Labé), foram mais positivos que negativos para com a autora, e só com sua morte é que começam a surgir uma ofensiva maior às suas práticas. Segundo o autor M. Cochard, isso se deu por uma questão bastante pessoal no caso do historiador Claude de Rubys (que visa especificamente atingir a Guillaume de Paradin e sua obra), falar em Labé, baseado provavelmente nas considerações do processo que a mesma teria sofrido em Genève, seria contradizê-lo e assim, demonstrar sua melhor competência. M. Ruolz, autor do século XVIII, reflete que a personagem, cuja presença incomodou alguns contemporâneos por ser feminina, foram de tal forma repetidos, por períodos posteriores, que deixaram de ver nessas produções as rixas pessoais entre os contemporâneos, preferindo copiar o testemunho negativo, a outros posicionamentos mais respeitáveis e aclamados de Lyon. Isso reflete justamente um problema político no que tange ao campo de conhecimento e de resistência que algumas mulheres podem ter atingido, mas que não foi reconhecido, e que repercute ainda hoje .

<sup>159</sup> Essas figuras dariam a ideia de uma "femme aisée, sans enfant". Ver: HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une creature de papier**. Genève: DROZ, 2006. p.10.

devido aos ritos discretos e nada ostentatórios que exigiu em seu testamento para seu funeral. Mas, principalmente, isso se mostra irrelevante enquanto prova do “frágil” estatuto de escritora que poderia ter gerado essa hipótese, recaindo, isso sim, em uma censura sobre a conduta que, além de antiquada, é desnecessária quando se quer tratar do crédito da autoria em sua obra.

Se há associação dessa figura lionesa a uma vida de cortesã, apontamos brevemente que esse ponto, além de não nos dizer muito sobre uma incapacidade de publicar<sup>160</sup>, também pode dever-se, por vezes, tanto à “subversão”, na qual a construção dos sonetos amorosos soa “pérfida”, até para os dias atuais, quanto por reprodução de alguns depoimentos mais convenientes à moralidade do período, como o de Calvino<sup>161</sup>, por exemplo. Podemos apreciar, de forma mais clara, no decorrer dos séculos XVII, XVIII e, um pouco menos, no XIX, as práticas dos “salões” literários que se tornarão comuns e cada vez mais celebradas, tendo, sim, entre seus anfitriões, a figura de mulheres que, além de prover alguns dos artistas, participam dos debates. François du Billon e Guillaume Paradin mencionam o conjunto de influências que Louïze teria recebido, já DuVerdier exprime a mesma informação, mas com um tom mais zombeteiro<sup>162</sup>.

Se existe algo por trás disso, podemos inferir que há também algo nessa mulher que incomodou alguns de seus contemporâneos a ponto de discursarem sobre ela, considerando-a como mulher “pública”, cortesã. O indivíduo que foge da carga que lhe é imputada, apresenta marcas da desaprovação mesmo posteriormente, através de vestígios que surgem questionando sua sanidade, sua

---

<sup>160</sup>FALLABRINO, Maria V. P. **Esposas da Burguesia: Representações Femininas Nas Repúblicas Italianas do Século XV**. Acessado dia 06 de maio de 2009. [http://www.utp.br/historia/revista\\_historia/numero\\_2/pdf/3\\_maria\\_veronica.pdf](http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_2/pdf/3_maria_veronica.pdf)

<sup>161</sup>Apesar de algumas percepções vislumbrarem no luteranismo uma possibilidade maior de igualdade para mulher, sabe-se que o protestantismo florescido naquela região era mais “conservador” quanto à posição e à conduta do feminino na sociedade. Mas, se pensarmos que a atmosfera e a região de Lyon tinham favoritismos reais, que os reis eram católicos e, Labé, por sua vez, também era, podemos constatar que, além do preconceito e/ou a vida de cortesã gerar tal condenação, temos também uma questão religiosa, pois sabe-se que já começam nesse período, com Henri II, a perseguição aos huguenotes, e os aspectos pessoais eram disparados para comprovar as inverdades pertencentes a esse ou aquele tipo de fé.

<sup>162</sup>A partir da fonte do DuVerdier, porém, é possível compreender o seguinte: se ele colocou, como mencionamos, em pauta sua reputação, os méritos e as qualidades intelectuais são pronunciados, ainda que com desdém, reforçando a ideia de que possuía leitura em latim, italiano, cantava e tocava músicas, e que era culta, pois em seu escritório encontravam-se diversas obras. Ver: GONON, Pierre-Marie. **Documents historiques sur la vie et les mœurs de Louise Labé**, 1844.p. 18-19.

conduta, seu temperamento, sua beleza etc<sup>163</sup>.

Quanto às mulheres, já referenciamos o quanto a relação delas com o mundo perpassa o filtro sexualizante/sexualizado, que impõe cerceamentos através da caracterização pejorativa das relações com seu corpo<sup>164</sup>. Repetindo-se tais “maquinações”<sup>165</sup>, vez ou outra, de tempos em tempos, conectando, com certo prazer, o discurso de um corpo - que deveria ser subjugado sob determinadas regras e costumes - ao imoral, repercute e expressa sociabilidades que devem ser rejeitadas, ou seja, relações sociais que se produzem através delas.

De tudo isso, o que mais surpreende são os julgamentos de valor evocados pela autora Mireille Huchon, ainda que de forma ponderada, mas que se referem à reputação de Labé enquanto cortesã. Frisa depoimentos posteriores sobre a conduta da *Belle Cordière*, traz-nos que em seu testamento gozou da participação de homens de diversas funções, entre eles, um que se supõe, Labé seria sua mecenas e amante<sup>166</sup>. Entre outras coisas, Huchon pressupõe uma visão de construção de história na qual todas as fontes sobre o passado são ofertadas e que, por isso, se algo não é dito, é porque não aconteceu. As falas oblíquas, assim, são negadas de alguma forma por não constarem em registros modernos como conhecemos (certidões de nascimento, óbitos, parte de uma burocracia que vem sendo instituída, de maneira nada uniforme, ao longo do tempo)<sup>167</sup>.

Ao mesmo tempo, o seu método de investigação supõe um grande jogo de anagramas não muito sustentável. Por que a obra de Labé teria feito tantas referências ácidas sobre a sociedade em questão por um lado, à possibilidade de liberdade das mulheres por outro, se, segundo Mireille Huchon, são homens a fazer pouco caso disso? No mínimo, visto certo caráter pedagógico do texto, esses homens estavam interessados por tais reivindicações, mais do que levados pela moral misógina da época. Bem, se é isso, por que atribuir a obra, que busca

---

<sup>163</sup>FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>164</sup>Breghot de Lut questiona que, se fosse ela uma cortesã, como Rubys a ela refere-se, teria o marido deixado-a como herdeira dos bens? A propriedade em Parcieux en Dombes, segundo de Lut, teria pertencido ao Ennemond Perrin e estaria constando no testamento de Labé como herança. Ver: M. Breghot. Notice sur Labé. Par Perrin et al. **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 73.

<sup>165</sup>Não no sentido de pensado, mas de instrumentalização praticada inconscientemente muitas vezes.

<sup>166</sup>HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une Créature de Papier**. Genève: DROZ, 2006. p.10, 40.

<sup>167</sup>Valorizando tanto o quantitativo que a população em geral não poderia ter sua história contada, pois seus anônimos e silenciados não possuíram a mesma oportunidade, seja por classe, seja por gênero, de se expressarem.

conclamar as mulheres às letras, a alguém cuja moral é tão contestável e condenável, segundo a autora?

A Huchon parece mais “fácil” atribuir um texto reivindicatório de um espaço feminino a um homem, que, por sua vez, atribuiria a uma autora fictícia, do que pensá-lo como construção de uma mulher que teria refletido sobre os efeitos da realidade de sua época. No ímpeto de dizer algo novo acerca da biografia de Labé, o discurso de Mireille Huchon, que tomou e toma proporções enormes, acaba por se equivocar com anacronismos e metodologias um pouco precipitadas, extraindo disso um conteúdo que novamente obscurece e demoniza a figura feminina. Para tanto, serve-se de falas, muitas vezes, posteriores à vivência de Labé, filtradas por valores religiosos, conservadores, cujas posições deveriam elas mesmas serem dignas de historicização. O que é incompreensível nessa construção de Huchon não é uma falta de erudição, pois não nos parece ser o caso. O que é deveras questionável são os caminhos de investigação e os valores e perguntas intrínsecos aos seus métodos.

Autor e obra se habitam e se constroem mutuamente. A noção de agência não deve ignorar os fenômenos sociológicos que fazem parte da constituição do indivíduo e procurar um autor e autoria apenas intratextualmente com seletivos elementos de terceiros é até covarde.

Os elementos poéticos mais sutis do já mencionado regionalismo intelectual lionês recai sobre as figuras que ajudariam a perceber a questão da possibilidade do feminino de outra maneira. O professor de literatura francesa François Rigolot, serve-nos de exemplo para introduzir-nos a esse assunto. Segundo ele, os rios Saône e Rhône são elementos que apontam para o regionalismo ufanista: os poetas constroem figuras imponentes para ambos. Um casal poderoso, que corre junto, atravessando a cidade e, por fim, se encontram “apaixonadamente”, enaltecendo as riquezas naturais através da arte e criando uma identidade lionesa<sup>168</sup>. Cada um dos rios é, no entanto, ainda podem ser identificados com uma figura de gênero, uma feminina e outra masculina. Nesses manejos poéticos, segundo o que se depreende de Rigolot, há uma atribuição de valores às partes<sup>169</sup>, que provavelmente é

---

<sup>168</sup>*Id. Ibid.* p. 123

<sup>169</sup>Nesse discurso da geografia como portadora de um significado cultural para esses poetas, Rigolot cita: “Marot s’était également exprimé sur cette fameuse confluence, en contrastant l’impétuosité traditionnelle du fleuve masculin avec la féconde attente de la rivière féminine”.Ver: *Id. Ibid.* p.124.

correspondente a uma valorização do masculino e feminino. A ideia de *virtus*, de fúria, associada a Rhône e também ao leão (lion), é reapropriada nos discursos lioneses para essa re-formação do masculino. Vênus e Saône, símbolos da riqueza, da beleza, da fertilidade e da constância, também recriam significações sobre independência e poder ao feminino. O vocabulário *genderificado* e sensualizado, atribuído a elementos da geografia de Lyon, auxilia-nos na reflexão de que as roupagens de que dispõem para revestirem outros personagens fictícios ou não, fortalecem a percepção de que através da literatura sobre esse espaço, ou nele, se apresentou uma variada posição para a expressão do feminino. Os poemas (e publicações em geral) são amostra tanto da situação econômica da cidade lionesa, privilegiada, quanto fontes que engatilham uma peculiaridade ao ambiente intelectual. Por um lado, o regionalismo traça uma identidade que reconhece um lugar relevante ao escritor. Por outro, explica o otimismo e uma fala como a de Labé, frente a uma região que necessitou e investiu nessas atividades intelectuais e, concomitantemente, modificou a esfera de atuação de algumas mulheres no Renascimento<sup>170</sup>, podendo ser agora a obra literária da autora Louïze Labé, objeto de nossa indagação.

---

<sup>170</sup> Ou seja, a questão do enaltecimento em Labé pode ser consequência tanto de certo regionalismo quanto pode sinalizar uma situação concreta mais favorável na sua cidade. Bem, como já lembramos, o fato de os autores lioneses equipararem-se e mesmo proporem ser o berço da cidade de Troia, por exemplo. Nesse ufanismo estão a exaltarem igualmente a sua condição de produtores, bem como de herdeiros da cultura Clássica, em que reforçam sua identidade territorial recente. RIGOLOT, François. *Op. Cit.* p.123.

## “De mes yeux le pouvoir<sup>171</sup>”: as divagações sobre os limites da razão às tão ilimitáveis estratégias de resistência na narrativa

[...]servent [as figuras de Orphée et les Muses] de puissants relais pour affirmer la supériorité incontestable de la poésie sur tous les autres arts, celle-ci est *le don des filles de Mémoire* et, de ce fait, elle possède une origine qui l'apparente à la théologie<sup>172</sup>. [grifos meus]

A poesia, como sugere o texto de Rigolot, devido ao poder superior que a Antiguidade a atribui, por sua proveniência (“le don des filles de Mémoire”), executaria uma tarefa como instrumento de memória, inferindo, por consequência, um *conhecimento* sobre o passado<sup>173</sup>. *Indefinido* conhecimento, mas que sugere ações e faz parte dos anseios que se inscrevem nos corpos. A partir da trilha criada pelo “fictício”, onde o tempo biológico, cronológico se exime e deixa de ser o que comanda a vida, o ser envolve-se e torna-se expresso no texto literário. Não se trata, entretanto, de que esse *desprender-se* deixe o convívio com a existência concreta. Irremediável, ela perpassa todos os nós tecidos pela mente humana, mesmo nos seus mais fantasiosos anseios, e na problemática que nos cabe, que é o *fazer* da história, permeado por construções igualmente complexas - o “fazemos”, demonstrando necessidade de praticá-lo e, igualmente, o praticamos sem tocar o objeto, nem materializá-lo ou, simplesmente, verificá-lo - dispomos somente da laboração de os pretender contornar (envolver, representar ou, ainda, tatear; e mesmo aqui já anuncia-se a falta de uma palavra que expresse adequadamente o ato).

<sup>171</sup> Louïze Labé. Soneto VI, **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. Soneto VI, (T.A.: Dos meus olhos o poder)

<sup>172</sup> RIGOLOT, François. **Poésie et Renaissance**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 33. (T.A.: Servem [Orfeu e as Musas] de poderosos porta-vozes para afirmar superioridade indiscutível da poesia sobre todas as outras artes, esta que é o dom das filhas da Memória e, portanto, tem uma origem semelhante à teologia.)

<sup>173</sup> Algumas questões foram abordadas pelo professor Antônio Cândido, em sua obra chamada “Literatura e Sociedade”, observando, em 1965, a partir de sua formação que inclui sociologia e literatura, como esta consegue apresentar elementos capazes de fornecer um panorama social bastante profícuo. Essas representações são igualmente debatidas pelo alemão Erich Auerbach, que em seu livro “Mimésis: a representação da realidade na literatura ocidental”, aponta, partindo da investigação estética, para os “realismos” presentes na criação literária e algumas maneiras de identificar tais representações e peculiaridades através da própria teoria crítica da literatura. Nos seus estudos, elementos como a pessoa do narrador, a conjugação de determinados verbos, a descrição do cenário, servem como elementos que dão um tom de “realismo”, e são, talvez por isso mesmo, aspectos que nos ajudam a pensar os espaços e relações sociais de tais realidades.

A obra de Louïze Labé compreendida por textos de diversos tipos, desde carta até poesias, não se pretendem diretamente testemunhais, mas os são no sentido de que toda criação humana diz-nos sobre sua sociedade<sup>174</sup>, ou como nos relata Rigolot, tais produções retratam, incluindo na poesia, o dom de lembrar.

A proposta da utilização dessas fontes para análise não é necessariamente proposital, embora, como já dissemos, muito aprazível. Devido ao limbo que nos encontramos, de não ser possível tudo dizer, foi o material que nos deparamos para partilhar algo sobre as mulheres, o feminino e o Renascimento. Tais fontes, contudo, não são necessariamente amplas, ao menos pelo viés quantitativo, mas negociam com o silêncio. Na carta dedicatória, há pouco mais de quatro páginas, direcionadas a uma contemporânea chamada Clémence de Bourges; o texto em prosa, *Debat de Folie e d'Amour*, o qual possui um formato que se assemelha a um roteiro teatral, está dividido em um argumento, que resume a origem da contenda entre os deuses *Folie* e *Amour* - de uma página - e cinco discursos, que são como diferentes atos, distribuídos em noventa páginas, sendo o último discurso mais extenso. Posteriormente, há três elegias, as quais possuem em torno de quatro páginas cada. E, por fim, seus vinte e quatro sonetos. São acrescentados à edição de 1555 o *Privilège du Roi*<sup>175</sup>, ainda em manuscrito, datado de 1554, bem como poemas de diversos autores homenageando-a ou promovendo-a<sup>176</sup>, os quais perfazem um total de vinte e quatro escritos. Além disso, há um soneto que introduz esses elogios e uma errata, revisão feita pela própria autora. Chegando a um total de cento e sessenta e nove páginas, variando esse número em edições posteriores, seja por não constar a pequena errata, seja pela autorização para publicação já estar inclusa na impressão<sup>177</sup>.

Se, em momentos anteriores utilizamo-nos dos poemas de terceiros, que apareceram em sua obra para realizar a divulgação, nosso foco de análise agora provém do que emerge dos textos da própria autoria labetana, porque, frisemos novamente, interessa-nos como uma mulher pontua o seu lugar e enxerga o feminino. Assim, pretendemos perceber não só a condição feminina naquele

---

<sup>174</sup> BLOCH, Marc. **A Apologia da História** ou o Ofício do Historiador. Trad. Lília Moritz Schwarcz. RJ: Jorge Zahar, 2001.p. 72-78.

<sup>175</sup> Autorização dada à publicação.

<sup>176</sup> BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Trad. Plínio Dentezien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. P.148.

<sup>177</sup> Existem três poemas atribuídos a Labé, que datam de momentos anteriores ou pouco posteriores à publicação, todos sonetos teriam sido impressos em obras de amigos.

momento, seus espaços, suas ações, mas entender o que propõe como *seu*, como resiste ao lugar que lhe imputam e busca transformar a categoria, a qual tentam arraigá-la, em outras formatações para pensá-la.

Durante o século XVI, como já vimos, marco temporal conhecido pelas discussões realizadas profusamente em relação às artes, filosofias, ciências, parte do chamado período Renascentista, reflete-se, então, acerca do papel das mulheres em relação à penetração destas nas diversas esferas (política, econômica, religiosa – como é ilustrado por escritos que tratam de alguma forma sobre o assunto).

Como vimos, em tal contexto são concebidas as poesias de amor, as elegias confessionais e o ensaio filosófico *Debat de Folie e d'Amour* de Labé. Os textos ficcionais, em que se poderia muito bem dizer apenas confessionais e apaixonados, apresentam-nos para além dos motivos amorosos, um discurso transgressor e o caráter pedagógico/exemplificante.

As criações ficcionais, conhecidas como mitos da Antiguidade, que tiveram durante o renascentismo uma relevância por sua recente redescoberta e reinterpretações, apresentavam, através dos deuses, histórias que serviram, de uma forma geral, para relatar a experiência humana e os acontecimentos, numa mistura do mítico com as ações (gerando eventos e registrando fatos). Nas formulações míticas residiam aspectos que não correspondiam, por exemplo, a criaturas concretas (como as divindades, inexistentes em carne e osso), mas não podiam ser *ausência* em seus relatos, posto que permitiam certa saciedade sobre a existência, designando parte significativa tanto de seu cotidiano concreto quanto de seus valores culturais, atribuídos aos deuses. Existia na apresentação em poesia e/ou prosa e ao redor dos personagens, independente de coincidirem “exatamente” com o “real”, o mundo do possível, representando o vivido, promovendo uma existência mesclada pelo experimentado e o imaginado.

E, assim, utilizando-se, igualmente, da fala mítica do amor e da loucura para dizer da razão, que Labé inicia sua fala sobre outras conjunturas de sua própria época e das relações que se impõem. Para entender primeiramente o que trata em sua prosa, vamos mergulhar rapidamente sobre o quê, afinal, significam essas alegorias *Folie* e *Amour* e o quê as escolhas de tais figuras devem aos seus (con) textos.

## 2.1 – Loucura, Amor e (des) razão: os usos dos significantes e dos significados

A discussão da razão no mundo era um tema polêmico da época e aparece como pano de fundo na disputa em que são utilizadas as figuras míticas da deusa *Folie* e do deus *Amour* em *Euvres*.

Ao longo do debate conseguiríamos sinalizar a presença dessas figuras em certa direção. As mesmas alegorias interagem com alguns termos mais fortemente: *homme(s)*, *femme(s)* e *Dame(s)*, tornando-se o alvo de nosso interesse e por isso devendo ser historicizada sua utilização, dado que falar sobre amor e loucura foi o mecanismo escolhido por Labé para expressar-se e então será o que nos possibilitará o entendimento sobre a sua linguagem.

*Folie* é, dos termos, a irmã mais nova. Encontrada em escritos que remontam ao século XII, como designação de “*déraisonnable*”, ou tolice, parece ser, literalmente, a ovelha negra da família. Pois dela pouco se fala (ou, no caso, se escreve). É também interessante constatar, já que existe a preocupação com a ideia de razão no ensaio labetano, que, apesar de figurar em escritos desde o século X, a *raison* aparece primeiro com sentido de justo, de direito a algo, mas só se tornaria de amplo uso e igualmente ampla significação a partir do século XVI.

Já a presença de amor ressurge nos textos, com sua gramática original “*amour*”, num escrito do ano de 842 em um sermão de Strasburg, como afeição profunda por alguém e retoma em muitos momentos essa feição fraternal, do amor por Deus. Mas seu significado majoritário é o físico.



Figura 7: Amadeo Berruti, jurisconsulte, évêque d'Aoste, conversant avec l'Austérité, l'Amitié et l'Amour

O breve histórico<sup>178</sup> parece que coincide com a afirmação de que o discurso do racional torna-se o centro de preocupações que perpassa as mentes quinhentistas, seiscentistas e assim por diante. O conceito é ressignificado em diversas ocasiões, gera polêmicas nesse universo que ambiciona se entender em suas feições mundanas. Mas sua discussão traz outros questionamentos sobre os coadjuvantes que são capazes de serem conceituados pela razão, mas que, no ir e vir, também a desordenam<sup>179</sup>.

Georges Duby, em seus estudos sobre a Idade Média, ajuda-nos a historicizar parte do que *falar* em amor quer dizer. Para a época, segundo ele, o amor aparecia de forma ambígua, transcendente, em discursos religiosos, mas sensual, nos casos de *homens* que habitavam fora da instituição Igreja, por isso em seu estudo destriça sobre o amor cortês. O amor que sobrevém de tal formato, revelaria um jogo. Nele, a dama se posiciona no centro de uma disputa, servindo de inspiração a uma juventude celibatária. Os heróis dessa literatura eram os cavaleiros, enquanto as damas poderiam ser vistas como objetos a serem conquistados, já que, ainda que obtivessem certa posição de domínio, faziam parte de um cenário, em que os verdadeiros protagonistas, eram os homens de maior qualidade. Interpretação um pouco questionável, porém, o fato é que o amor não possui nenhuma leveza. É físico. Apresenta-se num jogo que distingue grupos sociais, onde os escritos colocam seus personagens a capturarem as donzelas, não apenas pela força, mas pelas palavras e carícias, e isso designaria as qualidades de um cavaleiro que o distanciaria de um guerreiro boçal<sup>180</sup>. Esse tipo de amor é, portanto, essencialmente carnal.

Rivair Macedo apresenta-nos, em um de seus trabalhos, um viés que complementa esse significado no que diz respeito ao fardo que o amor possui no jogo social, tendo conotação ao mesmo tempo afetiva e jurídica, revelaria “tanto os

---

<sup>178</sup> O breve histórico foi fornecido pelo Centre National de la Recherche Scientifique, que é um centro digitalizado sobre linguística francesa - CNTRL.

<sup>179</sup> No sentido de que seu significado perpassa um universo contraditório em sua conceituação.

<sup>180</sup> DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios**. SP: Companhia das Letras, 1989.

sentimentos recíprocos quanto os compromissos partilhados”<sup>181</sup>.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 8: Ilustração do jovem Amor e Júpiter - Fonte: Bibliothèque Nationale de France – Raimondi, Marcantonio (1480?-1534?) graveur; Raphaël (1483-1520) dessinateur du modèle, 1518.

Entretanto, é possível refletir que o amor da Idade Moderna, ainda que permaneça confundido entre sexo e prazer, traz citações sobre um amor puro, dedicado a Deus, aos filhos, aos governantes, e essa distinção, coordena o amor ao grupo de sentimentos nobres, que são essencialmente controlados pela razão. Claro, essa confusão permanente admite tons que o leva algumas vezes de um rumo a outro.

<sup>181</sup> MACEDO, José R. A luva e o bastão: considerações a propósito da ideia de traição na Chanson de Roland. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 25, p. 89-110, 1999.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 9: Representação de Vênus e Cupido – Fonte: Bibliothèque Nationale de France – Raimondi, Marcantonio (1480?-1534?) graveur; Raphaël (1483-1520) dessinateur du modèle, 1506-1534.

Neste “transitório” período renascentista, mais vasto do que se pode conhecer, há referências numerosas a um deus cupido que, com suas flechas, acerta os corações, como em o *Roman de la Rose*, provavelmente dos escritores Guillaume de Lorris e Jean de Meun<sup>182</sup>. Essa asserção, embora nos leve a lançar a hipótese de que a base da apresentação do personagem *Amour*, no texto labetano, possui influência de leituras contemporâneas a seu período, faz-nos inferir que não são reproduzidas ao acaso, e que essas configurações sobre o amor, designam um laço apertado quanto ao domínio das necessidades físicas nas relações, o que nos ajudará a refletir posteriormente sobre a própria questão do cunho erótico nas poesias de Labé.

<sup>182</sup> RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Exploração de uma Literatura. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.



Figura 10: Ilustração de Le Roman de la Rose: L'Amour enseigne ses règles à l'Amant – Fonte: Bibliothèque Nationale de France, editor: A. Vérard e Galliot du Pré, Paris, 1500.

Ainda, segundo Dominique Barthélemy, é nessa

[...] expressão da afetividade, pelo menos, não [se] poderia encontrar melhor canal. O romance medieval, assim como o de nosso tempo, detém uma parcela maior da realidade (entendendo esta no sentido amplo) do que textos considerados mais "objetivos"<sup>183</sup>.

Ou seja, essas expressões que exaltam o sentimento deixam transparecer a constituição das relações sociais. Alicia Ferraresi, num trabalho que discute as expressões que tocam à poesia, história e música defende que, devido a relação próxima que havia no cotidiano, mesmo das classes mais altas e baixas em seus afazeres - quando participavam dos cerimoniais públicos -, há a possibilidade das produções poéticas darem a ver o processo sócio-histórico que se fundia nesses encontros contidos, mas mistos, onde, através dessa coletivização, as poesias alimentavam-os e alimentava-se deles. Considera, ela, que as palavras sejam imitação de uma experiência afetiva, de um processo psicológico, que ocorrem devido a uma interação, que é sempre alheia ou exterior a um "eu" estático. Assim, por exemplo, quando o rei Alfonso XI, cujas cantigas são um dos objetos de estudo

<sup>183</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. Parentesco. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2** : da Europa feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

de Ferraresi, fala de um “eu” como ator, ao usar um lugar comum da poesia, se integra, implicitamente na coletividade de amantes, claro, ao mesmo tempo, que estabelece sua autonomia a respeito das circunstâncias<sup>184</sup>. Nos seus poemas, que parece falar de um amor profano, mescla-se uma linguagem religiosa de quase mil anos, onde é possível repensar o jogo poético como sendo também uma fala da qual emergem súplicas de compaixão e amor que comete o sacrilégio de desejar o divino ou a resposta redentora<sup>185</sup>. Quer dizer, que há manifestações conjunturais e isto é possível de ser percebido nos contornos de como se dão essas dedicatórias amorosas, representando, em alguma medida, o que é aceito nesses círculos ou comunidades, e permitindo-nos realizar apropriações deste passado em nossa leitura.

Sabemos de algumas poetisas lionesas (Pernette du Guillet, Claudine Sceve, Jeanne Flore, ao lado de Louize Labé) que tiveram também o amor como tema, sendo a caracterização possivelmente variável de narrativa para narrativa. Se elas, muitas vezes, proclamaram uma coletividade para o amor e seus amantes, utilizaram-se da poesia para dizer sobre si, o que é também rebelar-se no caso do feminino.

Já, quanto à discussão sobre o significado e percepção da *Folie*, ela preserva algumas designações em seu sentido atual. Entretanto, se Foucault ressalta a associação deste termo a uma espécie de necessidade de exclusão, remetida pela sociedade moderna tardia<sup>186</sup>, sendo malquista, durante a Idade Média e o Renascimento, há momentos de desespero em que são tidas, as pessoas loucas, como mais sábias que a própria sabedoria. Em tais situações que se pensam tais vozes se posicionando à frente de seu tempo, como que sábios oráculos, capazes de decifrar códigos ocultos e, embora nunca verdadeiramente inclusas, são, essas vozes, em algum momento escutadas<sup>187</sup>.

Ainda, a Loucura possuiria significado, a partir dos estudos de Danielle Régnier-Bohler sobre *Amadas et Ydoine*, de ação contra os costumes ou fuga de

---

<sup>184</sup> FERRARESI, Alicia. **De amor y poesia** en la Espana medieval. Colegio de Mexico: Mexico, 1976. P.10.

<sup>185</sup> FERRARESI, Alicia. **De amor y poesia** en la Espana medieval. Colegio de Mexico: Mexico, 1976.p.24.

<sup>186</sup> FOUCAULT, Michel. Stultifera Navis. In: **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. Ed. Perspectivas: São Paulo, 1978.

<sup>187</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do Antônio Bento. L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.

uma coletividade, isolamento que se realizaria sem motivação ou perigo latente<sup>188</sup>. Ou seja, o que sai do recorrente, o peculiar.

Tais estudos são convergentes, no sentido de que a visão sobre o que seria estar movido por Loucura se equivaleria a ações aleatórias, questionáveis e que, se no período de Labé ainda não são dignas - muitas vezes - de reclusão, sussurram “cuidado”.

Dessa forma, escolher essas figuras para narrar a paixão e a razão, implica não somente pertencer ao polêmico mundo de divagações da época; está-se, com suas escolhas, inserindo-se no discurso tido como intelectual para adquirir voz, e, ao mesmo tempo, burlá-lo, ao usar delas para refletir sobre o que mais lhe toca quanto a exigências e restrições que sofre e ao lugar que pertence, já que o ato de escrever comporta tanto o compartilhamento de signos, que gerem inteligibilidade ao leitor, que o atraiam – e, por isso, vai além do sujeito que escreve – quanto um desejo de persuasão sobre o novo. Persuasão esta, que ambiciona justamente interferência na realidade de alguma forma e necessariamente é poder que se define no jogo (e o redefine) - o qual as forças dinâmicas da sociedade estão sempre tentando regular. Encontrar-se no jogo é mais do que simplesmente filosofar por filosofar (ou, ainda, matraquear ininterrupta ou demagogicamente<sup>189</sup>), é indicar o seu poder, sua glória em *dizer*. São textos que possuem, através do ponto de vista filosófico, como nos indica Imaculada Kangussu, o mérito de apresentar a Loucura sob aspectos que se diferenciam da famosa hierarquia que coloca racional frente ao irracional e, por isso, muito peculiar em relação ao saber “adequado” com a época e assim ainda mais intrigante<sup>190</sup>.

Assim, *Folie* e *Amour* são dois termos que surgem no discurso labetano tanto como motivação para o debate, quanto anúncio de sua temática. Contudo, não são somente isso. Designam estratégias para falar de si, dos amantes, dos sonhos e de sua sociedade. Pensar, participando de certos moldes, possibilitava, ainda que com

---

<sup>188</sup> Quem houvesse fugido de sua cidade, poderia ser tido como louco, já que isso resultava num perigo a si mesmo. Ver: RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Exploração de uma Literatura. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009. (RÉGNIER-BOHLER, 2009).

<sup>189</sup> “Os homens achavam que elas falavam demais, e na primeira fila dos defeitos que os pregadores nelas denunciavam estava a tagarelice”. Ver: DUBY, Georges. Depoimentos, testemunhos, confissões. In: In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998.

<sup>190</sup> Ver: KANGUSSU, Imaculada. A Disputa de Amor e Loucura, segundo Louise Labé. **Artefilosofia**. Ouro Preto, n. 1, p. 56-69, Julho, 2006.

restrições e julgamentos, adentrar na esfera pública e intelectual. Utilizar o saber literário/poético por ser um conhecimento em entrelinhas, leva a lugares que não poderiam ser ditos de outra maneira, podendo fazer conjecturar algo de seu segredo. A breve historicidade de seus elementos faz-nos perceber como se apresentará o destoante e o similar entre seus significantes, sendo possível agora discutir sobre o quê em tais personas colocam-se, e a vontade de reelaborar sua existência e inspirar a mudança a partir disso.

## 2.2 - A Literatura para Resistir

Obviamente, escrever e resistir já estão, de certa forma, atrelados, pelo simples fato de que na escrita reside a vontade de reagir contra o tempo cronológico, independente de necessidade concreta ou abstrata. Seu ato nunca é aleatório frente ao imperativo de resistir contra o fluxo temporal que a todos abate. Conjuga-se, nele, representar parte do que se vê, do que se é, do que se quer.

Há, portanto, na escrita o jogo, mas também as próprias regras redefinidas, as que estão tentando redefinirem-se e, como já observamos, as definições das forças dinâmicas da sociedade que estão tentando mantê-las a seu gosto<sup>191</sup>. É possível chegarmos à questão de que na “regulamentação” de quem pertence ao jogo ou não, o ato de escrever novamente reafirma-se enquanto ato de se rebelar e, igualmente, de denunciar. Encontra-se, nele, agentes que, estando à margem, ou, mesmo, fora de certas instituições (cujo poder, nestas, legitima-se), promovem saberes que interferem subjetivamente.

O discurso dominante da Idade Média formulou muitas narrativas permeadas pela figura feminina. Porém, nelas as mulheres possuem imagens que fazem supor uma necessidade de *controle* sobre elas. Tais produções predominam, justamente, por serem, as mulheres, agentes cuja palavra escrita deve ser negada. Como num círculo vicioso, o discurso ligava-as ao pejorativo e por isso as proibia de transitarem pelo mundo das letras, dizendo que ali não transitavam porque não o sabiam (!). Obviamente que essa proibição, ainda que por vezes baseada em atos de coação física, nem sempre foi obedecida, mesmo quando as condições concretas

---

<sup>191</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento.

apontavam-lhes o caminho do pleno silêncio. Seja através de outras formas para além da escrita (no gestual, no oral, na pintura), a palavra e o saber, que se formava pelos marginais ao poder, nessa sociedade, eram repassados, contados (inclusive, em discursos que as narravam de maneira desfavorável<sup>192</sup>), e as proibições, assim, eram transgredidas. Porém, a fogueira inquisitória incendiou muitos marginalizados, os disputadores do poder, em carne e osso, mas o fez ainda mais para atingir suas almas, vivências e vestígios da pluralidade de saberes e liberdades que brotavam de suas folhas e ações, e isso porque tentou incendiar a resistência e impor seu tempo.

O caminho portanto era de necessária cautela. A base na formatação textual já pode dizer algo além de seu estilo, que possui influências que vão de Platão (quanto à disposição de sua argumentação) à Petrarca<sup>193</sup> – pelos elementos antitéticos dos sonetos <sup>194</sup>-, onde seu texto é produzido através do diálogo entre os personagens. É esse formato bastante estratégico, pois possibilita a exposição de diversos elementos argumentativos, elucidando-os dialeticamente, até expor um resultado, sem que, aparentemente, o próprio narrador seja responsabilizado por tal desfecho.

Concluído “pelos personagens” (obviamente através deles), a forma da narrativa cria a ideia de que a síntese, a qual se encaminhou, é uma solução que se distancia do autor e se desenvolve apenas pelo desenredo da trama, muitas vezes utilizando uma tal conjunção de itens que beira à ambiguidade. Ou seja, seu final aparentemente é exigido pelos personagens, dando vida própria ao texto (podendo afastar-se em alguma medida das considerações ou moral mais direta da qual deveria estar impregnado). Também, através dessa formatação, lembra-nos Kangussu, é possível “superar a dificuldade de se comunicar conceitualmente a

---

<sup>192</sup> Aqui, refiro-me à perseguição às “bruxas”. Entretanto, tal discurso repressor foi também reapropriado, para abrir concessões e, igualmente, referenciar aqueles contra os quais lutavam. No que diz respeito à resistência, ou apropriação de tal discurso para dele mesmo se defender, temos, por exemplo, o caso das bruxas de Salém, que fez propagar aquilo do qual visavam afastar. Além disso, em “O queijo e os Vermes”, Menocchio nos fará saber de tudo aquilo que o poder repressor tentou apagar de saberes pagãos, e quando necessário, se apropriará do próprio discurso da Igreja para uma defesa “oportunista”.

<sup>193</sup> A partir do momento em que houve a tradução lionesa de Petrarca, sua influência entre os escritores ficou evidente. O poeta italiano do século XIV ficou famoso por seus cantos antitéticos de amor, sua contribuição para a renascença literária italiana foi extensa, bem como, influenciou humanistas de outros lugares pela Europa. Um exemplo de utilizações das antíteses petrarquianas é o famoso trecho de Labé: “Eu vivo, eu morro, / Eu me queimo e me afoço”. Ver: Louíze Labé. Soneto VIII. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.115.

<sup>194</sup> KANGUSSU, Imaculada. A Disputa de Amor e Loucura, segundo Louise Labé. **Artefilosofia**. Ouro Preto, n. 1, p. 56-69, Julho, 2006..

experiência de limites. [...] costuma ser mais potente, dada a sua capacidade de produzir afetos, do que argumentos desencarnados”.

Nos papéis estabelecidos por Labé, há elementos, ainda, bastante humanizados no seu panteão de deuses, caracterizados pelo seu conhecimento da cultura greco-romana, através da intertextualidade com algumas traduções contemporâneas, como a de Ovídeo e Platão, ou interpretações de Boccaccio, Petrarca e, mesmo, Roterdã que parecem ser leituras que tiveram influência nos escritos labetanos e são, igualmente, condizentes com as discussões estabelecidas nos círculos lioneses<sup>195</sup>. Porém as referências que Louïze constrói, delimitam papéis um tanto quanto diversos nos dois personagens principais.

Em seu diálogo, se dá a ver como o deus Amor se posiciona como tolo. Já, Loucura, que deveria pertencer, por um senso-comum, a uma postura mais irracional, alicerça suas ações com inteligência e eficácia. Como no trecho a seguir:

Folie: [...] Tu n'as rien que le coeur:le demeurant est gouuerné par moy. Tu ne fces quel moyen faut tenir. Et pour te declarer qu'il faut faire pour com plaire, ie te meine & condui: & ne te Je\*uent tes yeus non plus que la lumiere à \* aueugle.

[...][Narradora:] Folie tire les yeus à Amour .<sup>196</sup>

Tal reflexão sobre os atos de Loucura e o modo como se defende, nos permite perceber que esta personagem não se coloca de modo infundado. Expõe argumentos, que no decorrer do texto, ficam cada vez mais claros, de que essa Loucura deteriora o limite rígido, e considerado nobre, com a razão. Na verdade, Kangussu, que estuda os filósofos modernos e medievais, aponta o quanto Labé se aproxima de Erasmo, já que expõe que as ações “grandiosas” têm entre seus colaboradores tal deusa. Porém, cabe ressaltar que ainda que a autora provoque alguns risos, com algumas falas do personagem em interação com o seu rival, reflete-se que, de fato, a aborda de outra maneira. Há passagens, em seu texto, que não só falam que a Loucura move atos de heroísmo, que por a autora exercer um

<sup>195</sup> Isto se deve à fascinação gerada pelas traduções recentes de seus contemporâneos: como as de Sceve, sobre Petrarca, a de Adrian Sevin, sobre Boccaccio, do livro das mulheres nobres, e à chamada Escola Lionesa, que se trata, na verdade, da própria influência petrarquiana e do platonismo.

<sup>196</sup> Fonte Louïze: Louise Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A: Loucura [diz ao Amor]: Tu não tens nada além que o coração: o resto está governado por mim. Tu não sabes qual meio para ser. E para declarar aquilo que deverás fazer para satisfazer, eu te moverei e conduzirei: e não te servirão teus olhos, não mais que a luz a um cego.[...][Narradora:] *Loucura tira os olhos de Amor* ).

(\*) palavras que não aparecem de forma nítida na impressão de 1555, foram substituídas por *feruent* e *un*, respectivamente, conforme reimpressão de 1556.

caráter militar, não parece apelar diretamente para a zombaria, como ela está presente na própria sabedoria dos indivíduos<sup>197</sup>. Ou seja, é possível perceber que suas afirmações quanto a este personagem ultrapassam as de Roterdã, que apresenta, no fundo, reflexões de cunho satírico e desdenhoso quanto a certos feitos na relação do texto com a sociedade. É uma crítica do quanto esse personagem, e o modo como tal age, permeiam as mentes humanas. A Loucura, em Erasmo, seria sinônimo de ousadia desmedida, de irracionalidade oposta à razão, de perversão, de hipocrisia, entretanto, em Labé, aparece justamente como símbolo de força, de eficácia, de subjacente à própria razão. Em Labé, Loucura tem um diálogo articulado, refletindo não somente sobre os limites do racional, como já foi exposto.



Figuras 11 e 12: Ilustrações do “Des louenges de folie” “De la grande folie des femmes meurs et condicions” e “Medee, Circes, Venus, Aurora et plusieurs sont refformez em jeunesse par la vertu daucuns enchantemens, fontaines charmeset autres choses” respectivamente – Fonte: Bibliothèque Nationale de France, editor: Galliot du Pré, Paris, 1520.

Cremos igualmente que, devido a este personagem ser feminino - se afirmando enquanto Dama e/ou mulher que deve ser respeitada e não ultrajada por jovens presunçosos<sup>198</sup> -, insinua-se, nela, deduções que dizem respeito ao vocabulário da época, sobre um agir mais elaborado da mulher, relatado em Cristine de Pisán (século XV). Mas, dessa forma, ainda que sustente a mulher que trama (o

<sup>197</sup> *Tu as offensé la Royne de hommes, celle qui leur gouuerne le cerueau, coeur & jprit.* Fonte: LouïzeLouise Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. ; p. 19. (T.A.: Tu ofendes a Rainha dos homens, aquela lhes governa o cérebro, coração e espírito.)

<sup>198</sup> *Folie: Ainfi je chatient les ieunes & prefomptueus, comme toy. Quelle temerité ha (19) un enfant de f'adrefier à une femme, & l'iniurier & outrager de paroles: puis de voye de fait tacher à la tuer.* Fonte: Louise Labé. **Euvres**. 1555, p. 18-19. (T.A.: Assim se castiga os jovens e presunçosos como tu: Ah que temeridade uma criança de se endereçar a uma mulher e lhe injuriar e ultrajar com palavras; depois encaminhando-se para tentar, com mácula, matá-la.)

estereótipo de Eva) é igualmente uma mulher “inocentada” que está se defendendo, por possuir a “razão”, pensando por si mesma, lutando e detendo um saber articulado à lógica e racionalidade nas suas ações<sup>199</sup>.

Folie: Laissez moy aller, ne m'arreste point car ce te feroit honte de quereler  
auec vne femme. Et si tu m'eschaufes vne fois, tu n'auras du meilleur.  
[...]Folie: Tu montres bien ton indifcrecion, de prendre en mal ce que ie t'ay  
par ieu:& te mesconnois bien toy mesme trouuant mauuais que ie pense auoir  
du meilleur si tu t'adresses à moy. Ne vois tu pas que tu n'es qu'un ieune  
garçonnet? De si foible taille que quand j'aurois un bras lié, si ne te  
croirois ie gueres<sup>200</sup>.

Como podemos perceber, através da interpretação do que *Folie* fala a *Amour*, seu costume a possibilita dizer ao jovem deus, a quem dirige uma contenda, que se cale, que respeite, dando margem a se pensar a posição de uma mulher em relação ao lugar que ocupa numa hierarquia. Tal interação responde, com certa dose de humor, à questão das relações de poder. Se de um lado existe uma literatura que posiciona o masculino acima do feminino, essa produção e outros estudos contemporâneos, nos permitem pensar como essa sociedade no entorno de nossa escritora funciona em relação a atribuições de papéis. O jovem, perante uma mulher de mesma classe, que em nosso texto é uma deusa, deveria calar-se, já que esta, primeiramente, se proclama mulher, além de mais velha e mais sábia.

É interessante pensar no contorno de ambos na perseguição de nossa análise. A visão de *Amour* como jovem, arrogante e cego, que merecerá a ação disciplinadora que *Folie* impõe a ele, pode ser percebida através de outro escrito de Labé, como características que coincidem com o que cria sobre o estereótipo homem, de seu tempo, já que, em passagem de sua epístola, parafraseando-a, Louíze expõe que os homens se equivocaram, privando as mulheres de obterem acesso ao conhecimento, e que acabarão *envergonhados* por se verem ultrapassados por aquelas que sempre se *pretenderam* superiores<sup>201</sup>. Isto não parece apenas casual. Os termos *envergonhados* e *pretenderam*, remetidos a uma

<sup>199</sup> Que são os principais itens, que como colocado anteriormente, geravam discussões polêmicas, onde eram elencados elementos de discursos diversos, mas que visavam ordenar o feminino em um lugar inferior quanto à sua intelectualidade.

<sup>200</sup> Louíze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. , p. 10.). (T.A.: Folie: Deixe-me ir, não me arraste a este ponto, porque te será vergonhoso brigar gananciosamente com uma mulher. E se tu me exaltares mais uma vez, tu não obterás a melhor. [...])

[...]Folie: Tu montres bien ta falta de discernimento, tomando como mal o que eu te faço por brincadeira: e tu não conheces bem a ti mesmo, revelando maldade quando eu pensei que teria do melhor se tu te dirigisses a mim. Você não vê que você é apenas um jovem garoto? De fraco tamanho que quando eu levantar um braço heroicamente, se não desistires, eu vencerei).

<sup>201</sup> LouízeLouise Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. , p.3-4.

atitude masculina, denotam uma crítica à dominação de então e a uma arrogância sem justificativa. Parece-nos possível que as caracterizações que se imbricam no deus *Amour*, com a similaridade de conteúdo, atuem nessa criação do personagem como estereótipo do masculino de sua época. Na verdade, ao relacionarmos os dois textos de formatos diferentes, feitos pela mesma autora, vê-se que as características de ambos misturam-se com as percepções que tem de sua sociedade : & *montrer aus hommes le tort qu'ils nous faisoient en nous priuant du bien & de l'honneur qui nous en pouuoit venir*<sup>202</sup>. Ou seja, essa imposição pela força, é infundada e são eles, “os homens”, que a cometem. Assim, como Amor, nada lógico, jovem, forte e, pela narrativa, errado, os homens são antepostos a elas, mulheres, na construção de uma identidade, mesmo num outro tipo de testemunho e narrados como presunçosos e tolos.

Na defesa de Loucura, novamente no debate, Mercúrio, seu “advogado”, coloca-se da seguinte maneira:

Ceus qui font des maisons au Ciel, ces geteurs de points, faiseurs de caracteres, & autres semblables, ne doivent ils estre mis en ce reng? N'est à estimer cette fole curiosité de mesurer le e Ciel, les Estoiles, les Mers, la Terre, consumer son tems à conter, getter, apprendre mile petites questions, qui de soy sont foles: mais neanmoins resjouissent l'esprit: le font aparoir grand & subtil autant que si c'estoit em quelque cas d'importance. Je n'aurois jamais fait, si je voulois raconter combien d'honneur & de reputacion tous les jours se donne à cette Dame, de laquelle vous dites tant de mal.<sup>203</sup>

Aqui, vemos como Loucura se relaciona com a produção de conhecimento, ainda que queiram relegá-la a um lugar *desonroso*. A afirmação de que é o ser, geralmente, excluído, que promove tantas realizações, a colocando no seu devido lugar de exaltação, parece coadunar, por conveniência, não com a figura comumente estabelecida à loucura, mas concorrer com o discurso estabelecido em relação ao seu correlato estereótipo de mulher – “*ne deuos nous efre defdaignees pour compagnes tant es affaires domeftiques que publiques, de ceus qui gouuernent & je*

---

<sup>202</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P. 3 (T.A.: E mostrar aos homens os erros que eles nos fazem nos privando do bem e da honra que poderíamos ter.)

<sup>203</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P. 71 ( T.A.: Estes que fazem casas no Céu, que distribuem pontos, que produzem marcas, e outras coisas parecidas, não devem eles ser assim classificados [de loucos]? Nem está a estimar esta louca curiosidade de medir o Céu, as Estrelas, os Mares, a Terra, gastar o tempo a contar, receber, aprender mil pequenas questões que por si só são loucas; mas, ao menos, rejuvenescem a mente, as tornam grandes e cheias de detalhes, mesmo que fosse algum caso sem importância. Eu jamais pararia se eu quisesse contar quanto de honra e de reputação todos os dias se oferecem à Dama, da qual vocês falam muito mal.).

*font obeir*”<sup>204</sup> – e assim concorrer com a fala que solicita maior espaço e confronta-se com a realidade feminina que tem seus papéis desvalorizados, muitas vezes, em relação ao masculino. Corroborar com tal afirmação, o trecho abaixo, em que apresenta um determinado tipo de masculinidade da época, na expressão do que seria o poder do personagem Amor:

Je n'ay que faire de chariots, foudars, hommes d'armes & grandes troupes de gens: sans lesquelles les hommes ne triompheroient la bas, estant d'eux si peu de chose, qu'un [qu'un] seul (quelque fort qu'il soit & puissant) est bien empêché alencontre de deus. Mais ie n'ay autres armes, conseil, munition, ayde, que moy-même. Quand ie voy les ennemis en campagne, ie me presente avec [avec] mon Arc: & laichant une [une] fleche les mets incontinent en route: & est aussi tot la victoire [victoire] gagnée, que la bataille donnée.<sup>205</sup>

Ou seja, o Amor, atento às guerras e às conquistas nos remete, não a uma noção de amor carnal, físico ou, ainda, transcendente, senão, à visão de um lugar majoritariamente pensado como masculino, que é a guerra, uma visão dos homens atrelados ao poder militar, o que faz referência, então, às posturas e ações que se incumbem aos *homens*.

Um dos traços marcantes e que corrobora com a reflexão acima é que a escolha dos deuses que nos são apresentados como pertencentes ao feminino (*Folie*) e ao masculino (*Amour*) correspondem a substantivos que, embora, atualmente, possuam respectivamente essa classificação de gênero, no início da instauração e reforma do francês moderno – como oficial – ainda não estavam claramente assim precisados e podiam ser designados como substantivos neutros<sup>206</sup>. Deste modo, a construção desses personagens na forma que a autora propõe, que os cria como feminino e masculino, não ocorre ao acaso, seja por influência dos escritos da época, seja por afirmar neles certos estereótipos<sup>207</sup>,

<sup>204</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.4. (T.A.: não devemos ser desdenhadas como parceiras tanto nos negócios domésticos quanto públicos, dos que governam e se fazem obedecer.)

<sup>205</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.13. (T.A.: Eu não usei carruagens, soldados, homens com armas e grandes tropas - sem as quais os homens não triunfariam lá embaixo, estando eles com cada coisa, que um só (por forte e poderoso que seja) começaria bem um combate com deus. Mas eu não possuo outras armas, conselho, munição, ajuda que a minha mesmo. Quando eu vejo os inimigos em campanha, eu me apresento com meu arco e lançando uma flecha os coloco em incontinente rota, e é assim que toda a vitória é ganha, que a batalha é oferecida).

<sup>206</sup> Ver: CÔRREA, Roberto A. & STEINBERG, Sary H. **Gramática da Língua Francesa**. 3ª Ed. e 3ª tiragem. Rio de Janeiro: FAE, 1990. P. 34

<sup>207</sup> Estereótipo, aqui, refere-se a imagens simplificadas de objetos sociais - algo como uma caricatura. Embora, o estereótipo esteja geralmente associado a uma atitude negativa, cabe salientar que pode ser tratado como o estabelecimento de atitudes ou comportamentos padrões nos

podemos concluir que tal construção não é acidental ou “natural”<sup>208</sup>.

Seria possível, então, a partir deles, pensar que se trata de um retrato da sociedade pintado por Labé? Segundo Sandra Pesavento, isso só poderia ser afirmado através do que ela chama de um jogo de espelhos. A meu ver, porém, esse jogo com os diversos testemunhos da autora (epístola e *Debat*) apresenta um menor diálogo, mas deve ser um pouco diferenciado visto que não se pretende estabelecer o real, nem dispomos de tantas fontes de mulheres para que algo disso fosse possível, mas, nesse item, propusemos conjecturar alguns elementos que habitam o imaginário da autora e que por lá estarem designaram algumas feições culturais que nela habitam, ainda que não tão bem delineada, mas que não se poderia dizer circunscrito a apenas ela. Como poderes que emergem, como ideias que se modificam, e não se sabem bem sua origem, apenas se pode dizer que suas falas podem ter pairado sobre agentes nesse tempo.

Já encaminhando-se para o final do *Debat*, podemos refletir sobre o rumo apresentado pelo deus Jupiter, realizador do banquete e juiz da contenda, na narração:

Pour la difficulté & importance de vos differens, & diversité d'opinions, nous avons remis votre affaire d'ici à trois fois, sept fois, neuf siecles. Et ce pendant vous commandons vivre amiablement ensemble, sans vous outrager l'un l'autre. Et guidera Folie l'aveugle Amour, & le conduira par tout ou bon lui semblera<sup>209</sup>.

Jupiter, embora não optando por estabelecer reús e vítimas, afirma, parecidos, uma preponderância da Dama, já que é ela quem direcionará o Amor pelo resto da eternidade. A essa discórdia, que parece assumir, por vezes, tons de desentendimentos entre amantes, relacionamos às figuras *genderificadas* que tal

---

quais se incide a visão de determinados grupos de indivíduos e seus elementos, tendo por base uma generalização. Obviamente, nem sempre condiz com as especificidades das múltiplas realidades. A formação e reprodução dos estereótipos girariam em torno, então, do imaginário dos indivíduos sobre os elementos de sua sociedade.

<sup>208</sup> Principalmente a partir dos anos 1970, com contribuições diversas de estudos realizados pela Escola Canadense de Tradução, começa-se a pensar a linguagem como lugar de influência na produção e reprodução de hábitos, em relação, inclusive, à exclusão social e política das mulheres, percebendo-se que “através de sua escrita [da linguagem], de sua produção literária interveem no seio mesmo da instituição patriarcal, de seus símbolos e de seu imaginário, pois a língua, enquanto instituição ‘é um local de exercício de poder e o alvo de ataques de facções’”. Ver: DÉPÊCHE, Marie-France. As teorias feministas da tradução e suas práticas subversivas. In: CARVALHO, Marie Jane; ROCHA, Cristianne. (org.). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

<sup>209</sup> Louíze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Pela dificuldade e importância da contenda entre vós, e diversidade de opiniões, submeteremos vosso caso daqui a três vezes, sete vezes, nove séculos. Durante isso, ordeno a viver amigavelmente juntos, sem ultrajar um ao outro. E guiar, Loucura, o cego Amor, e o conduzir por tudo ou o bom que a eles parecer.).

desfecho permite inferir sobre os desafetos *Folie* e *Amour*, alegorias que afirmam seu poder baseados em roupagens que se travestem do feminino e do masculino, por vezes, até subvertendo-as e reinterpretando-as. Advindo de um tempo que trata da querela dos sexos, pode mais profundamente insinuar a subversão implícita da sociedade em que Labé se situa, visto que a transgressão aqui não só é exposta pelo fato de ser a autora a se afirmar em um mundo patriarcal, mas a defender o poder de uma alegoria feminina que gera a sobreposição dela quanto a um deus que muitos julgariam governar o mundo.

Em uma análise quase irônica, elaborada por Jacques Derrida, em “História da Mentira”, a ficção (quando percebida enquanto “irrealidade”), assim como a mentira (enquanto falsidade) tornam-se objetos que são passíveis de dar igualmente significado ao passado. A mentira, quando definida como algo que é ausência de não-coincidência com a realidade, ocorreria quando se tem a necessidade de melhorar uma determinada condição. Podemos, a partir desse pressuposto, refletir que se algo de inverdade surge, faz parte de uma aspiração para que uma determinada condição seja melhorada ou, ainda, para fugir dela – no caso, um final que diz que decide pelo feminino superior ao masculino -, levando-nos a uma conclusão do que a realidade foi, pela própria ausência daqueles elementos, que revelar-se-iam as potencialidades de vivência. As mentiras e as ficções são igualmente capazes de apresentarem sensibilidades, sociabilidades e oportunidades dentro dos limites sociais e as modificações a que os agentes estão dispostos. São ambições, lutas, e por tratarem-se de códigos compartilhados, pensamentos plausíveis e, em determinados momentos, tangíveis.

O final proposto pela autora à disputa, além das riquezas e reflexões filosóficas que traz de maneira bastante elucidativa através do mítico, sobre os sentimentos e costumes, faz perceber, também, na concentração e na preponderância que dá à Loucura, a sua proposta de um outro lugar ao seu gênero. Será ela quem *conduz* o jovem deus. O que, em primeiro lugar, afirma uma outra feição social, quanto ao ser inferiorizado, mas que é capaz de diversas proezas e sabedoria, opção melhor e mais cabível, visto a incapacidade de enxergar daquele tão pretensioso deus. Por outro lado, afirma também que não é dessa forma que sua sociedade materializa as normas, o que deixa claro a partir da demonstração de seus descontentamentos, que analisamos em algumas já citadas passagens.

Seria sua poesia que estaria ainda mais acentuada por outros elementos de denúncia e transgressão que parecem também apontar para essa elevação e reconstrução da figura da mulher no conjunto social. A construção do amor e dos questionamentos que por ele perpassam indica-nos as suas condições e colaborará, a partir de agora, para explicitar que lugar é esse que cabe às mulheres.

## 2.3 – O poético para denunciar

É nesse contexto que, por certo discurso institucionalizado, havia sido marginalizada as atividades de diversos ofícios realizados pelas mãos de uma mulher - como é possível constatar nos julgamentos que se remetem a Labé, ou sobre as exclusões ocorridas, no caso das parteiras, em relação à matéria médica. A visibilidade dessa rejeição, norteadas por um discurso fantasioso sobre a inteligência feminina, pode ser percebida dentro do âmbito da produção intelectual, que constrói, ao mesmo tempo que reproduz, determinados tipos de saberes em relação às mulheres da época. Em parte, isso teve influência do próprio pensamento greco-romano do período, pois corroborou não só com sedimentações filosóficas como também com sedimentações sobre a representação da mulher. Aristóteles, um dos filósofos mais reconhecidos e utilizados, até hoje, teve seu prestígio no Renascimento tanto pelas percepções da lógica e métodos, quanto para justificar discursos que inferiorizam o feminino<sup>210</sup>.

Porém, esse é o mesmo contexto em que se inserem a *querelle des femmes*<sup>211</sup>. Ou seja, as polêmicas discussões que se direcionavam às disputas dos

---

<sup>210</sup> Suas considerações bastante negativas sobre a participação, inclusive, quanto ao ato da reprodução (a qual, sem base empirista qualquer, diz ela ser apenas a caixa onde se armazena o fruto do ativo macho), são o carro chefe para teólogos e outros intelectuais que optam por manter o *status quo* da mulher relegada à subordinação e sujeição à sociedade.

<sup>211</sup> Arlette Farge e Natalie Zemon Davis, em sua introdução no livro a “História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna”, levantam essa questão, discorrendo sobre o que se convencionou chamar de *Querelle das Mulheres* ou dos sexos como explicita, também, Margaret King, em seu livro sobre as Mulheres Renascentistas e suas buscas por espaços. Tais passagens expressam, de forma direta ou indireta, como o tema do papel das mulheres foi amplamente debatido no final do século XVI e durante o século XVII (Ver: DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991.). Antes mesmo desses períodos, é possível ouvir a voz desafiadora de Cristine de Pisán, por exemplo, ecoando e perturbando os contemporâneos, e, de alguma forma, até mais tardiamente, nos discursos de escritores iluministas - como Rousseau, por exemplo, e seu interesse sobre a educação (Ver: KING, Margaret L. **Mujeres Renascentistas. La búsqueda de**

lugares dos sexos. Nesse sentido, as mulheres<sup>212</sup> (cujos estudos literários apontam estarem mais familiarizadas, em seus textos, com poemas e debates) assumiam ainda que implicitamente, um lugar de afirmação de identidade<sup>213</sup>.

Em termos de alcance ao conhecimento filosófico, estas discussões fazem surgir aberturas em determinados ambientes e irrigaram, a nível literário, classes altas, corroborando com uma conturbação do pensamento, na qual reexaminou-se, mesmo que com os fervorosos argumentos contrários, o papel da "Mulher"<sup>214</sup>.

Tal fato, não muito bem quisto, provocou debates que visavam, por vezes, uma redefinição de papéis, ao mesmo tempo, que fez constatar, apesar de muitas reticências pelos silêncios mal explicados e restrições impostas, a presença nada ínfima de algumas vozes femininas, tanto na política - a Alta Corte com suas monarcas, importante poderio para realizar manobras do seu interesse e, ao menos, embaralhar uma imagem coletiva das mulheres – quanto, igualmente, pensando a

---

**um espacio.** Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993).

<sup>212</sup> Entre as quais, como citamos, temos Christine de Pisán, buscando seu espaço diante do público, durante o século XV, participando da querela e difundindo sua produção por muitos lugares e, mais interessante ainda, recebendo proventos para sustentar sua família, a partir de seus textos. Ver: SCHWEINBERGER, Maria L. T. **A mulher no espelho de Cristina - estudo das representações femininas no final da Idade Média (Séculos XV E XVI)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Niterói/Marechal Cândido Rondon; 2002.

<sup>213</sup> Contudo, esse olhar sensualizado das mulheres foi percebido, em determinados estudos, como uma “absorção” da masculinidade na escrita e, então, as mulheres descrevendo-se como sujeitos, em suas construções textuais, tiveram suas identidades questionadas, especuladas se não seriam homens. Como se as categorias de gênero fossem estanques e o sexo fosse remetido a elas diretamente, conectados a uma e outra forma de maneira intrínseca. Ou seja, o gênero feminino adjacente a ser mulher, bem como o masculino a ser homem, e eles não se interseccionam e se definem por si mesmos, inclusive, na escrita. Segundo Huchon: "Il semble que certains sonnets de Louise Labé ne doivent pas être lus au premier degré, mais comme parodies". Entretanto, como salienta Bruno Vasselín, porquê isso seria sinal da inverdade quanto a sua autoria? Não poderia ela ter utilizado-se do cômico, do exagero, da inversão, não para demonstrar como a sua realidade funciona, mas como reivindicação de uma possível e melhor realidade. É enfadonho que as coisas sejam colocadas desse modo, e as mulheres tenham de, por conduta intelectual, se expressarem como objeto de desejo, como se não bastasse isso nas representações dominantes no universo literário. Aquelas fontes, justamente diferentes destas, podem expressar a existência em conflito com as interdições, trazendo dentro de si as expectativas e os retratos de outras vivências para além da visão euro-hegemônica tradicional, apesar de não significar que isso seria um texto fora do tempo. Para saber mais sobre a questão da literatura e de suas linguagens ver: ROGER-VASSELIN, Bruno. La Parodie chez Louise Labé. In: **Sèizeme Siècle**. 2006, nº2. p.111-130; ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. Prefácio. In: **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007; DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. Ago 1996, vol.10, no.27, p.7-39; MARTIN, Daniel. Louise Labé est-elle « une créature de papier » ? **RHR (Réforme, Humanisme, Renaissance)** 63, déc. 2006, p. 7-37; HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une Créature de Papier**. Genève: DROZ, 2006; WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 7, 1994, pp. 21-48, entre outros.

<sup>214</sup> Destaco que esse uso é proposital, posto que hegemonicamente ocorria um estereótipo bastante forte na época: a Eva, absorvida e substituindo aos poucos a ideia de mulheres (servindo como seu estereótipo unívoco), e, como nos traz Daluran, fazendo incutir a “necessidade” do controle delas.

cultura, a ciência e os sentimentos, como foi o caso de muitas jovens poetisas e filósofas italianas, francesas, dentre elas, é claro, Louïze Labé.

Algumas escritoras conseguiram colocar suas narrativas ao lado das dos homens, cujos escritos de uma maneira, nem sempre positiva, as evocavam. Variando suas estratégias, umas atentaram para textos mais espirituais, que, de alguma forma, além de demonstrarem uma grande sensibilidade e reflexão diante da sua conjuntura, traziam um testemunho de sua vivência e, assim, disputavam um espaço com o masculino, optando pelo trabalho conectado à Igreja. Segundo Maria Schweinberger,

Mulheres religiosas durante este século e o seguinte também receberam boa instrução. [...] autoras de escritos místicos estavam bem equipadas em “faculdades intelectuais” e tinham excelente formação teológica, na maioria das vezes. Entre elas, destacam-se no “... século XII, Hildegarda de Bingen; depois, nos séculos XIII e XIV, Beatriz de Nazaré, Hadewijch, Matilde de Magdeburgo, Margarida d’Oingt, e outras ainda, muito conscientes, parece, do seu poder de escrever<sup>215</sup>.

Instruídas, o discurso religioso possibilitava um mecanismo possível para se inserir no mundo das letras sem esmagadora rejeição. Suas interpretações evocavam outras formas de se relacionar, entravam em contendas e defendiam direitos, mesclando o religioso e o político, promovendo, dessa forma, seus próprios relatos de vida, confissões, e podiam existir por toda a cristandade, ainda que numa escolha estética inesperada, como na forma de livros de orações, por exemplo.

No entanto, o debate entre *Folie* e *Amour*, bem como, as poesias e outras partes da compilação *Euvres*, fazem parte de um outro tipo de iniciativa. Vejamos a seguir:

[...] non dedaigner la gloire, & s'en parer pluſtot que de chaines, anneaus, & ſomptueus habits leſquels ne pouuons vrayement eſtimer notres, que par vſage. Mais l'honneur que la ſcience nous procurera, fera entierement notre [...] ie ne puis faire autre choſe que prier les vertueufes Dames d'eſleuer vn peu leurs eſprits par deſſus leurs quenoilles & fuſeaux<sup>216</sup>.

A postura tomada na dedicatória, afirma com seriedade um pedido que é endereçado tanto a Mademoiselle Clémence, quanto às virtuosas Damas, todas mulheres: que obtenham a honra e glória. Essa proposta que tem um público-alvo definido dirige essas duas palavras como anseio a ser saciado por esse público. A

<sup>215</sup> *Ibid.* p.32.

<sup>216</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.3 (T.A.: [...] não desprezem a glória, e adornem-se com ela, mais que com colares, anéis e luxuosos vestidos (os quais nem são verdadeiramente nossos a não ser por seu uso). Mas a honra que a ciência nos proporcionará será inteiramente nossa [...] Eu não posso fazer nada além de rogar às virtuosas senhoras de elevar um pouco suas mentes por cima de suas rocas, fusos.)

honra e glória, geralmente atreladas ao masculino, vistas inclusive como sua inteira propriedade<sup>217</sup> - percebidas como aquisição bem-quista aos homens, mas desimportante às mulheres, visto que a dicotomia da época percebia as mulheres como *atribuidoras* de honra ou prisioneiras do discurso desvirtuante – transformam-se pelo alcance a essa esfera em nova ambição das mulheres<sup>218</sup>. Ambos os termos, como dissemos, relacionando-se etimologicamente ao espaço dominado pela figura masculina, *honneur* ao campo, aos deveres para com o senhor feudal (séc. IX), e *gloire* ao divino, são reivindicados, séculos depois, como conquista para si – Labé enquanto escritora - e às mulheres, incentivando a uma reapropriação pela pronúncia feminina, que deseja se impor a esse novo espaço. E nisso, Labé almeja se fazer pedagógica num sentido prático, ela escreve e visa motivar outras a fazerem o mesmo. Como podemos perceber no trecho a seguir:

Si l'euffe eſté tat fauorifée des Cieus, que d'auoir l'eſprit grand affez pour comprendre ce dont il há ù enuie, ie ſeruirois em cet *endroit plus d'exemple que d'amonicion*. Mais ayat paſſé partie de ma ieuneſſe à l'exercice de la Muſique, & ce qui m'a reſté de mon entendement, & ne pouuant de moymeſme *fatiffaire au bom vouloir que ie porte à notre ſexe*, de le voir non em beauté ſeulement, *mais en ſcience & vertu paſſer ou egaler les hommes*<sup>219</sup>[...]. [grifos meus]

Embora a autora apresente uma fala de humildade perante seu feito, o desejo ao realizar tal incursão é que sua atividade encoraje outras mulheres a repetirem o feito e que demonstrem que são melhores ou iguais aos homens. Assim, ela conclui em sua dedicatória: [...] *vous inciter & faire venir enuie en voyant ce mien euure rude & mal bati, d'en mettre en lumiere vn autre qui foit mieus limé & de meilleure grace*<sup>220</sup>. Embora endereçada a um remetente específico, outras passagens se somam a esta que está na segunda pessoa do plural no trecho apresentado, demonstra o afincamento de que sua obra seja um estimulante para as outras damas<sup>221</sup>.

<sup>217</sup> HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une Créature de Papier**. Genève: DROZ, 2006. P.236.

<sup>218</sup> Elisabeth Badinter ajuda a pensar, quanto ao século XVIII, esses sintomas da ambição, sempre tida como de pouco valor quando toca ao feminino.

<sup>219</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.4 (T.A.: Se eu tivesse sido favorecida pelos Céus, para ter o espírito suficientemente grande para compreender o que me foi enviado, eu serviria aqui mais de exemplo do que de advertência. Mas eu dediquei parte de minha juventude ao exercício da música, e isso tomou meu entendimento, e não poderei eu mesma satisfazer a vontade que encarrego a nosso sexo, de o ver não pela beleza, somente, mas em ciência e virtude ultrapassar ou igualar-se aos homens.)

<sup>220</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P. 7. (T.A.: [...] vos incitar e fazer enviar, vendo esta minha obra rude e mal construída, a expor uma outra que seja melhor polida e de melhor graça.)

<sup>221</sup> Há, ainda outras passagens que enfatizam esse desejo e mesclam-se à delimitação de uma identidade de um grupo de mulheres a evidenciar seu coletivo: "*doiuent employer cette honneſte liberté que notre ſexe ha autrefois tant deſiree*"; "*au bom vouloir que ie porte à notre ſexe, de le voir*

Além do caráter de incitar o grupo de leitoras a participarem de um processo de elevação do sujeito feminino, o que já era *ambiguamente*<sup>222</sup> pensado - pois, de certa forma, com mais “nãos” do “sims”, o momento de *querella* ajuda a revelar esse processo - Labé esmiuça um outro desejo no trecho acima, o de ver o seu “sexo” não se ligar à beleza somente, mas à ciência e à *virtus* passando ou se igualando aos *homens*. Neste processo de construção de novos agentes na promoção do saber, melhor ainda, na *produção* do saber, Labé reafirma uma identidade, que se constrói em oposição a um outro, os homens. Ao analisarmos seu texto, há diversas situações em que *femmes* – mulheres - ou seus sinônimos (damas, “eu”, escritora) aparecem situando-se ou em oposição aos *hommes* ou em hierarquia, além das caracterizações que trabalharemos mais adiante. Isso ocorreria, segundo Kathryn Woodward, pois:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. [...] Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais<sup>223</sup>.

Assim, Labé retraça a diferença entre o feminino e o masculino, resta saber se essa diferença se produz, em um sentido pleno, com coerência no resultado do lugar que a figura de gênero deseja assumir. Num primeiro momento, parece-nos, identificar e solicitar que o grupo no qual se situa como superior, como em nossa análise sobre o *Debat*. Mas isso não quer dizer que o feminino será concluído da mesma forma, passemos, nesse momento, para a análise de suas poesias<sup>224</sup>.

---

*non em beauté feulement, mais en science & vertu paſſer ou egaler les hommes”; “ie ne puis faire autre choſe que prier les vertueufes Dames d’eſleuer vn peu leurs eſprits par deſſus leurs quenouilles & fuſeaux”; etc. E todas essas passagens constam na “declaração de intenções” de seu livro de poesia e prosa, ou seja, nas primeiras páginas e no momento de maior objetividade de seus escritos. Louiſe Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. Pg. 3-4.*

<sup>222</sup> Os argumentos obviamente utilizavam-se do misticismo e das mesmas figurações da mulher enquanto santa ou pecadora, para defesa ou ataque ao grupo, o qual encarregam de vestirem-no desses arquétipos, o próprio Jean Calvin, possui essa ambiguidade nos escritos, bem como, Agrippa realiza através do discurso religioso, a defesa das mulheres.

<sup>223</sup> WOODWARD, Kathryn; *et al.* **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. P. 39-40.

<sup>224</sup> As mulheres são tratadas, em algumas passagens, opostas ao masculino e numa hierarquia superior, porém, ao referenciar o mundo feminino habitual parece desdenhá-lo em suas caracterizações. Por exemplo, na passagem: “*non dedaigner la gloire, & s’en parer pluſtot que de chaines, anneaus, & ſomptueus habits: leſquels ne pouuons vrayement eſtimer notres, que par vſage.*” Os itens citados representam uma fala que pontua as frivolidades de então, da qual está a acusar as outras damas, como se tais vaidades fossem dignas de uma pequena repreensão.

## a) A relação “da Outra” com o Mesmo

*Baise m'encor, rebaise moy & baise:  
Donne m'en un de tes plus savoureux,  
Donne m'en un de tes plus amoureux:  
Je t'en rendray quatre plus chaus que braise*<sup>225</sup>.

No trecho do soneto XVIII, podemos notar que a escritora faz uma declaração muito calorosa envolvendo o tema do amor. O poema da epígrafe, particularmente polêmico até os dias de hoje, faz parte de um caminho que reivindica a liberdade do corpo para amar. Mas percebe-se no trecho do poema um amor carnal, que pelos atos de doar-se e de implorar, sugerem o desejo. Ao mesmo tempo, parece-nos uma atitude de coragem, frente a uma sociedade que projeta o desejo apenas a um gênero, sendo misógina na maioria das vezes. Como já vimos, o amor pôde ser a conotação de diversos significados e mensagens, embora a arte de cantar o amor mundano tenha sido geralmente produzida pelo masculino. Dessa forma, implica coragem e libertação. Um ato enviesado, que se abisma poeticamente.

A expressão da relação com o outro, se dá de forma ainda mais impressionante: embora os primeiros versos insinuem a passividade em ser, a autora, beijada (indicado por sofrer a ação do verbo), ao fim o termo *je* (“eu”) ressurge e toma a ação, comprometendo-se na iniciativa. Símbolos de uma relação mais direta entre o ser e o mundo, exercer a ação e apresentar a si através da palavra é impor-se enquanto sujeito, reconhecendo-se tanto como criadora, quanto responsável e, projetando-se para fora da esfera que diminui suas redes de ações.

A insinuação feita por Labé a uma ação é um tipo de interação textual que se afirma como prática naquele momento, como poderíamos ver através de outra contemporânea. Dez anos antes, a também lionesa Pernette du Guillet, produz textos que articulam sua afirmação perante o patriarcado. Conseguimos conjecturar algumas relações sociais mais facilmente, como alianças e o uso de um ponto de vista erotizado, a projeção da relação do corpo da mulher para com o amante, tomado, este, então, como objeto, dentro de certos limites que se impõem a isso.

---

Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P. 3. (T.A.: [...] e sem desdenhar a glória, e se adornará mais do que com colares, anéis e suntuosos vestidos, os quais nem podemos verdadeiramente estimar nossos, que por seu uso).

<sup>225</sup> Fonte: Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Beija-me ainda, rebeija-me e beija;/ Dando-me um dos teus mais saborosos,/Dando-me um dos teus mais amorosos./ Eu te devolvarei quatro mais quentes que brasa).

Vejamos uma elegia de Pernette du Guillet:

Là, quand j'aurais bien au long vu son cours,  
Je le laisserais faire à part ses discours :  
Puis, peu à peu de lui m'écarterais  
Et toute nue en l'eau me jetterais :  
Mais je voudrais, lors, quant et quant avoir  
Mon petit Luth accordé au devoir,  
Duquel ayant connu, et pris le son,  
Il entonnerais sur lui une chanson  
Pour un peu voir quels gestes il tiendrait :  
Mais si vers moi il s'en venait tout droit,  
Je le laisserais hardiment approcher :  
Et s'il voulait, tant soit peu, me toucher,  
Lui jetterais - pour le moins - ma main pleine  
De la pure eau de la claire fontaine,  
Lui jetant droit aux yeux, ou à la face<sup>226</sup>.

Nesta estrofe transparece toda sensualidade do poema, ao mesmo tempo, que esclarece a relação física-emocional da autora. Transfigurado em *luth* e musicalidade, o amante brota com sua sexualidade. No entanto, o jogo sexual não se produz de forma receptiva. A autora nega-o, limita-o, podendo demonstrar, com isso, a interdição. Possivelmente esta é evocada pela própria função da poesia, que é ser recitada em público, e assim a censura estaria a postos<sup>227</sup>. Mantém-se, assim, a distanciar-se de tal relação sensual. Não deixa, no entanto, de fazer da negação uma forma de dizê-lo, de contá-lo, mesmo que esteja atravessado pelo disciplinamento de seu corpo, devido àquele plano social que está a demarcar. Afinal, como defenderá, outrora, não seria, se ocorresse o contrário, condizente à sua honra e a sua conquistada ou almejada autonomia. E, assim, se afirma a punição, e de forma similar, reafirma a ousadia, onde sua negativa vem acompanhada de uma reação agressiva, que demonstra a resistência a tal excesso (*lui jetant droit aux yeux, ou à la face*). Ou seja, está presente tanto a força, quanto o interdito da fala, do querer, do desejar, demonstrando, talvez, o lugar ambíguo que habita.

Falar de um amor carnal é, portanto, com o conteúdo que possui sinuosas e diversas conotações, revelar um amor passionai mas vibrante e, em muitos sentidos,

---

<sup>226</sup> Pernette du Guillet. **Rymes**. Lyon, 1545. Elegie II. p. 35. (T.A.: Lá, quando eu vi ao longo de seu curso , /Eu o deixei em seus discursos :/ Depois, pouco a pouco, dele me afastei;/ E toda nua na água mergulhei;/ Mas eu queria , após, quando e como eu desejasse /Meu alaúde afinado em seu dever, /Pelo qual conheci, e aceito o seu, / Ele entoa sobre si uma canção / Para um pouco ver quais gestos faria; / Mas se a mim ele estivesse vindo firmemente / Eu o deixaria audaciosamente se aproximar:/ E se ele quisesse, nem que seja um pouco, me tocar, /Jogá-lo-ia pelo menos a minha mão inteira / De pura água da clara fonte / Jogando-lhe direto nos olhos ou no rosto.)

<sup>227</sup> Ver: FERRARESI, Alicia. **De amor y poesia** en la Espana medieval. Colegio de Mexico: Mexico, 1976.

daí insurgir-se contra o valor religioso de continência do corpo. Através disso expõe-se um empoderamento: é a escritora que olha, que observa, que deseja e que se direciona ao masculino<sup>228</sup>. Lugar estimável esse o da poesia, forma escolhida ou possível aos "subversivos", pois é, nessa configuração, que se pode cruzar limites sociais que se apresentam quase sempre tão rígidos aos anseios de dar uma narrativa plenamente exposta e coesa, mas ao mesmo tempo por vezes limitadora<sup>229</sup>. Nesse sentido, poderíamos refletir um pouco sobre as posturas assumidas por Labé, a partir do poema abaixo:

O beaus yeus bruns, *O regars destournez,*  
O chaus soupirs, *ô larmes expandues,*  
[...] *O tristes pleins, ô desirs obstinez,*  
[...] *O pires maus contre moy destinez.*  
[...] *Tant de flambeaus pour ardre une femmelle!*  
*De toy me plein, que tant de feus portant,*  
*En tant d'endroits d'iceus mon coeur tatant [...]*<sup>230</sup>. [grifos meus]

A autora apresenta um relato das ações e da aparência que o outro, objetificado, toma para ela enquanto observadora. Ele está do outro lado e ela, seu corpo, é quem possui a fonte do desejo e *obstinação* pelo amado. Se posicionando como contempladora e não como contemplação, repassa seu "atrevimento" mesmo a excluir sobre as intempéries de amar. O amor confessado, não correspondido, é um amor quase *repreensível*, clamado pelo seu corpo.

Mas é possível se traçar aqui não somente seus projetos. O que denuncia sobre as suas privações, transgressões e até das sujeições surte efeito na luta por formatá-lo, pois embora o texto não suporte a concretude, os signos que seleciona e compartilha, e mesmo os valores em suas construções, permitem falar de sua contemporaneidade, sendo possível vislumbrar os aspectos sociais<sup>231</sup>. Mesmo tendo em vista a ausência do fenômeno em si, há qualquer coisa além de uma

<sup>228</sup> Tratando do amor, trataram igualmente das restrições a que seus corpos se submetiam ao amar e ao lidar com o desejo.

<sup>229</sup> Segundo Ruolz: "Jamais les poètes ne furent si favorisés que sous le Règne de Henri II et de ses enfans, et jamais la Poésie ne fut si tendre, si passionnée, ni moins retenue dans ses expressions; fâcheux, mais inévitable effet de l'exemple que donne une Cour, dont l'esprit et le goût régie infailliblement celui de tous les Sujets". RUOLZ, M. **Recherches**: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746). Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Âymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França. p. 26.

<sup>230</sup> Fonte: Louíze Labé. Soneto XXI. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Oh belos olhos castanhos, oh olhares desviados / Oh calorosos suspiros, oh lágrimas espalhadas, / [...] Oh tristes queixas, oh desejos obstinados, / [...] Oh piores maus contra mim destinados. / [...] Assim em chama arde uma donzela! / De ti me farto, que assim fogo portando, / Em muitos lugares deste meu coração tocando, [...]).

<sup>231</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro; 2006. P.25

representação abstrata, que serve apenas ao autor. Os costumes, expressões, além de disposições introjetadas nos indivíduos, apresentam-se nas entrelinhas e são características de sua sociedade. Dessa forma, Labé também pôde apresentar-nos um quadro mais revelador, embora menos otimista, sobre o jogo do que pode ser dito, o que é conhecimento, e a maneira pela qual a mulher, apesar de invadir tal limite, deve portar-se em tal esfera - de maneira humilde e temente aos olhos de seus leitores - através do seguinte trecho:

Ne reprenez, Dames, si j'ay aymé:  
Si j'ay senti mile torches ardentes,  
Mile travaus, mile douleurs mordentes:  
Si en pleurant, j'ay mon tems consumé,

Las que mon nom n'en soit par vous blamé  
Si j'ay failli, les peines sont presentes,  
N'aigrissez point leurs pointes violentes:  
Mais estimez qu'Amour, à point nommé [...] <sup>232</sup>.

Conforme o fragmento, Labé exprime um receio por sua própria honra, pelas críticas e interdições que podem advir dos pares, dada a vivacidade de suas opções, atitudes e paixões. Esse temor se deve tanto a situações de sua vida amorosa – demonstradas em “se eu ameï” -, quanto ao ato da escrita, nos trechos “mil feitos” e “nem amargurem... mas estimem o amor aqui apontado”. Interdições, portanto, ao corpo e a sua pronúncia, que se capta pela demonstração do temor de que sejam atos incompreendidos, censurados. A autora, com o soneto, de antemão se desculpa com as Damas – as quais, por sinal, em diversas passagens da obra, convida a participarem<sup>233</sup> - e exorta-as a estimar o que o amor oportunizou, não devendo, portanto, culpá-la. A posição que ocupa, enquanto escritora mesmo, e a relação que expõe, através de suas enunciações que vão além da fala de teor religioso - como era o parcialmente permitido às mulheres que desejassem escrever -, é pronúncia que arrisca duplamente sua honra, mas que nela resiste e que por isso teima em falar. Ousada, tais expressões falaram, também, implicitamente, das disposições que se impuseram à mulher que escreve – o que transparece, sobretudo, por falar de suas aventuras e desventuras amorosas - e, por isso, no trecho que analisamos,

<sup>232</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. Sonet XXIV. (T.A.: *Não repreendam, Damas, se eu ameï/ Se eu senti mil tochas ardentes, / Mil feitos, mil dores mordiscantes/ Se chorando meu tempo consumiu-se / Ah que meu nome não seja por vós culpado / Se eu falhei, as punições são presentes, / Nem amargurem a expressar suas opiniões violentas,/ Mas estimem o Amor, aqui expressado*).[grifos meus]

<sup>233</sup> Cito, entre outras: *Et fi quelcune paruiet en tel degree, que de pouuoir mettre fes concepions par efcrit, le faire fongneufement & non dedaigner la gloire, & s'en parer pluftot que de chaines, anneaus, & fomptueus habits*. Ver: Louïze Labé. **Euvres**. Jean de Tournes: Lyon, 1555. (T.A.: E se alguma alcançar tal grau, a ponto de poder colocar suas ideias por escrito, que o faça cuidadosamente e sem desdenhar a glória.)

porta-se, como mencionamos, receosa e humildemente. E se os elementos transgressores que emergem dos textos dessa agente, que representa um grupo ao qual a palavra geralmente é negada, são, de fato, os que mais contribuem para apreensão dos mecanismos de como um grupo, à margem, resiste, indicaram também as facetas, igualmente importantes, das quais se pode refletir o discurso dominante, praticamente onipresente, no grande contexto social<sup>234</sup>. Esse duplo é encontrado de outra forma no texto abaixo:

Dames, qui les lirez,  
De mes regrets avec moy soupirez.  
Possible, un jour je feray le semblable,  
Et ayderay votre voix pitoyable  
A vos travaux & peines raconter,  
Au tems perdu vainement lamenter<sup>235</sup>.

Novamente, Louïze Labé profere um discurso, que, embora modesto, possui o alvo explícito de se dirigir às *Dames*. O compartilhamento, contudo, alinha duas ideias que parecem opostas à fala de independência, que a autora vincula em outros momentos. Com os termos “*Dames*”, “*les*”, “*soupirez*”, “*semblable*”, “*pitoyable*”, “*travaus*”, “*peines*” e “*lamenter*” parece carregar, simultaneamente, as figuras do feminino e da lástima no signo da ausência<sup>236</sup>, da dor e, por isso, da fragilidade. Elas, as damas, são as que esperam no tempo estático e aqui surge, novamente, o revés de se estar no feminino. Essa figura contraditória surge na análise que veremos ulteriormente sobre a personagem Semíramis, que aparece num dos episódios de suas elegias mais incrustado dessa relação ambígua da mulher autônoma, mas deslocada. A voz ativa que se coloca na narrativa da guerreira, apresenta-a chefiando o lugar incomum ao feminino, na guerra, digno, por isso, de louvor, visto o poder de liderar que transmite. Mas ao abandonar essas feições e vestir-se de amor, se amargurou, trocando o poder pelo sofrimento. Tristeza e passividade na busca da reciprocidade<sup>237</sup>. Inversão da ordem social sobrecarregada

<sup>234</sup> Afinal, desprezar esse viés é desprezar a constituição do indivíduo como tal.

<sup>235</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.101. (T.A.: Damas, que os lerdos, / de meus arrependimentos comigo suspireis./ Possível, um dia eu farei algo aceitável, / e ajudarei vossa voz queixosa / a vosso trabalho e dor recontar,/ do tempo perdido em vão lamentar).

<sup>236</sup> Segundo Barthes, a história do discurso da ausência é sustentado pela Mulher, sedentária, em oposição ao homem viajante. Seguiria-se que todo homem que diz a ausência de outro, feminino se declara. Tomada as proporções, poderíamos refletir essa condição em muitas passagens do texto labetano, como uma vontade de ocupar o lugar *masculino*, mas se pune e retorna para um discurso feminino. Entretanto, não podemos pensar nelas como uma possibilidade dogmática de análise, mas uma ferramenta que por vezes sugere algum sentido, porque não opera consciente de si. Ver: BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. SP: Martins Fontes, 2003.

<sup>237</sup> O fato de localizarmos a linguagem como fator que é capaz de promover significados, reverberar,

de um desfecho negativo. Traduz, portanto, dois eixos a versão transgressora do papel tradicional imputado ao feminino e a percepção de tal insurgência como consequente para a perda, ao final, de seu *status* social. Poderíamos perceber isso como extrapolação da sua identidade enquanto autônoma e, posteriormente, o amor designando justamente a perda da autonomia. Entretanto, utiliza-se da interpretação mítica de que Semíramis foi uma mãe, imputação de sua feminilidade, e está, essa mãe, a desejar uma relação incestuosa. A inversão surge como sinal da força na qual os signos tidos como masculinos são reapropriados por figuras femininas. Mas estando realocadas no feminino, envolvem em si elementos que, na época, são de uma elevação reprovada – mulher passando à condição de guerreira -, surgindo daí a figura da monstruosidade, embalada com o sofrimento e a morte ao final trágica.

Em sua conterrânea, Pernette, vemos a mesma enumeração de uma outra ordem, alterando o homem-amante para um plano secundário de servo, subalterno e submetido:

Mais que de moi se sentît être serf,  
Et serviteur transformé tellement  
Qu'ainsi crût en son entendement,  
Tant que Diane en eût sur moi envie,  
De lui avoir sa puissance ravie.  
Combien heureuse, et grande me dirais !  
Certes Déesse être me croirais.  
Mais, pour me voir contente à mon désir,  
Voudrais-je bien faire un tel déplaisir  
À Apollo, et aussi à ses Muses[...]?<sup>238</sup>[grifos meus]

Tornar-se-ia a autora uma deusa, ela é contraposta a Actéon, que, no mito clássico, por ter difamado Ártemis, surpreendendo-a em seu banho, foi rebaixado da condição de homem, transformado, pela divindade, em Cervo. Tal inversão se propaga no texto pela vontade de dominar o outro, e não como mero recurso humorístico (ou irônico). É também nesse trecho que se percebe a inversão como

---

é justamente também com ela pensarmos o peso sócio-histórico que é repassado como carga por inúmeras fontes de linguagem-cultura. Por isso entendemos que a questão do mundo patriarcal É masculino/masculinizante/ masculinizado, visto que o sexo masculino nada mais é que mais um dado aleatório da natureza, como a cor dos olhos, por exemplo, mas encontramos-nos sobrecarregados de camadas culturais, sociais e políticas (que, em alguns casos, podemos chamar de disposições ou *habitus*) significando que, embora não sejam estáticas, mas tem um significado profundamente arraigados como valorosos em nós.

<sup>238</sup> Pernette du Guillet. **Rymes**. Lyon, 1545. Elegie II p.35 (T.A.: Mas que a mim se sentindo servo, / E servidor transformado de tal forma / Que assim acreditasse em seu entendimento, / Tanto que Diane teria inveja de mim, / Por ter sua poderosa felicidade. / Quão feliz e elevada me diria!! Certamente deusa me creia./ Mas por me ver contente com meu desejo, / Gostaria, eu, de fazer um tal aborrecimento / A Apollo, e também a suas musas [...]?).

fenômeno conflituoso, visto que o desejo de o Outro se sobrepor ao “Mesmo” - fazendo, este, submisso - faria brotar a ira de Apolo, no desvio da ordem da relação, na qual ela – a poetisa - guiaria ao “desgoverno”. A interpretação sobre seu texto – de localizarmos nele uma proposta de transgressão à ordem - parece se fortalecer dado que o amor idealizado e a submissão, aparecem em diversas passagens, sendo este fruto do amor, enfatizando-os como tal proveniência. Ambas as escritoras tratam, assim, da ideia de amor como escravizante, não o homem, que se destaca apenas por ser o objeto de desejo. Vejamos:

Aucuns ont dit la Théorique  
Être devant que la Pratique :  
Ce que bien nier on pouvait.

Car qui fit l'art, jà la savait,  
Qui est un point qu'un Sophistique  
Concéderait tout en dormant :

Quant à moi je dis, pour réplique,  
Qu'Amour fut premier, que l'Amant<sup>239</sup>.

A separação proposta no soneto da conterrânea de Labé parece fazer notar uma idiossincrasia que defende a hierarquização do feminino sobre o masculino, por transparecer o sujeito que é dominado por tal artimanha, novamente, a enfatizar que não é o amante que se exige na relação, é apenas a ideia de amor que torna a mulher servil. Segundo o que podemos perceber, a literatura da época se habilita a falar do amor, não apenas por um ideal romanceado, purificado, mas porquê ele indica um saber sobre a relação do indivíduo com o mundo. O saber científico, a se articular e difundir seu discurso como verdade, tenta entender o humano (sua psicologia, sua função no meio, seu lugar), e é através disso que a autora percebendo-se como quem é comandado por um item que está fora da ordem humana, fundamenta a interpretação sobre a elevação de uma e não da outra figura em sua vida.

Uma relação semelhante é entoada por Labé: *Il n'y ha rien qui plus se fache d'estre contreint, qu'une femme: & qui plus se contreingne, ou elle ha envie montrer*

---

<sup>239</sup> Pernette du Guillet. **Rymes**. Lyon, 1545. Elegie II p.41 (T.A.: Alguns disseram a Teoria/ está antes da prática:/ Isso bem negar poderiam. / Quem fez a arte , já o sabia/ Que é um ponto que um Sofista / Refletiria até adormecer./ Quanto a mim eu digo para responder/ Que o amor foi primeiro que o amante.)

*son afeccion*<sup>240</sup>. Em tal contrato, não vemos apenas a relação amorosa exposta, não é um sentimentalismo, mas um empoderamento de si. Não está, a narradora, a se subjugar à força, à vontade do amante, mas a si mesma e a esse amor que ela mesma inventou ou cujos deuses a destinaram. Tal postura, parece-nos ainda mais clara no seguinte soneto labetano:

Quelle grandeur rend l'homme venerable?  
Quelle grosseur? quel poil? quelle couleur?  
Qui est des yeus le plus emmieleur?  
Qui fait plus tot une playe incurable?

Quel chant est plus à l'homme convenable?  
Qui plus penetre en chantant sa douleur?  
Qui un dous lut fait encore meilleur?  
Quel naturel est le plus amiable?

Je ne voudrois le dire assurément,  
Ayant Amour forcé mon jugement:  
Mais je say bien & de tant je m'assure,

Que tout le beau que lon pourroit choisir,  
Et que tout l'art qui ayde la Nature,  
Ne me sauroient acroitre mon desir<sup>241</sup>.

Em tal citação, Labé confessa seu amor a um belo, um belo que nem a natureza conseguiria fazê-la desejar mais. Mas, ao se subjugar ao *amor* para com o amante, é ela que o torna venerável – e não um ser virtuoso, que é, por isso, amável. Não é pela natureza tê-lo feito mais belo ou mais alto ou mais hábil, mas, sim, o fato de ela o ter escolhido para amar. Seriam, dessa forma, as mulheres que ao entregarem-se a seus amores, torná-los-iam dignos de honra e adoração. Ter-se-ia, aqui, apresentado a inversão das relações, como declaração do poder ambicionado por essas mulheres? Ou seria, algo como uma revisão do poder feminino, aos moldes de Christine de Pisán, na qual revelar-se-ia a esfera que cabe a mulher comandar? Parece-nos que, nesse momento, reforça a interpretação de que tal ato designa a resistência aos valores imputados. O amor e a figura da amada e amante, pegam-se debatendo sobre a declaração de si como um agente, contrário

---

<sup>240</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.89. (T.A.: Não há quem mais se irrite em estar submetida que uma mulher, e quem mais se submeta quando deseje demonstrar sua afeição.)

<sup>241</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. Soneto XXI. P.122 (T.A.: Qual grandeza faz o homem venerável? / Qual tamanho? Que cabelo? Que cor? / Quem tem o olhar mais encantador? / Quem faz depressa uma chaga incurável? / Qual canto é mais ao homem favorável? / Quem mais penetra cantando sua dor? / Quem um doce alaúde faz tocar ainda melhor? / Qual homem é mais amigável? / Eu não queria dizê-lo absolutamente, / Já que o Amor constrange meu julgamento; / Mas eu sei bem e de tal certeza, / Que todo o belo que eu posso ter *escolhido* / Que a arte inteira apoiada na Natureza, / Não *fariam* *acrescer* meu desejo).

ao que a ele se delegava pelo discurso dominante da época<sup>242</sup>. Mas esse Outro pronunciando-se sobre ele mesmo, revela-nos “o quê” do lugar ocupa enquanto feminino?

No momento seguinte, porém, a autora dirige-se a seus conterrâneos com um tom debochado:

Ne veuillez point condamner ma simplesse,  
Et jeune erreur de ma fole jeunesse,  
*Si c'est erreur: mais qui dessous les Cieus*  
Se peut vanter de n'estre vicieux?  
L'un n'est content de sa sorte de vie,  
*Et tousjours porte à ses voisins envie*<sup>243</sup>. [grifos meus]

Dentro do tipo de argumentação que a época de Labé se envolve, esta fala se refere à vivência cotidiana e contra as Damas Lionesas que ferem a solidariedade proposta e intentam julgar a escritora. É um discurso de luta. Reporta-se a sua própria juventude como tola, mas é em tom provocativo que diz “*si*”, exercendo seu papel questionador sobre a moral que pretender apanhar-lhe e igualando, assim, seus vícios e ações a de todos aqueles que vivem sobre a terra. Podemos traçar o paralelo novamente com du Guillet, que discursa sobre essa mesma moral na imposição feita a seguir:

Combien de fois ai-je en moi souhaité  
Me rencontrer sur la chaleur d'été  
Tout au plus près de la claire fontaine,  
Où mon désir avec cil se promène  
Qui exerce en sa philosophie  
Son gent esprit, duquel tant je me fie  
Que ne craindrais, sans aucune maigrie,  
De me trouver seule en sa compagnie :  
Que dis-je : seule ? plutôt bien accompagnée  
D'honnêteté, que Vertu a gagnée  
A Apollo, Muses, et Nymphes maintes,  
Ne s'adonnant qu'à toutes oeuvres saintes.<sup>244</sup>

<sup>242</sup> Para tanto, ver: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998; DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991; DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**. Do amor e outros ensaios. SP: Companhia das Letras, 1989, etc.

<sup>243</sup> Louize Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555.p.107-108. (T.A.: Não queiram condenar minha simplicidade e o jovem erro de minha tola juventude, se é erro; contudo, quem abaixo dos Céus pode vangloriar-se de não ter vícios? Aquele que não é feliz com sua escolha de vida, sempre carrega inveja pelos seus vizinhos).

<sup>244</sup> Pernette du Guillet. **Rymes**. Lyon, 1545. Elegie II p.34 (T.A.: Quantas vezes eu estive desejando, para mim mesma, / Encontrar-me sob o calor do verão / Mais perto da fonte clara, / Onde o meu desejo com aquele se encaminha, / A quem exerce em sua filosofia / Sua sábia mente, ao qual eu tanto confio / Que nem receio qualquer dor / Nem de me encontrar sozinha com sua companhia : / Digo : só? Muito bem acompanhada / Em honestidade, que como *virtude* ganhei / De Apolo, Musas, e muitas ninfas, / Das quais nem se adornaram tantas obras santas.)

Conforme o parágrafo, quando, nesse mesmo trecho, pergunta-se: “Que dis-je : seule ? plutôt bien accompagnée d'honnêteté, que Vertu a gagnée”, demonstra a “equivalência” que, parece-nos, a sua grande ambição. Estar só, com um homem, e manter sua virtude intacta, significa, mais do que ter permissão, medir forças para reivindicar seu lugar como igual, para além da hierarquizante sociabilidade regulada<sup>245</sup>. Enuncia-se o seu desejo do outro, para aprendizado, para sua alegria, apresentando a sua companhia e autonomia de relacionar-se com quem lhe convém. Provém, isto, de um mérito seu, segundo ela, a honra valorada por sua honestidade. Mas é devido à evocação desta honestidade, como justificativa, que podemos perguntarmo-nos os limites impostos a essa independência, tão festejada, aparentemente por Du Guillet<sup>246</sup>. Evidenciando tanto que há certa ordem de imposições, quanto que o âmbito cultural forma resistências e seu trânsito, mesmo tímido, ajuda a afrouxar os limites<sup>247</sup>.

Além disso, o símbolo da amazona, ou da deusa Diane, ocorre com certa frequência nos textos da época. Ela aparece por caracterizar a mulher guerreira, forte e independente. Assim, Labé a utiliza numa mescla de sua figura a de amor: [...]C'estoit mes yeus, dont tant faisois saillir / De traits, à ceus qui trop me regardoient, / Et de mon arc assez ne se gardoient<sup>248</sup>. Tal cena se traça tanto numa floresta quanto num baile, e está em frente a um alvo indefeso, contra ela não tendo a menor chance. Seu arco potente, de uma mulher sedutora e valente. Não se subjugava ao outro, apenas se move por amor, que divindade ou pensamento, não pertence a força exercida pelo outro, projetando, ela mesma, as armas que esse

---

<sup>245</sup> Ao passo que isso é também uma maneira de explicitar os pudores e o recalcado nessa sociedade, onde uma mulher sempre frágil, ou tentadora, não deve, por bem, estar só com um homem. Mas, como salientamos, essa própria alegação, se, em uma via, permite-nos entender que se desvia do padrão, é, ao mesmo tempo, condescendente com outras normas, e está em conexão com os temores por sua própria honra.

<sup>246</sup> No sentido de que essa alegação é também uma forma de dizer que deve explicações a esse mundo que pertence. E que não pode ser totalmente autêntica sem estar cercada por essa expressão de honra.

<sup>247</sup> A presença da palavra *vertu* denota-nos um contraditório, embora devamos relativizar o alcance dessa relação protetora de sua própria honra que autorreferencia as próprias características, a apropriação de tal palavra por uma escritora deve tornar mais amplo o sentido, muitas vezes atribuído a seu significado – o que muitas vezes propaga seu mito: se na Antiguidade pode não haver dúvidas que ela provenha de uma construção patriarcal que sobrepõe o falo-virtuoso, ao sexo feminino e passivo, as apropriações desde essa época perpassaram diversos fenômenos para crermos que seu sentido antigo permaneça intacto no renascimento, sendo ressignificada como grandeza de espírito.

<sup>248</sup> Louíze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.89. (T.A.: *Este foram meus olhos, que tanto fazem para projetar /Disparos, àqueles que estavam me olhando demais /E de meu arco suficientemente não podem se proteger.*)

sentimento condicional. O amante é objetificado, portanto, e não parece ter, a autora, interesse em personificá-lo.

O debate realizado com sua consciência insere-se no intrigante conjunto da querela dos sexos que sinaliza, junto a outros discursos, o fundamento de sua posição, onde ao reafirmar sua intenção de incentivar outras mulheres a fazerem o mesmo, expressa-se da seguinte maneira:

Et pource que les femmes ne se montrent volontiers en public feules, ie vous ay choisie pour me feruir de guide, vous dediant ce petit euure, que ne vous enuoye à autre fin que pour vous acertener du bon vouloir lequel de long tems ie vous porte, & vous inciter & faire venir enuie en voyant ce mien euure rude & mal bati, d'en mettre en lumiere vn autre qui foit mieus limé & de meilleure grace<sup>249</sup>.

Nessa pronúncia parece haver um ato de escárnio quanto às normas, direcionado ao modo como a sociedade pensava a posição de certos sujeitos. Além disso, almeja dar esse passo como exemplo, para incitar outras a fazê-lo, não nos parecendo pensado como ironia quanto a incapacidade feminina<sup>250</sup>, mas uma preocupação em comprovar o adentramento consciente nos muitos espaços que ocupa, do privilégio que dispõe e as conquistas mais. Obviamente, não quer dizer que com uma posição transgressora não é ela também reprodutora de outros *habitus* dessa sociedade. Portanto, analisemos agora a manutenção também proferida por Labé em um comparativo com conterrâneos da literatura contemporânea a ela.

## **b) O encontro das palavras com o feminino: o seu lugar**

Ao percebermos essa literatura incrustada de significados mais representativos sobre sua produtora, podemos supor que o lugar que reclamavam já estava, por isso mesmo, modificado, visto a posição deliberadamente assumida enquanto escritoras. Entretanto, as palavras que vestem o traje do feminino e, dessa forma, personificam “A mulher” no baixo, permanecem em fragmentos dos discursos

---

<sup>249</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.7 (T.A.: [...])E porque as mulheres não se mostram confortavelmente em público sozinhas, eu vos escolhi para me servir de guia, vos dedicando esta pequena obra, que nem vos envio com outro fim que para vos certificar do bom voto que há muito tempo vos dedico, e vos incitar e fazer enviar, vendo esta minha obra rude e mal construída, a expor um outro que seja melhor polida e de melhor graça.).

<sup>250</sup> Interpretação proposta por Mireille Huchon.

e servem menos a uma reinauguração de sentido do que a uma manutenção das posições relativas<sup>251</sup> - inferior, o desnecessário, o desprezível<sup>252</sup>. O que não quer dizer que mesclar significantes às figuras de gênero, não gere alterações nas relações sociais e no trânsito que delas advém. Porém, escapa, por vezes, à racionalidade dos sujeitos a ideia de que algumas construções mantêm genericamente o feminino na percepção de que se encontrar nele é estar no depreciado. Analisemos novamente a seguinte relação:

Dames, qui les lirez,  
De mes regrets avec moy soupirez.  
Possible, un jour je feray le semblable,  
Et ayderay votre voix *pitoyable*  
A vos travaux & peines raconter,  
Au tems perdu vainement lamenter<sup>253</sup>. [grifos meus]

Ao mesmo tempo em que essa passagem, que já elucidou outras questões, protagoniza sua autora, coloca suas contemporâneas no lugar novamente umbrático. Frente às ações femininas, clama solidariedade, mas uma solidariedade interessada, promovida na negociação com aquelas que não são capazes de recontar suas experiências. Ao distanciar ela de si mesma, a autora relata-nos um prognóstico do feminino, cuja a espera, a piedade, o lamento, perece-o, desmerece-o.

Mas a proposta de parte de seu livro é um incentivo, como já vimos, que frisa identificando-se tanto às leitoras, com o “*nous*”, quanto afirmando-se com “*je*”, enquanto produtora - “*oultre la reputacion que notre fexe en receura nous aurons valù au publiq*”<sup>254</sup>(p.4). Além da identidade, a convocação surge com o termo “*Dames*”, por exemplo: “*Dames, qui les lirez*”<sup>255</sup>(p.101) “*Quand vous lirez, ô Dames Lionnoises*”<sup>256</sup>(p.107), “*Ne reprenez Dames*”<sup>257</sup>(p.123). Porém, consideramos que

---

<sup>251</sup> Segundo o sociólogo Bourdieu: “As mudanças de condições ocultam, de fato, a permanência nas posições relativas”. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. RJ: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>252</sup> Enquanto palavras que portam significados *genderificantes* e, por isso, nas designações culturais, mais profundas, dispõem as mesmas categorias às mulheres que estão colocadas nessa “polarização” – enquanto disposição, obviamente – colocadas. SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35. P.20

<sup>253</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.101. (T.A.: Damas, que os lerdos, / de meus arrependimentos comigo suspiros./ Possível, um dia eu farei algo aceitável, / e ajudarei vossa voz queixosa / a vosso trabalho e dor recontar,/ ao tempo perdido em vão lamentar).

<sup>254</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.4 (T.A.: E outra a reputação que nosso sexo receberá, nos terá válido à sociedade).

<sup>255</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Damas que os lerdos)

<sup>256</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Quando vós lerdos, oh damas lionesas)

seu texto, apesar de discutir com as regras sociais vigentes, parece ater-se a apenas algumas condições, devido, obviamente, ao fato de que está imersa dentro de uma cultura cuja maleabilidade tem suas próprias fronteiras. Passemos no trecho seguinte, para melhor entender essa reflexão:

Pource, *nous* faut il animer l'une l'autre à fi louable entrepriſe: De laquelle ne deuez eſlongner ny eſpargner *votre* eſprit, ià de pluſieurs & diuerſes graces acompagné: ny *votre ieuneſſe*, & autres faueurs de fortune, pour aquerir cet *honneur* que les *lettres & ſciences* ont acoutumé porter aus *perſonnes* qui les ſuyuent. S'il y ha quelque choſe recommandable apres la *gloire & l'honneur*, le plaifir que l'eſtude des lettres ha acoutumé donner *nous* y doit chacune inciter<sup>258</sup>. [grifos meus]

Aqui, prossegue com o convite feito, enumerando o que desse mundo das letras pode advir. Contudo, faz a ressalva que essa a quem se dirige está de muitas graças acompanhada, e cita os atributos da *fortune* – sorte – e outros físicos. Em oposição cita a honra, acompanhada das letras e das ciências. Ou seja, a identificação de um e outro grupo surge, bem como, a sua hierarquização, supervalorizando os itens que julga ainda não terem sido alcançados por *aquelas*. É nesse momento também que o pronome “*nous*” desaparece da discussão, surgindo a segunda e a terceira pessoa do plural, o que além de refletir a não-identificação com esse “anterior” valor das mulheres, também situa esse mundo feminino nesse outro aspecto, excetuando-se a autora, que só reaparece ao fim. Façamos um paralelo com a escrita de du Guillet:

À qui plus est un Amant obligé :  
Ou à Amour, ou vraiment à sa Dame ?  
[...]À lui il doit le coeur, à elle l'Âme,  
Qui est autant comme à tous deux la vie ;  
L'un à l'honneur, l'autre à bien le convie ,  
Et toutefois voici un très-grand point,  
Lequel me rend ma pensée assouvie :  
C'est que sans Dame Amour ne serait point <sup>259</sup>.

Conforme o trecho, a autora coloca a figura da Dama como âncora para o que irá discorrer: o amante e suas obrigações. O amor recebe a conotação masculina de

---

<sup>257</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. (T.A.: Não repreendam, damas)

<sup>258</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.5 (T.A.: Porque, nos incentivaremos uma a outra neste louvável negócio, do qual não devem se cansar nem poupar sua mente, já de muitas e diversas graças acompanhada, nem vossa juventude e outros favores do acaso, para adquirir esta honra que as letras e ciências costumam dar às pessoas que as seguem. Se há alguma coisa recomendável, além da glória e honra, é o prazer que o estudo das letras costumam dar-nos e incentiva cada um.)

<sup>259</sup> Pernette du Guillet. **Rymes**. Lyon, 1545. (Rymes XXIV) (T.A.: A quem é mais necessário o amante / Ao amor, ou verdadeiramente a sua Dama? / [...] A aquele deve o coração, a aquela a alma, / O que é tanto quanto para ambos a vida; / A um a honra, ao outro a boa convivência; / Porém aqui há um grande ponto / Que deixa o meu pensamento saciado: / É que sem Dama, o amor não seria nada.).

honra, e a mulher, a relação feminina com a boa convivência. Trata-se de demonstrar as relações as quais cada uma das figuras (feminina – *Dame*-, masculina – un *Amant*) se submetem e as disposições de cada um. Mas o brinde, ao final, à figura da Dama não seria uma referência para o lugar “complementar” da mulher nos jogos de amor, coisificando-a, ou é que é ela vital atividade para essa relação? O fim provoca o leitor dizendo que apesar de diferentes, opostos, há equivalências, sendo que o certo é que, para du Guillet, a mulher é a parte indissociável do amor, embora termo a termo o feminino se conecte à passividade.

A figura controversa apareceria novamente em Labé, ao imputar a ideia de uma característica imoral, quando realiza a leitura da mulher no espaço da guerra:

Semiramis, Royne tant renommee,  
Qui mit en route avecques son armee  
Les noirs squadrons des Ethiopiens,  
Et en montrant louable exemple aus siens  
Faisoit couler de son furieus blanc  
Des ennemis les plus braves le sang,  
Ayant encor envie de conquerre  
Tous ses voisins, ou leur mener la guerre,  
Trouva Amour, qui si fort la pressa,  
Qu'armes & loix veincue elle laissa.  
Ne meritoit sa Royalle grandeur  
Au moins avoir un moins fascheus malheur  
Qu'aymer son fils [...]<sup>260</sup>

Ao se portar como guerreira, invade o espaço tido como masculino do combate. Nesse sentido, se a representante Semíramis fala sobre a força da mulher, ativa, apresenta-se também como aberração, como mencionávamos. Quer dizer, tal relação que, em um primeiro momento, percebemos como inversão da ordem social, em que a proclama como protagonista e subestima a figura masculina, vem sobrecarregada, nesse caso, das roupagens do masculino – guerreiro – e a “mulher” forte fica incompleta, ineficaz e amaldiçoada. Trabalha, portanto, com dois eixos a versão transgressora, tanto do papel tradicional imputado ao feminino, como a percepção de tal insurgência como consequente que leva a uma perda no *status* social.

O autor Claude de Rubys que deixa sua mensagem sobre Labé em 1573, e torna a escrever sobre ela e du Guillet em 1604, é um exemplo elucidativo dos

---

<sup>260</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.102. (T.A.: Semíramis, rainha tão renomada / A qual colocou em caminho sua armada / os negros esquadrões de etíopianos / e mostrando elogiável exemplo aos seus / Fez cair sob seu bravo braço / os inimigos mais furiosos, com sangue, / Que ainda quis conquistar / Seus vizinhos, ou os levar à guerra, / Descobriu Amor, que a si pressionou, / Que armas e leis vencida ela deixou. / Nem mereceu sua real grandeza / ao menos ter uma menor desgraça desafortunada/ Que amar seu filho? [...])

olhares que se direcionam tanto a autora Louïze Labé quanto ao lugar do feminino na esfera intelectual. Com suas interpretações carrega disposições do contexto da pronúncia feminina, associando a figura Louïze Labé à de cortesã e que, a mesma situação, indica um tom pejorativo pela adição do termo pública. O modelo para as outras damas lionesas encontra-se, para ele, em outra figura a da Dama Blandine, que segundo a crença popular teria sido um dos alvos da perseguição romana durante os primeiros tempos de pregação do cristianismo, tendo morrido em 177. Foi canonizada e considerada mártir posteriormente, pela própria Igreja Católica Apostólica Romana. Mas, da associação e inferiorização de uma e outra personagem, percebe-se que a devoção e a humildade são consideradas as virtudes do feminino, ou a castidade, como acrescenta num segundo momento, negando-a em Labé. Enquanto que a esta, o lugar e, ao mesmo tempo, o termo pública a ela associados, designam e, simultaneamente, são ressignificados do impudico ao qual se refere (significantes e significados retroalimentando-se)<sup>261</sup>.

A expressão sobre a posição do feminino não destoa muito, mesmo quando elogiosa, em outros textos, como poderíamos ter festejado na colocação feita pelo historiador Guillaume Paradin, o qual, embora demonstre não ser nada avesso a condições culturais mais liberais às mulheres, não deixou, contudo, de supor designações que constroem, através da função simbólico-cultural, o lugar do feminino, relacionado ao submisso, passivo, baixo. Como podemos notar: “[...] Et ne s'est ceste Nymphe [Labé] seulement faite cognoistre par ses escrits, ainçois par sa *grande chasteté*. L'autre dame estoit nommee Pernette du Guillet toute spirituelle, gentille, & *treschaste*.”<sup>262</sup> Em tais disposições, em que fizemos questão de mostrar o depoimento sobre du Guillet, ainda que aparentem oposição concreta ao relato exposto por de Rubys, no plano de fundo, possui uma imagem feminina que deve estar ligada ao divino, à castidade, a uma certa santidade, para, assim ascender, mesmo que a produção material-intelectual das mulheres apareça como um fator positivo de suas referências.

---

<sup>261</sup> Lembramos que fama no discurso da época nem sempre foi sinônimo negativo quando relacionado a mulheres, prova disso é a própria autorreferência que faz Labé em uma de suas elegias.

<sup>262</sup> Fonte: Guillaume Paradin de Cuyseaulx. **Memoires de l'histoire de Lyon**. 1573 p.355-356. (T.A.: Seu rosto era mais angelical que humano, mas não era nada em comparação ao seu espírito, tão casto, tão virtuoso, quanto poético, tão raro em saber [...] E não é esta ninfa somente feita conhecer por seus escritos, mas também por sua grande castidade. A outra dama era nomeada de Pernette du Guillet muito espiritual, gentil e muito casta.)

Já Labé se utiliza da diferença para afirmar uma identidade e obter uma força pela enunciação da coletividade que desenvolva os lugares que podem elas transitar, também está retida nesse processo de mortificação de uma identidade feminina “autêntica”<sup>263</sup> e anterior, como não-louvável, e situado no “inferior”, no baixo<sup>264</sup>. Nesse processo, Labé desvaloriza aspectos do mundo feminino e parece tentar livrar as mulheres ao chamar as damas para que deixem as atribuições ligadas ao doméstico, e preocupem-se com o público e com a glória<sup>265</sup>. Ou seja, “sejam melhores, façam como os homens”<sup>266</sup>. Se ser mulher está sendo desnaturalizado enquanto justificativa para a inferioridade de sua capacidade, ser “feminina” é uma degradação. Essa participação de um humanismo construído pela instituição que pensa no *homem* moderno (universidade, as releituras religiosas, o Estado), ao construir e desejar a *liberdade que nosso sexo antigamente tanto desejou*<sup>267</sup>, está a processar esse caminho de um mundo criado por e para os homens, como o louvável e possível. Abre mão, por consequência, de reestruturar essa caracterização e elevar a própria relação que as mulheres vinham produzindo para com o mundo. Esse lugar é demonstrado nas passagens que mantém “as damas” (ou seja, elas, mulheres, não o “eu”, quando faz a parte crítica) como as pertencentes ao universo fútil de certos hábitos cotidianos.

Porém é nesse âmbito que existiram precedentes que colaboraram com o

---

<sup>263</sup> Entre aspas, pois os processos que as detêm no privado, no doméstico, não são necessariamente valoráveis em todos os sentidos só porque é pertinente ao mundo feminino. Queremos discutir com isso, o que Sandra Harding reflete em seu texto sobre o aparato teórico-metodológico de análise das mulheres e de gênero, obviamente só pensar na influência das mulheres em instituições públicas deve ter suas reservas, pois é num mundo androcêntrico que essa importância eleva novamente as considerações dos agentes que mantêm o discurso dominante, mas é também a partir das modificações na esfera pública/política que se alteram os reveses de certos grupos. A consciência da literatura como espaço para atingir e mudar a sociedade conforme suas reivindicações, parece ser observada por Labé em outros momentos.

<sup>264</sup> Segundo Bourdieu: “Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências. [...] Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição masculino e feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas alto/baixo”. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. RJ: Bertrand Brasil, 2002. P.11.

<sup>265</sup> Cito: [...] *ie ne puis faire autre chose que prier les vertueuses Dames d'efleuer vn peu leurs esprits par deffus leurs quenoilles & fufeaus [...]*. Ver: Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. P.4 (T.A.: [...] eu não pude fazer outra coisa que não fosse rogar às virtuosas damas para elevarem um pouco suas mentes por cima de suas rocas e fusos[...]).

<sup>266</sup> Obviamente, a percepção que se faz aqui é de tom de análise de sua conjuntura e não de uma crítica anacrônica sobre o que deveria ter sido feito.

<sup>267</sup> Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555.p.3.

tangenciamento das mulheres ao público. Parece-nos, contudo, que isso não desvinculou o feminino de uma regulamentação marginalizadora perante a produção intelectual, justamente, pelo fato do feminino associar-se à mulher, e pensado e introjetado como impróprio pelos demais membros da sociedade. Tais atitudes literárias relacionaram-se de maneira conflituosa com os valores e com as próprias vontades de seus agentes, mas reivindicaram novas construções que possibilitassem mudanças de significações quanto a elementos que enrijecessem seus trânsitos. Entretanto, a própria escrita desta mesma mulher que propunha uma reação às normas, articulou o feminino com valores que mantinham as feições de sua época, e se esse conflito continuou, por certas permanências, inalterado quanto às posições *genderificadas*, colabora, pelas contradições e resistências expostas, para uma mudança de condições.

Em Louïze Labé, parece-nos possível perceber o quanto a questão amorosa faz-se importante centro de discussão para a crítica de valores que deveriam conformar a mulher no seu destino. Labé falaria a seus contemporâneos sobre o que sente e, em diversas passagens, roga que não a julguem, mas que participem, que se deixem amar e amem. Porém, o frustrante, a ela, não é apenas o amor não correspondido. A autora traz-nos sempre a *justificativa* para seus atos, e isso insinua-nos que tal postura não condizia com o que era permitido, e que ambicionava libertar-se e, igualmente, ter ela também a voz.

A escritora que embarcou no universo das letras<sup>268</sup> parece ser portadora de uma fala que carrega a carga política do seu lugar - agente, portanto. Seus escritos, enquanto fontes sobre personagens, falando por si mesma e, por vezes, por um grupo - visto a identidade apresentada nessas produções -, faz esta carga de gênero ser apreciada, num universo arbitrariamente construído pelo ou no masculino, mas visto por mulheres. A observação de que é arbitrário faz-se de muitos modos, inclusive, propondo outros mundos possíveis, a partir da ficção.

---

<sup>268</sup> Sobre a cidade lionesa, pois é lugar que estamos mais familiarizados, nesse momento temos, de acordo com Breghot du Lut, os seguintes nomes: "Nos annales ont conservé les noms de Catherine de Vauzelles, de Louise Sarrasin, de Pernette du Guillet, de Claudine Péronne, de Jeanne Creste, de Jeanne Gaillarde, qui se distinguoient alors autant par les charmes de leur esprit que par la régularité de leur conduite, et qui toutes jouirent du rare avantage d'inspirer aux meilleures poètes du temps les meilleurs vers qu'ils aient mis au jour (...) Ajoutez à ces noms celui de Jacqueline de Stuard, et ceux de Claudine et Sibylle Sceve, célébrées". Ver mais em: BREGHOT DE LUT, C. Notice sur Labé. Par Perrin *et al.* **Evres de Louïze Labé Lionnoize**, 1824. p. 23-24.

As polêmicas que giraram em torno da capacidade de tangenciamento da mulher no universo intelectual, onde argumentos da época sugeriam a inabilidade das mulheres em elaborar ideias que estivessem de acordo com o conhecimento considerado pertinente para tal época<sup>269</sup>, parecem não encontrar eco numa voz nada passiva, tanto na sua narrativa quanto em sua vivência.

A leitura que fizemos do saber literário de Labé é que tendemos ver nele esse sinônimo de emancipação e até exaltação de si, enquanto mulher. Mesmo que esse *ser mulher* deva muitas vezes reelaborar ou apropriar-se do masculino para ser não só equivalente, mas superior. Entretanto, não é um lugar comum, nem fortemente racionalizado como demonstrariam os textos a partir do século XVIII. É figura que se transforma ora num empoderamento, ora numa manutenção. E dessa forma, sugerem esse lugar “contraditoriamente” e contrariamente ocupado pelo feminino.

---

<sup>269</sup> A incapacidade de comover pela escrita, foi um dos principais itens lançados às mulheres como obstáculo a seu adentramento neste clube fechado da produção intelectual. Principal, mas não a única razão de tal polêmica, como já foi dito anteriormente. Até porque, as questões sobre tais capacidades intelectuais inseriram-se juntamente com as discussões acerca da capacidade de mulheres governarem, se as mulheres as possuíam, já que, como faziam crer os discursos das grandes instituições da época (Igreja, Universidades e o próprio Estado - visto que suas leis não lhes permitiam obter direitos similares), o corpo, a carne feminina era motivo de cautela, possível pecado que por ela se cometia, sua capacidade intelectual então, era considerada ardilosa, aliciadora e subversiva. Logo, os questionamentos recaíam sobre o exercício de um poder político destas sobre homens que seriam-lhes superiores. Ver: KING, Margaret L. **Mujeres Renascentistas. La búsqueda de um espacio**. Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993.

## Considerações Finais

No Renascimento, a prática da escrita era ainda incomum a uma mulher, mesmo num período reconhecido pela intensa produção intelectual<sup>270</sup>. Os silêncios que fazem parte desse universo anterior foram impostos, em parte, por uma dominação patriarcal das grandes instituições religiosas e políticas. Aliás, no entrecruzamento das figuras reais e clericais, que excluem a participação das mulheres, relações misóginas são produzidas, e, assim, de forma nem tão consciente até, aqueles espaços são tomados como itens cujos requisitos apenas *e/les* requerem e *e/les* preenchem. No entanto, nem sempre obteve-se êxito em calar os “rumores” femininos.

As condições que se impõem à constituição da obra de Louïze Labé situaram-na num universo francês não necessariamente tolerante. Mas a configuração pôde alternar-se ao aproximarmos a lente da cidade lionesa, que parece atingir uma maior “hospitalidade” frente às interdições do período. O espaço mais próximo da autora parece apresentar características interessantes para o abrigo de ideias mais audaciosas.

Possivelmente, algumas escritoras da Renascença lionesa tiveram, em sua cidade, um lugar polivalente, cuja expressão ousada é, de alguma forma, tolerada. Talvez pelo grande trânsito comercial e cultural – como se faz crer pelos vestígios de obras impressas em diversos idiomas, o investimento na indústria livreira, as feiras, etc, -, tenha servido à cidade, para torná-la um lugar versátil para suas atrizes e atores sociais. Alguns renomados escritores da época faziam questão de ter seus livros ali publicados, bem como a sua importância comercial tornava possíveis alterações nos costumes, misturando valores. Há, assim, um contexto que pode ter vindo a colaborar com diversificadas ações, como a da escrita feminina, ao mesmo tempo que estas sejam tão estranhas ao entendimento de uma realidade mais ampla naquele mesmo período, justificando, por vezes, a dificuldade atual de perceber uma situação diferente frente àquele momento.

No entanto, para entender a outra parte do problema, não devemos esquecer

---

<sup>270</sup> As exclusões não se dão apenas quanto ao gênero. A maioria da população, pobre, não podia ter esse acesso. Não foi um “privilegio” das mulheres. Aliás, os estudos apontam que a grande parte da população de baixa renda sentiu mais a influência das guerras e discursos religiosos reformistas, do que propriamente do pensamento renascentista, embora me pareça, que dentro da originalidade que cabe a cada agente da época, ambos influenciaram-se mutuamente.

que é àqueles reguladores que pertence a fala mais facilmente propagada e preservada. A fala do poder institucional é a que geralmente domina e, portanto, é também a geralmente interpretada. Assim, embora exista um contexto específico, mais aconchegante, isso não impediu que autores dos séculos XVI e XVII se referissem de forma depreciativa ou demonstrassem uma imagem libertina em relação a Labé, enquanto que autores dos séculos XVIII e XIX se interessaram por dissociá-la da imagem de cortesã. A veiculação de um julgamento moral quando se trata de uma mulher é ainda feita nos dias de hoje.

O que parece não ter ocorrido é a dissociação completa da imagem da mulher Louïze Labé, com a de escritora - pobre, de mau gosto, nada brilhante, em alguns momentos, riquíssima e genial, em outros. Tais caracterizações podem estar associadas aos lugares onde as mulheres podem/devem ou não circular em cada tempo além de outros interesses de cada sociedade. Já contemporaneamente a nós, Mireille Huchon, por sua vez, optou por desassociá-la da realização intelectual e, ao mesmo tempo, a vinculou à imoralidade. Parece-me, todavia, que, mesmo vinculada, a *belle cordière*, aos padrões imorais da sociedade renascentista, isso não a impediria de escrever, pelo contrário, poderia, justamente por isso, ser mais compreensível a ideia de que dispunha de uma maior liberdade de fala e de movimento. Se foi ela uma cortesã? Obviamente não podemos nos desfazer dessa hipótese. Se não é ela uma intelectual? Isso já nos parece aquém da plausibilidade.

A perplexidade frente a tal obra parece-nos, contudo, num mundo que ainda realiza tantos progressos e regressos quanto às conquistas das mulheres, até compreensível. A contemporaneidade de Labé é digna de tal susto, suas reivindicações deixam insinuações sobre certos pontos ainda pendentes, que não eram e não são fáceis de resolver. Mas o fato de ter estabelecido um percurso de vida bem menos otimista e reto, em nada desmerece a sua produção. Aliás, pode-se dizer que, até, otimiza. O que nos interessa disso é estabelecer que essa existência de Labé, justamente pelo debate provocado, é tanto convincente, quanto - pelos rastros deixados no movimento histórico - pertinente, mesmo agora. Pois se as falas de outrora investem numa imagem negativa, pode-se deduzir que os silêncios de que falávamos antes não são necessariamente devido à falta da produção, que ecoam vez ou outra nas redescobertas, mas também de leituras de tempos posteriores que trabalham para sua exclusão, ocultamento ou obscurecimento. Não

devemos, portanto, confundir tais discursos como próprias às mulheres, principalmente quando ainda podemos alcançar as falas que estas realizam por si mesmas.

Se as mulheres não são contadas ou, sendo, são, muitas vezes, pintadas numa imagem que relata o imoral ou ordinário nelas, ou ainda, não pelo que produzem, mas como se comportam, isso pode indicar-nos uma premissa: seu pensamento, sua voz, sua ação causam algum temor. Por isso, a literatura, aqui, mostra seu papel fundamental. Ao falar indiretamente desses sujeitos, contar o desprezo e o temor, sem focar necessariamente isso, como nos mostrou Molière, no início deste trabalho, no qual apresenta-se, na narrativa do autor, os valores que perpassam a visão sobre o feminino somente um século depois de Labé, bem como, os elementos que relatam, na história da literatura, a personagem Labé, em que as próprias dúvidas que suscita devem ser encaradas como o fardo dessa carga de gênero que levanta a suspeita, ou traz o impróprio do espírito, possibilita a própria análise do que é contado, não de sua verdade do texto, mas como e porquê assim se conta.

Mas além disso, a própria escrita em si mesma, contada por uma *autora* aponta-nos para indícios dos interditos do feminino, ao apresentá-los na versão mais subversiva que é a da poesia. O historiador M. Ruolz ressaltou-nos, quanto ao renascimento francês: há, na poesia, um lugar de liberdade e, apesar de “legitimada”, naquele momento, há, nela, a transgressão, e tanto na poesia quanto na literatura, de modo geral, poderemos possivelmente encontrar o alternativo estabelecido pelos agentes de alguma forma repelidos. É através da literatura, dentro de textos que não conseguiram ser escondidos, descartados, que conseguimos obter uma fonte para enxergar um pouco da relação social na qual a mulher se pensa.

A obra, dessa forma, possibilitou-nos entrever um espaço de luta. Sua fala vai da agente Louïze Labé para as condições as quais, a partir da própria perspectiva de uma mulher, a experiência feminina é sujeitada e é também criada e recriada, ajudando-nos a perceber, com a sincronia que há na construção do texto e os símbolos culturais que nele habitam, o seu espaço. Se se mostra possível aos indivíduos que escrevem um texto, falarem dos sentidos e os embates que o levaram a tomar parte no estatuto que a escrita possibilita, suas inferências

fornece os elementos tanto políticos, quanto sociais e culturais para isso. Parece-nos claro que os embates que se deram pelo poder de dizer, poder de contar a sua versão sobre os fenômenos, estão mobilizados pelas diferenças sociais baseadas em uma categorização arbitrária do sexo, que os influenciam e podem ser percebidas dentro desse universo literário e, por isso, esta obra que escreve sobre si mesma, escreve sobre *um* mundo.

A autora vislumbrou intercaladamente o mundo ao seu redor, através de experiências abstratas, algumas apenas imaginadas, mas que recontadas, no entanto, não são, por isso, menos interessantes<sup>271</sup>. Porém, ao pensarmos em termos de resultados, isso implicou tanto em, pelo menos duas ressalvas metodológicas que se impõem à prática de a interpretar: as de que há a impossibilidade de tudo, ela, ter dito e a de que há impossibilidade de tudo, nossa pesquisa, apreender; bem como de que, igualmente, por tratarem-se de material assumidamente idealizado, possibilitaram elucubrações que são, acredito, como grande parte do que se produz de história, conjecturas. Mas, reafirmando nosso entendimento, a viagem sobre novas elaborações corroboram para a compreensão, ambicionada pela pesquisa, do universo da agente. Se não é possível, através dessa proposta, e talvez de outras tantas<sup>272</sup>, dizer como era a *realidade* de mulheres renascentistas fez-se, ao menos tangível, representar uma das facetas de suas interrogações. Aqui, através de hipóteses, contamos algo de suas histórias.

Portanto, devemos ter em mente que o texto que nos tocou compreender, embora não seja um todo coeso, estrutura fechada, pretensiosamente racionalizado, mesmo que ambicione ser, de alguma forma, *verdade*, fala de pertencer a um momento em que os limites culturais permitem certas contradições, enquanto outras não.

Falar no amor, tratar dele, foi pensar a pluralidade das relações humanas e conseguimos constatar nisso o processo *genderificante* e as sutis resistências na parte do peso que convoca. A fala labetana estava a contar-nos, em suas poesias, sobre sentimentos, mas, mais ainda, parecia tentar persuadir-nos sobre outra coisa. Reinventa seus lugares e ao imaginar isso como poder, efetiva-o e enfrenta algumas de suas normatizações. Dessa forma, terminamos por tratar junto aos leitores não

---

<sup>271</sup> DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. Ago 1996, vol.10, no.27, p.7-39.

<sup>272</sup> Afinal o próprio estatuto científico da história vem sendo motivo de reflexões.

de uma reflexão sobre a realidade de seu contexto, mas a arbitrariedade dele, com um olhar crítico que se lança à mítica da mulher invisível, ou a de que estava encubada nos ditames que tentaram regulá-la. Essas regulações foram, muitas vezes, transgredidas. Se não: por que foi tão importante para uma mulher, como Labé, seguida de outras contemporâneas (como trouxemos em algumas das fala de du Guillet, por exemplo) exaltar seu poder sobre si, em detrimento da figura masculina, quando estão a falar de amor? Ou quando toma partido sobre a deusa Loucura, que cativa-nos pelo tom provocante e toma o lugar principal, não só como atitude necessária ao mundo, mas como de dama ousada, forte e perspicaz. Essa questão parece incutir algo a esse interstício social entre ser e realizar, evidenciado pela escolha de narrar, através do estilo poético, um outro universo possível, mas também o absurdo e o vil. Uma memória que nos aguça sobre o destoante e lembramos da ambiguidade e do perverso que foi ser / estar no feminino.

Trabalhar com a literatura dentro da prática historiográfica significou não se deter somente nas avaliações de limitações da ficção perante o real, que deixam à margem tantos anônimos e tantos desejos comuns, ainda hoje, aos indivíduos, mas questionar o próprio lugar de fala do historiador. Essas falas, não podendo serem ditas de uma outra maneira, fazem-nos, por isso, emaranharmo-nos em conjecturas de algo do segredo que se quer revelar. “O discurso de luta não se opõe ao inconsciente: ele se opõe ao segredo”<sup>273</sup>, diz-nos Foucault, e Labé, de maneira irônica, nos sorri, alertando-nos sobre os homens que só *pretendem* ser superiores às mulheres, entretecendo seu enredo a partir desse item da sociedade que começaria então a denunciar, agindo, em cooperação, com as múltiplas formas que se interage com os eventos e com as diversas possibilidades que usamos para percebê-los.

Por fim, consideramos no mínimo complexo pensar esse lugar, vivenciá-lo e construí-lo para aquele momento. Complexo, porque o poder centralizador do Estado, junto a outros elementos políticos que visaram se cercar de certo prestígio, colaboraram com as ambições de certas mulheres para que estas exercessem uma atividade intelectual na esfera majoritariamente masculina/masculinizante. Todavia, essa mesma atmosfera esteve repleta de valores e designações que, muitas vezes, introjetados nos indivíduos, mesmo os que se situaram como questionadores, não

---

<sup>273</sup>FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.76.

deixaram as mulheres escaparem ilesas das atribuições morais quanto a atitudes nada convencionais das mesmas. Portanto, apesar de ser uma história de desejos ou ambições, que traz consigo representações da sociedade em que uma lionesa-autora viveu, conseguimos apreciar uma postura diferente em relação à mulher, que desfrutou de uma educação letrada. E tanto como loucura, mesmo tendo sido designada à exclusão, Labé, vez ou outra, conseguiu assumir a voz da razão.

## Fontes utilizadas

### Primárias:

- Barthélémy Honorât. **La bibliothèque d'Antoine DuVerdier**. 1585, Lyon.
- Claude de Rubys. **Privileges des Habitans de Lyon**. Antoine Gryphius, 1573
- François de Billon. . **Le fort inexpugnable de l'honneur du sexe femenin**, 1555.
- François de la Crois-du-Maine. **Le premier volume de bibliotheque du sieur La Croix-du Maine**. Par Abel l'Angelier: Paris, 1584.
- Guillaume Paradin de Cuyseaulx. **Memoires de l'histoire de Lyon**. 1573.
- Jacques Peletier du Mans. **L'Art Poétique**. 1555.
- Louïze Labé. **Euvres**. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555.
- Ordonnance faite et publiée de par le Roy, Lyon, 1561.

### Secundárias:

- BREGHOT DE LUT, C. *et al.* **Euvres de Louïze Labé Lionnoize**. Par Perrin *et al.* Lyon, 1824.
- BREGHOT DE LUT & PERICAUD. **Biographie lyonnaise catalogue des lyonnais dignes de mémoire**. Lyon, 1839.
- COCHARD, N. **Testament de Louise Labé**. J. M. Barret, Lyon, 1825.
- GONON, Pierre-Marie. **Documents historiques sur la vie et les moeurs de Louise Labé**, 1844.
- RUOLZ, M. **Recherches: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746)**. Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França.

## Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. Prefácio. In: **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.
- AMADO Janaína & GARCIA Ledonias F. **Navegar é Preciso**: Grandes descobrimentos marítimos europeus. São Paulo: Atual, 1989.
- AUERBACH, Erich. **Mmésis**: A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BARTHÉLEMY, Dominique. Parentesco. In: DUBY, Georges (org.). **História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença**. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. RJ: Ed. Francisco Alves, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **La Dominación Masculina**. Disponível na internet via: <http://www.4shared.com>.
- BREGHOT DE LUT, C. *et al.* **Evres de Louïze Labé Lionnoize**. Par Perrin *et al.* Lyon, 1824.
- BUCKHARDT, Jacob C. 1818 – 1897. **A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Trad. Plínio Dentzien. RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro; 2006.
- CARVALHO, Marie Jane; ROCHA, Cristianne. (org.). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- CERQUEIRA, Fábio V. Evidências iconográficas da participação de mulheres no mundo do trabalho e na vida intelectual e artística na Grécia Antiga. In: **IV Encontro de história da arte – IFCH / UNICAMP**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América: As quatro viagens e o Testamento**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- DALARUN, Jacques. As normas do controlo. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998.
- DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S.

- Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991.
- DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no Início da França Moderna**. SP: Paz e Terra, 1990 .
- DAVIS, Natalie Z. **O Retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987. p. 37-52.
- DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. Ago 1996, vol.10, no.27, p.7-39
- DUBY, Georges. **As três ordens ou imaginário do feudalismo**. Ed. Estampa: Paris, 1994.
- DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**. Do amor e outros ensaios. SP: Companhia das Letras, 1989.
- FALLABRINO, Maria V. P. **Esposas da Burguesia: Representações Femininas Nas Repúblicas Italianas do Século XV**. Acessado dia 06 de maio de 2009. Disponível em: [http://www.utp.br/historia/revista\\_historia/numero\\_2/pdf/3\\_maria\\_veronica.pdf](http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_2/pdf/3_maria_veronica.pdf)
- FARGE, Arlette. Agitadoras Notórias. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1998
- FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. Lisboa: Ed. Asa, 1994. p. 59-97; p. 145-201.
- FEBVRE, Lucien. O homem do século 16. In: MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo, Ed. Moderna, 1986. p. 23-26.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HARDING, Sandra. Is There a Feminist Method? **Feminism and Methodology**. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 1987.
- HAUSER, Arnold. Renascença, Maneirismo, Barroco. In: **História Social da Arte e da Literatura**. Trad. Álvaro Cabral. Ed. Martins Fontes; SP: 1998.
- HUCHON, Mireille. **Louise Labé: Une Créature de Papier**. Genève: DROZ, 2006.

KING, Margaret L. **Mujeres Renascentistas. La búsqueda de um espacio.** Ed. Alianza Editorial, Madrid, 1993.

LANDINI, Tatiana S. & PASSIONI, Enio. Jogos Habituais: sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. In: **Anais Eletrônicos X Simpósio Internacional Processo Civilizador.** SP:UNICAMP, 2007.

LAS CASAS, Bartolomé de. **O Paraíso destruído.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Conquista da América Vista Pelos Índios: Relatos Astecas, Maias e Incas.** RJ: Ed. Vozes.1984.

LOPES, Marcos A. **Absolutismo: Política e sociedade na Europa Moderna.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média.** São Paulo, Contexto, 2002.

MARTIN, Daniel. Louise Labé est-elle « une créature de papier » ? **RHR (Réforme, Humanisme, Renaissance)** 63, déc. 2006, p. 7-37.

PERRY, Marvin. A Idade Média e o Mundo Moderno. In: **Civilização Ocidental: Uma História Concisa.** Ed. Martins Fontes: SP: 1999

RIGOLOT, François. **Poésie et Renaissance.** Paris: Éditions du Seuil, 2002.

ROGER-VASSELIN, Bruno. La Parodie chez Louise Labé. In: **Sèizeme Siècle.** 2006, nº2. p.111-130

RUDÉ, George. O Motim Rural Francês no século XVIII. In: **A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848.** Trad. Waltenair Dutra. RJ: Campus, 1991.

RUOLZ, M. **Recherches: Discours sur la Personne et les Ouvrages de Louise Labé Lionnoise (1746).** Lyon: Imprimeur du Gouvernement et de la Ville (De l'Imprimerie d'Àymé Delaroche); 1750. - Acervo Virtual da Biblioteca Nacional da França.

SAHAGÚN, Frei Bernadino de. **História geral das coisas da Nova Espanha, 1555.**

SANTOS, Adelina P. & TOSI, Lucía. Resgatando Métis O que foi feito desse saber. In: **Estudos Feministas.** Ano 94, nº 2; 1994.

SCHWEINBERGER, Maria L. T. **A mulher no espelho de Cristina - estudo das representações femininas no final da Idade Média (Séculos XV E XVI).** Dissertação (Mestrado em História) Univerdade Federal Fluminense / Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Niterói/Marechal Cândido Rondon; 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. **Educação &**

**Realidade**, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35

SELIGMANn-SILVA, Márcio. A Literatura da Shoah no Brasil. **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Vol. 1, nº.1, out, 2007.

SKINNER, Quentin. A Renascença Florentina. In: **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. SP: Companhia das Letras; 1996.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Ed. EDUSC: São Paulo, 2003.

SOUZA, Roberto A. de. **A Teoria da Literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 1995. 5ªed.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 7, 1994, pp. 21-48.